



INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



Diferenciação Pedagógica nas primeiras idades - Visão dos profissionais de educação

Relatório final apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Rita Catarina Soares Alves

Orientadora:

Professora Maria João Cardona

2016, julho

Resumo

O presente trabalho, intitula-se de “Diferenciação Pedagógica nas primeiras idades - Visão dos profissionais de educação” e foi realizado no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo.

A diversidade dos alunos e alunas que atualmente se encontram nas classes requer que os profissionais de educação estejam mais atentos a estas diferenças para uma resposta mais eficaz. Por isso, é de extrema importância o papel do educador de infância e do professor na gestão de respostas educativas que vão ao encontro das necessidades específicas de cada criança.

Cada grupo é um grupo e cada turma é uma turma, possuindo características próprias. Cabe aos profissionais de educação identificar o progresso e a aquisição de novas aprendizagens, a fim de promover o envolvimento da criança/aluno nas atividades propostas seja em grande grupo, pequeno ou individual, de modo a favorecer a cooperação entre as mesmas. Só assim se sentem valorizadas e integradas, levando à promoção de uma escola de todos e para todos. Assim, o principal objetivo deste trabalho de pesquisa é apresentar uma análise reflexiva, de modo a perceber o que entendem os profissionais de educação sobre a diferenciação pedagógica e como é que implementam essa diferenciação na sua prática.

Para tal, estabeleceram-se as seguintes questões de investigação:

Tendo em conta as características do grupo/turma, como é que os profissionais de educação fazem a planificação das suas atividades letivas?

Como é que os profissionais de educação organizam o ambiente educativo, e que materiais é que preparam tendo em conta os diferentes alunos?

Como é que os profissionais de educação definem a diferenciação pedagógica?

Como é que os profissionais de educação integraram as diferenças nas suas práticas educativas?

Que tipo de estratégias privilegiam os professores e/ou educadores?

Que dificuldades encontram os profissionais de educação na implementação desta prática pedagógica?

Que tipo de avaliação elegem os profissionais de educação perante a diversidade dos seus discentes?

Para este tipo de pesquisa utilizou-se uma metodologia qualitativa, através da realização de entrevistas semiestruturadas a quatro educadoras de infância e quatro professoras do primeiro ciclo. A partir da análise do discurso, procurou-se compreender como é estas profissionais de educação implementam a diferenciação pedagógica na sua prática.

Da análise dos dados obtidos, pode-se perceber que as profissionais integram alguns elementos e aspetos da diferenciação pedagógica na sua prática, referindo que os alunos aprendem melhor quando estas utilizam algumas estratégias diferenciadas. Compreende-se que a utilização de estratégias de diferenciação varia de grupos para grupos, contudo algumas delas são comuns a alguns grupos ou turmas. O papel da avaliação tem um grande peso, uma vez que através desta o profissional de educação consegue obter o feedback necessário para continuar a diferenciação.

Palavras-chave: Educação Pré-Escolar; 1.º Ciclo; diferenciação pedagógica; diversidade; papel do educador e do professor, estratégias, individualização, cooperação.

Abstract

This work, titled “Pedagogical Differentiation in the early ages - Education Professionals Point of View”, is created in the context of the Master in Pre-School Education and Education of 1st Cycle.

The diversity of students and students who are currently in classes requires that education professionals are more aware of these differences for a more effective response. So, is extremely important the role of kindergarten educator and teacher managing educative answers which follow the specific needs of each child.

Each group is a group and each class is a class, with their own characteristics. It is up to education professionals to identify the progress and acquisition of new knowledges in order to promote the involvement of the child / student in the proposed activities, being in large or small group or individual, in order to promote cooperation between them. Only then they feel valued and

integrated, leading to the promotion of a school from all and for all. The goal of this research work is to present a reflective analysis of this problematic, in a way to realize what education professionals understand on pedagogical differentiation and how they implement this differentiation in practice.

To this end, we settled the following research questions:

Taking into account the characteristics of the group / class, how educational professionals do the planning of their teaching activities?

How do education professionals organize the educational environment, and what materials do they prepare taking into account the different students?

How do education professionals define adaptive education?

How have education professionals integrated the differences in their educational practices?

What kind of strategies favor teachers and / or educators?

What difficulties find education professionals in the implementation of this pedagogical practice?

What type of evaluation elect education professionals given the diversity of their students?

For this type of research we used a qualitative methodology, by conducting semi-structured interviews with four childhood teachers and four teachers of the first cycle. From the discourse analysis, we tried to understand how these education professionals implement adaptive education in their practice.

Analyzing the obtained data, can be seen that professional integrate some elements and aspects of adaptive education in their practice, noting that students learn best when they use some different strategies. It is understood that the use of differentiation strategies varies from groups to groups, but some of them are common to certain classes or groups. The role of evaluation has a great weight, because from it the professional education can obtain the necessary feedback to further differentiation.

Keywords: Pre-School Education; 1st Cycle; differentiated teaching; diversity; the role of the educator and of the teacher; strategies; individualization; cooperation.

Agradecimentos

O culminar deste trabalho espelha o meu percurso de formação académico. Como tal não poderia deixar de manifestar o meu mais sincero agradecimento a todos os que, de uma forma ou outra, me ajudaram a torná-lo possível.

À professora Maria João Cardona agradeço o privilégio de uma orientação profícua através de sugestões oportunas e críticas construtivas, apoiando-me e incentivando-me ao longo de todo este trabalho.

Às docentes supervisoras das práticas educativas em contexto de Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, pelas sugestões e orientações apresentadas no decorrer dos estágios.

Às docentes cooperantes de estágio, que abriram as portas das suas salas de atividades/aulas de modo a tornar possível a realização da prática pedagógica.

A todas as crianças com quem tive o privilégio de estagiar, pelo seu empenho, motivação, participação e espontaneidade revelados nas propostas de atividades, assim como pelo relacionamento afetivo e formativo criado com cada uma delas.

Às educadoras e professoras que prontamente colaboraram nas entrevistas realizadas por mim.

Às minhas colegas e amigas pela discussão de ideias e sugestões, com especial relevância à minha colega, amiga e companheira de estágios Vanessa Rainho, à Susana Bretes e Cátia Abreu pares de estágio que sempre nos acompanharam.

Muito carinhosamente à minha querida mãe e ao Fernando, pelo apoio incondicional que me permitiu chegar até aqui acreditando nos meus sonhos. Por terem construído comigo momentos importantes neste meu percurso, sempre com muita confiança e serenidade.

Num plano mais pessoal, mas não menos importante, uma palavra de agradecimento especial ao Daniel, meu namorado e amigo, pelo otimismo que sempre me transmitiu, incentivando-me e encorajando-me no meu percurso de formação.

Lista de siglas e abreviaturas

AEDGM	Agrupamento de Escola Doutor Ginestal Machado
AEMMC	Agrupamento de Escolas Marcelino Mesquita
AJEJD	Associação de Jardins-Escolas João de Deus
BCE	Bolsa de Contratação de Escola
CEI	Currículo Específico Individual
MEM	Movimento de Escola Moderna
NEE	Necessidades Educativas Especiais
OCEPE	Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar
PAA	Plano Anual de Atividades
PEA	Projeto Educativo Agrupamento
PEI	Programa Educativo Individual
PES	Prática Supervisionada
PT	Plano de Turma
TEA	Tempo de Estudo Autónomo

Índice Geral

Índice de Figuras	ix
Índice de Quadros	ix
Introdução	1
Parte I - O Estágio	3
1.1. Caracterização do contexto sociogeográfico das instituições	3
1.2. Contextos de Estágio e Prática de Ensino.....	4
1.2.1. Contextos de estágio e caracterização das instituições	4
Educação de Infância - Jardim de infância.....	4
1.º Ciclo do Ensino Básico - 1.º ano de escolaridade	5
Educação de Infância – Creche	6
1.º Ciclo do Ensino Básico – 4.º ano de escolaridade	8
1.2.2. Prática de ensino em Educação de Infância - Jardim de Infância	9
1.2.3. Prática de ensino em 1.º Ciclo do Ensino Básico – contexto do 1.º ano de escolaridade.....	19
1.2.4. Prática de ensino em educação de infância - Creche	26
1.2.5. Prática de ensino em 1.º Ciclo do Ensino Básico – contexto do 4.º ano de escolaridade.....	34
1.3. Relação educativa e desempenho profissional.....	43
1.4. Avaliação	45
Parte II – Pesquisa realizada	50
2.1. Reflexão das práticas pedagógicas e a emergência da questão de pesquisa.....	50
2.1.1. Questões investigativas.....	51
2.2. Enquadramento teórico	52
2.2.1. Pedagogia Diferenciada.....	54

2.2.2. Pedagogia diferenciada nas primeiras idades e a importância do papel dos profissionais de educação	59
2.2.3. A diferenciação pedagógica segundo dois modelos pedagógicos.....	65
2.3. Opção metodológica para recolha e análise de dados	70
Objetivos do estudo	71
Contextos estudados e participantes da pesquisa	71
2.4. Apresentação e análise dos dados.....	73
2.5.1. Reflexão dos dados recolhidos e analisados	73
Parte III – Considerações finais	80
Referências Bibliográficas	82
Legislação Consultada	88
Anexos	89
Anexo A – Planificação em espiral.....	90
Anexo B – Grelha de Observação da atividade de Expressão motora - Desenvolvimento motor – Desenvolvimento da motricidade global	91
Anexo C – Guião da entrevista semiestruturada.....	92
Anexo D – Transcrição das entrevistas às Educadoras e Professoras	96
Anexo E – Quadro de análise das entrevistas transcritas	121

Índice de Figuras

FIGURA 1: REFLEXÃO DA LUZ NUM CD A APONTAR PARA O TETO.	15
FIGURA 2: ATIVIDADES COM DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA.	15
FIGURA 3: SAQUINHO DAS SURPRESAS.	17
FIGURA 4: RESULTADO FINAL CARIMBAGEM DE CASTANHA.	17
FIGURA 5: REPRESENTAÇÃO DA LETRA COM PLASTICINA.	24
FIGURA 6: ESTRATÉGIA COM O MATERIAL MAB.	25
FIGURA 7: HISTÓRIA SENSORIAL.	31
FIGURA 8: ATIVIDADE DE EXPRESSÃO MOTORA COM ARCOS.	33

Índice de Quadros

QUADRO 1 CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO.	10
QUADRO 2 ENQUADRAMENTO DAS ÁREAS DE CONTEÚDO.	14
QUADRO 3- ENQUADRAMENTO DAS ÁREAS DE CONTEÚDO.	16
QUADRO 4 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA 1	20
QUADRO 5 ENQUADRAMENTO DAS ÁREAS CURRICULARES.	23
QUADRO 6 ENQUADRAMENTO DA ÁREA CURRICULAR	24
QUADRO 7 CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO.	27
QUADRO 8 ENQUADRAMENTO DAS ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO GLOBAL.	30
QUADRO 9 ENQUADRAMENTO DAS ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO GLOBAL.	32
QUADRO 10 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA DO 4.º A	34
QUADRO 11 ENQUADRAMENTO DA ÁREA CURRICULAR	38
QUADRO 12 ENQUADRAMENTO DA ÁREA CURRICULAR	41

**Ensinar não é transmitir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua própria produção
ou a sua construção.**

Paulo Freire

Introdução

A realização deste trabalho aborda os aspetos analisados nos estágios que concretizei a par com a minha colega de estágio no âmbito da Prática Pedagógica Supervisionada, realizada nas valências de Creche e Jardim de Infância e no ensino do 1.º Ciclo, nomeadamente no 1.º e 4.º anos.

Esta pesquisa, sobre a diferenciação pedagógica, iniciou-se aquando da realização dos estágios no Mestrado, no qual apresento alguns relatos dessa experiência de modo reflexivo, que me despertou a curiosidade de saber e poder fazer mais para ajudar as crianças na sua aprendizagem. Para tal, esta pesquisa teve como principal objetivo perceber como é que os profissionais de educação encaram a diferenciação pedagógica e de que modo a colocam em prática.

Deste modo, a pesquisa desenvolveu-se através de uma metodologia qualitativa, com entrevistas semiestruturadas a oito profissionais de educação, sendo que quatro eram educadoras de infância e as outras quatro professoras do 1.º ciclo.

O desenvolvimento desta pesquisa sustenta-se na convicção de que uma aprendizagem diferenciada pode e deve ser encarada como uma mais-valia para cada criança/aluno numa escola para todos. Atualmente, a diversidade que se encontra no contexto escolar é bastante diversificada, o que nos leva, e no meu caso específico enquanto futura profissional de educação, a estar atenta a essa diversidade. Tendo em conta a questão das capacidades, dos tipos de aprendizagem, dos interesses, das vivências, das condições de vida, da própria cultura, todas estas e muitas outras diferenças, necessitamos da atenção e da capacidade de responder a todas sem exceção. Este trabalho encontra-se estruturado do modo que a seguir se apresenta.

A primeira parte destina-se à caracterização dos contextos sociogeográficos das instituições, na qual são mencionados aspetos referentes à caracterização das mesmas e aos seus projetos. Descrevo também a caracterização dos grupos e turmas, bem como a operacionalização e projetos realizados por mim em conjunto com a minha colega de estágio.

A segunda parte destina-se à pesquisa realizada, com a reflexão das práticas pedagógicas que emergiram na questão problema. Ainda nesta parte é possível perceber o enquadramento teórico deste trabalho e compreender a importância da diferenciação pedagógica nas primeiras idades.

Seguidamente surgem as opções metodológicas para a recolha e análise dos dados, através da análise e reflexão dos contextos estudados e da participação dos entrevistados. Termine esta segunda parte com a apresentação e reflexão dos dados recolhidos.

A terceira parte culmina com as considerações finais que espelham as principais conclusões da realização deste trabalho de modo reflexivo. Por fim seguem-se as referências bibliográficas e os anexos que complementam todo este trabalho de pesquisa.

A frequência dos estágios e a realização deste trabalho de pesquisa permitiram-me estar mais atenta às questões da diversidade com que nos deparamos dentro das salas de aula. Cada criança tem o seu próprio ritmo e as suas próprias especificidades de aprendizagem o que deve ser respeitado e encarado de forma natural e não ser impedimento à sua aprendizagem.

Parte I - O Estágio

1.1. Caracterização do contexto sociogeográfico das instituições

Os estágios realizados no contexto do Mestrado no que respeita à Prática de Ensino Supervisionada em Educação de Infância – Creche e Jardim de Infância e no 1.º Ciclo do Ensino Básico - 1.º e 2.º anos decorreram em instituições da cidade de **Santarém**, nos anos letivos 2014/2015 e 2015/2016. O último estágio relativo à Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico – 3.º e 4.º anos, foi realizado na cidade do **Cartaxo**, no ano letivo 2015/2016.

O concelho de Santarém faz fronteira com os concelhos de Porto Mós, Alcanena, Torres Novas, Cartaxo, Almeirim, Golegã, Chamusca, Alpiarça, Rio Maior e Azambuja e situa-se na margem direita do rio Tejo (*Santarém, um roteiro Natural do Concelho*, 1996, citado por Câmara Municipal de Santarém, n/d).

Segundo a Câmara Municipal de Santarém (n/d.), devido à reorganização administrativa das freguesias, atualmente, a cidade possui 18 freguesias e é capital do distrito de Santarém. O concelho de Santarém segundo os censos de 2011 (citado por, Câmara Municipal de Santarém, n/d.) possui 62 200 habitantes.

Quanto às respostas sociais, a Câmara Municipal de Santarém (n/d.) refere que o concelho dá resposta a 391 crianças na valência de creche (60,6% da rede solidária e os restantes 29,4% da rede privada com fins lucrativos) e 658 crianças em ATL (74,2% da rede solidária e 25,8% da rede privada com fins lucrativos). Esta possui 14,9 km² de área e a sua população é constituída por 9 044 habitantes, de acordo com os censos de 2011 referidos pela Câmara Municipal de Santarém (n/d.). A cidade de Santarém é considerada a Capital do Gótico Português devido ao seu património artístico e arquitetónico, deixados pelas ocupações romana e árabe.

O concelho do Cartaxo pertence ao distrito de Santarém, situado na margem direita do rio Tejo a treze quilómetros de Santarém e a cinquenta e cinco quilómetros de Lisboa. Este concelho está limitado a norte pelos concelhos de Santarém e Azambuja, a leste pelo concelho de Almeirim e a sul pelos concelhos de Azambuja e Salvaterra de Magos (Projeto Educativo, 2013/2017).

O concelho do Cartaxo situa-se no coração do Ribatejo, ocupa uma área de cerca de 160 km², sendo constituída por oito freguesias, a saber: Cartaxo,

Ereira, Lapa, Pontével, Valada, Vale da Pedra, Vale da Pinta e Vila Chã de Ourique. Este ano, com o processo de reestruturação das freguesias, estas passaram a ser 6, com a união do Cartaxo com Vale da Pinta e da Ereira com a Lapa (Câmara Municipal do Cartaxo, 2012). Estas freguesias possuem especificidades, tendo em comum a riqueza paisagística, um valioso património edificado e uma população que valoriza a história e as tradições rurais.

A cultura da vinha e a produção de vinhos estão também ligadas ao concelho, atribuindo-lhe o título de Capital do Vinho. A cidade acolhe também o museu do vinho mais antigo e rural do mundo, bem como uma das festas mais emblemáticas do concelho, dedicada ao vinho (Câmara Municipal do Cartaxo, 2012).

1.2. Contextos de Estágio e Prática de Ensino

1.2.1. Contextos de estágio e caracterização das instituições

Educação de Infância - Jardim de infância

A prática pedagógica decorreu entre 4 de novembro a 21 de dezembro de 2014 numa instituição de pré-escolar, mais concretamente na valência de Jardim de Infância, localizada numa área urbanizada e próxima de vários estabelecimentos e instituições de primeiras necessidades para a população. A população caracterizava-se pela sua diversidade cultural, resultante de uma diversidade social em valores e padrões.

A instituição era composta por três salas, sendo a terceira sala contígua ao edifício principal. O edifício principal era constituído por duas salas de atividades, destinadas às atividades das crianças, um salão polivalente, destinado a atividades conjuntas, refeitório, acolhimento e recreio, uma sala de música, uma casa de banho para as crianças. Tinha ainda um gabinete, destinado às educadoras, equipado de uma casa de banho e uma arrecadação, uma casa de banho para as assistentes operacionais, uma copa, duas arrecadações de apoio à copa e outra de materiais de limpeza. O exterior era composto por espaço descoberto (recreio) para diversas atividades, equipado de uma área de areia com uma casa de madeira, um escorrega e trepadeira com piso adequado, uma mesa de madeira com bancos, duas mesas de plástico com bancos, uma casinha de plástico e triciclos. O edifício adjacente ao Jardim de Infância, destinado à sala de atividades, era composto por um espaço de

atividades, uma casa de banho para as crianças, uma arrecadação e um espaço de cabides.

Na instituição destacam-se dez profissionais, dos quais é possível mencionar três educadoras, uma docente do agrupamento para apoio aos projetos e quatro assistentes operacionais, pertencentes à Câmara Municipal de Santarém. No que respeita à Componente de Apoio à Família, o Jardim de Infância dispunha de uma professora de música, um professor de educação física e uma professora de expressão dramática.

O horário do Jardim de Infância era de 40 horas semanais, podendo ser alargado às 45 horas conforme as necessidades das famílias, com a devida autorização do Ministério da Educação. O horário diário dividia-se em duas componentes, a saber: a letiva, funcionando das 9h00 às 12h00 e das 13h15 às 15h15; e a de apoio à família, com duração de 3 a 4 horas.

Quanto à caracterização sócio profissional das famílias, a educadora cooperante mencionou que, dada à conjuntura atual do país, naquele momento existe uma disparidade quanto à situação profissional das famílias, sendo que onze pais estão desempregados e quinze pertencem aos quadros médios. No que confere às habilitações académicas a maioria das famílias possui licenciatura e uma minoria apenas o ensino básico.

1.º Ciclo do Ensino Básico - 1.º ano de escolaridade

O estágio no 1.º ano de escolaridade ocorreu entre 7 de abril a 15 de maio de 2015. A escola do 1.º CEB localizava-se na União das Freguesias da cidade de Santarém. Relativamente ao meio envolvente, de acordo com o observado, este dispõe de zonas habitacionais de renda económica, como por exemplo os Serviços Sociais da Polícia de Segurança Pública e as da Cooperativa de Habitação para Jovens, edifícios de qualidade média a superior e ainda cafés, restaurantes, lojas de roupa, cabeleireiros, farmácias, centro de saúde, hospital, instituições bancárias, hotéis, escolas, imobiliárias, extensão dos CTT e possui mais alguns espaços de lazer.

No que respeita aos aspetos físicos e materiais do estabelecimento, de acordo com o observado, a instituição encontrava-se muito bem organizada. Este edifício foi construído de raiz, com dois pisos ligados entre si por uma escadaria principal que permitia a ligação às várias divisões por corredores

cobertos. Ao passar o portão de entrada da escola, verificava-se a existência de estacionamento destinado apenas aos docentes e funcionários.

Na entrada principal do edifício (1.º piso) encontrava-se a receção, com a ocupação permanente de uma assistente operacional, responsável por direcionar as crianças, pais, docentes e outros. Ainda neste piso, encontravam-se a maior parte das salas de aula, a sala de professores, uma sala de apoio, uma sala de acompanhamento de crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE), o ginásio, a biblioteca e casas-de-banho (três para os alunos, sendo uma delas adaptada a crianças portadoras de NEE, e uma para os adultos). No rés-do-chão encontravam-se as duas salas de jardim-de-infância, duas salas de aula, o polivalente, o refeitório, a sala das assistentes operacionais e casas-de-banho. No espaço exterior do rés-do-chão, havia um campo de futebol, um parque infantil e um amplo espaço para diversas atividades livres.

No que respeita ao corpo docente, este apresentava-se organizado segundo as suas especificidades, sendo que existiam seis professores do 1.º ciclo, duas educadoras de infância, duas professoras de NEE, três professoras de apoio, sendo uma das professoras de apoio à coordenação. No que concerne ao funcionamento extra docente, existiam nove assistentes operacionais.

A componente letiva era compreendida das 9:00h e as 12:30h e das 14:00h às 16:00h. Contudo, existiam atividades de enriquecimento curricular, AEC, que decorriam entre as 16:30h e as 17:30h. Existiam, também, três períodos de intervalos, que decorriam nos seguintes horários: o primeiro das 10:30h às 11:00h; o segundo das 15:00h às 15:15h e o terceiro das 16:15h às 16:30h.

No que respeita à caracterização socioprofissional das famílias, a docente cooperante mencionou que, dada à conjuntura atual do país, naquele momento, existia uma grande disparidade quanto à situação profissional das famílias. No que confere às habilitações académicas a maioria das famílias possuía o ensino básico e apenas uma minoria possuía licenciatura.

Educação de Infância – Creche

A Prática Pedagógica decorreu num curto período, de 20 a 30 de outubro de 2015. A valência de creche encontra-se atualmente sob a tutela do Ministério da Solidariedade e Segurança Social, enquanto o pré-escolar está inserido na

Lei Base do Sistema Educativo, contudo, segundo Vasconcelos (2001), na Recomendação do Conselho Nacional de Educação dos 0 aos 3 anos refere que a Lei-Quadro da educação pré-escolar deveria abranger a creche para que a educação nesta faixa etária fosse concebida como um direito e não apenas uma necessidade social. A instituição pertencente à União das Freguesias da cidade de Santarém, no que respeita ao meio envolvente esta localiza-se perto da zona industrial de Santarém e trata-se de um bairro habitacional de classe média-alta. Este edifício foi construído de raiz, e nele funcionam as valências de creche, pré-escolar, 1.º e 2.º ciclos do ensino básico.

No que respeita aos aspetos físicos e materiais do estabelecimento, segundo o que foi observado, é possível referir que a instituição se encontrava muito bem organizada. Tratava-se de um edifício com dois pisos ligados entre si por uma rampa principal e que permite a ligação às várias divisões, por corredores cobertos. No rés-do-chão encontrava-se a entrada principal do edifício, o gabinete de direção, a sala de professores, a biblioteca, o ginásio, o refeitório, a cozinha, duas despensas, uma lavandaria, quatro casas de banho para adultos, duas casas de banho de apoio ao ginásio e uma despensa para material didático. No edifício adjacente para o 2.º ciclo existiam duas salas de aulas, um laboratório, duas casas de banho para alunos.

No 1.º piso encontravam-se as valências de creche, pré-escolar e 1.º CEB, constituídas por dez salas e um salão, uma sala para biblioteca, duas casas de banho para adultos, uma para deficientes e quatro para alunos, uma Sala Mãe, que serve para as mães que estejam a amamentar, uma copa para preparação de lanches. No espaço exterior existia ainda um campo de futebol, um recreio descoberto e dois pátios semi-descobertos.

No que respeita aos aspetos materiais, a instituição estava equipada com diversos materiais didáticos, tais como: impressoras, computadores, fotocopiadoras, projetores, televisões, uma mesa de apoio a audiovisuais, *data-show*, vídeo, leitor de DVDs, máquinas fotográficas, câmara de vídeo, sistema de som, material de educação física e material didático.

O período de funcionamento abrangia atividades letivas e não letivas, que funcionavam de segunda a sexta-feira com abertura às 8h00 e o encerramento às 19h00. O horário do berçário, da creche e do pré-escolar eram compreendidos entre as 8h00 e as 19h00. Sendo que das 8h00 às 9h00 dizia respeito à componente de apoio à família, das 9h00 às 12h00 era a componente educativa,

das 12h00 às 14h30 a componente de apoio à família, das 14h30 às 16h30 a componente educativa e das 16h30 às 19h00 era de novo a componente de apoio à família (artigo 20.º do Regulamento Interno, 2013/2015).

No que respeita à caracterização socioprofissional das famílias, a educadora cooperante mencionou-nos que a situação profissional é bastante razoável dada a conjuntura atual do país, pertencendo os familiares diretos aos quadros médios. No que confere às habilitações académicas a maioria das famílias possuía licenciatura e uma minoria possuía apenas o ensino básico.

1.º Ciclo do Ensino Básico – 4.º ano de escolaridade

O estágio no 4.º ano de escolaridade sucedeu-se no período de 2 de dezembro de 2015 a 15 de janeiro de 2016.

A Escola Básica localiza-se na União de Freguesias do Cartaxo e Vale da Pinta. Relativamente ao meio envolvente, de acordo com o observado, este dispõe de edifícios de qualidade média a superior, assim como cafés, restaurantes, lojas de roupa, cabeleireiros, farmácias, centro de saúde, instituições bancárias, hotéis, escolas, imobiliárias, CTT e, ainda, alguns espaços de lazer.

No que respeita aos aspetos físicos e materiais do estabelecimento, segundo o que foi observado, é possível mencionar que a instituição se encontrava bem organizada. Ao passar o portão de entrada da escola, o espaço exterior possui um campo de futebol, diversos balneários e um amplo espaço para as atividades livres. O estabelecimento é constituído por três edifícios, sendo que num deles funcionava o refeitório, no outro, as turmas de Percurso Curricular Alternativo (PCA) e no último era o edifício principal composto por dois pisos ligados entre si por duas escadarias principais que permitem a ligação aos corredores.

Na entrada do edifício principal encontrava-se a receção, com a ocupação permanente por assistentes operacionais, 5 salas de aula, 1 unidade de ensino estruturado, 1 gabinete de coordenação, 1 sala de professores com copa, 1 sala de funcionárias, 1 reprografia, 1 enfermaria, 3 salas de arrumos, 2 casas de banho para os professores, 2 casas de banho para alunos, 1 casa de banho adaptada para os alunos portadores de NEE, 1 elevador e 2 escadas de acesso ao 1.º piso. No 1.º piso encontram-se 10 das salas de aula, 1 sala de

apoio educativo, 1 biblioteca escolar, 1 centro de recursos TIC, 1 sala de informática, 1 sala de arrumos de material didático e 1 sala de arrumos.

A componente letiva decorria nos períodos das 9h00 às 12h00 e das 13h30 às 16h00, contudo existem atividades de enriquecimento curricular que decorrem entre as 16h30 e as 17h30. Existiam, também, três períodos de intervalos, que decorriam nos seguintes horários: o primeiro das 10h30 às 11h00; o segundo das 12h00 às 13h30 e o terceiro das 16h00 às 16h30.

No que respeita ao pessoal docente, a escola do 1.º Ciclo contava com quarenta e oito docentes, sendo que treze pertenciam à educação especial. Quanto ao pessoal não docente, registava-se a existência de sessenta assistentes operacionais e dezoito assistentes técnicos. Estes profissionais cumpriam as suas funções com empenho, profissionalismo e dedicação de forma a garantir aos alunos os melhores serviços prestados (Projeto Educativo, 2013/2017).

No que respeita, à caracterização socioprofissional das famílias, a docente cooperante referiu que, dada à conjuntura atual do país, nesse momento, existia uma disparidade quanto à situação profissional das famílias, sendo que sete estavam desempregados e a grande maioria pertencia aos quadros médios. No que confere às habilitações académicas a maioria das famílias possuía o ensino secundário e uma minoria possuía licenciatura.

1.2.2. Prática de ensino em Educação de Infância - Jardim de Infância

Neste estágio teve-se oportunidade de acompanhar a educadora cooperante, e o seu grupo, cuja caracterização se apresenta em baixo descrita. No que respeita à prática pedagógica, a planificação em espiral (anexo A) permitiu ter uma visão global das atividades a desenvolver quer ao nível do projeto quer ao nível de atividades significativas que se inserem num processo não linear, permitindo que a aprendizagem das crianças tome várias direções a partir de um único interesse.

Contudo, teve-se em conta as diferentes áreas de conteúdos a saber: área de conhecimento do mundo; área das expressões; motora, plástica, musical e dramática; área de formação pessoal e social; área da expressão e comunicação que engloba os domínios da linguagem oral e abordagem à escrita;

área da matemática e das tecnologias de informação e comunicação (ME-DEB, 1997).

Caracterização do grupo

No âmbito do estágio em Jardim de Infância, conforme mencionado anteriormente acompanhou-se a educadora cooperante e o seu grupo, designado por grupo 3, constituído por 23 crianças, (quadro 1). No grupo não existia qualquer criança com necessidades educativas especiais, contudo uma das crianças possuía a língua Portuguesa como língua Não Materna.

Quadro 1 Caracterização do grupo.

Caracterização do grupo 3	
Número de crianças	23 crianças
Idades	3 a 5 anos
Género	10 do sexo masculino e 13 do sexo feminino
Crianças com língua Portuguesa com língua Não Materna	1 criança

Era um grupo heterogéneo quanto ao género e à idade, as crianças tinham idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos, no entanto o grupo era maioritariamente de 3 anos. O ser humano passa por quatro estádios de desenvolvimento cognitivo. Estes ocorrem de forma ordenada e previsível desde que nasce até à fase da adolescência, contudo a passagem de um estágio para o outro pode variar consoante o indivíduo e o ambiente que o rodeia. A passagem de um estágio para o outro ocorre quando o indivíduo adquire uma maturação individual e retém as influências dos contextos ambientais que o rodeiam (Piaget n/d, citado por Barros, 2011). Assim, a perspetiva piagetiana visa que a criança detém o seu conhecimento e o desenvolve a nível intelectual através da sua ação espontânea sobre o ambiente, só assim é que esta desenvolve e constrói a sua aprendizagem (Barros, 2011).

As crianças encontravam-se no estágio pré-operatório (2 aos 7 anos), sendo que neste estágio a criança já é capaz de distinguir os significantes dos significados. É também durante este estágio que surge o jogo simbólico em que a criança passa a utilizá-lo como instrumento para se inserir no mundo “real”, o mundo dos adultos. O grupo era bem-disposto, assertivo e, apesar da faixa etária

predominante ser os três anos, evidenciou-se, o facto de este ser muito curioso, funcionando muito bem, na medida em que os mais novos sentiam-se apoiados pelos mais velhos. Durante o estágio pôde constatar-se que gradualmente o grupo adquiriu um sentimento de pertença entre eles demonstrando manifestações de afeto e de entreajuda.

Através de conversas informais com a educadora cooperante, dos dados recolhidos e da observação, verificou-se que os interesses do grupo recaiam essencialmente nas atividades de expressão motora; dramática; oral (histórias, poesias, lengalengas) musical e plástica, atividades de mesa e jogos de construção.

Objetivos essenciais do Plano Anual de Atividades e do Projeto Educativo

Esta instituição encontrava-se envolvida em vários projetos, a saber: *Plano Nacional de Leitura – Leitura Vai Vem*, *Projeto Educação para a Saúde*, *Os Heróis da Fruta*, *A Ciência e a Arte*, e *As Famílias no Jardim*. O Plano Anual de Atividades previa ainda alguns projetos que poderiam decorrer ao longo do ano letivo assim como algumas atividades festivas e visitas de estudo (Plano Anual de Atividades, 2014/2015).

No decorrer do estágio observou-se as dinâmicas do grupo, bem como as rotinas do mesmo, de forma a perceber qual a importância do projeto a implementar e como aplicá-lo nesta comunidade educativa, pois observar permite ao educador ter “um conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto, pois só assim o adulto consegue conhecer os contextos, as pessoas que nele se movimentam e as suas interações” (Máximo-Esteves, 2008, citado por Pereira, 2013, p.6). Observou-se a implementação de atividades por parte da educadora cooperante que iam ao encontro do PAA (2014/2015), das quais se pode destacar o envolvimento das famílias em atividades escolares, promovendo uma verdadeira comunicação entre a escola e a família, nomeadamente na atividade *As Famílias no Jardim*.

O projeto implementado intitulou-se “Pequenos Exploradores à Descoberta ...” e alicerçou-se na curiosidade natural das crianças deste grupo. Através de conversas informais com a educadora cooperante o grupo, e após refletir, decidiu-se dar continuidade aos projetos que estavam a ser desenvolvidos, nomeadamente o projeto educativo da educadora cooperante, “À descoberta... Eu e os Amigos”. Deste modo, considerou-se que “Pequenos

Exploradores à Descoberta...” seria uma junção harmoniosa de conceitos, formando o núcleo conceptual/aglutinador do projeto assim como um caminho de possibilidades, tendo em conta a convergência dos interesses e as características das crianças, através do trabalho de equipa (estagiárias/educadora/assistentes/ famílias e comunidade escolar) assente na planificação/avaliação da intervenção educativa. No desenvolvimento deste projeto procurou-se desenvolver uma teia que envolvesse e valorizasse todas as áreas de conteúdo, no âmbito da diferenciação pedagógica, explorando/valorizando mais as áreas da Formação Pessoal e Social, a área do Conhecimento do Mundo e a área da Expressão e Comunicação.

A criança desempenha um papel ativo na construção da sua própria aprendizagem, permitindo respeitar e valorizar as suas próprias características. Assim, é imprescindível o papel do educador como um bom investigador, de modo a conhecer o grupo e ir ao encontro das suas necessidades (Soares, 2011). A elaboração de um projeto poderá partir da própria criança ou ser proposto pelo educador, contudo o educador possui um papel determinante no decorrer do projeto, apoiando e alargando as propostas das crianças de modo a enriquecer e a orientar as suas aprendizagens (Katz, Ruivo, Silva & Vasconcelos, 1998). Nesta pedagogia o educador constrói a aprendizagem em conjunto com as crianças.

O educador envolve-se em todo o projeto apresentando as suas dificuldades, dúvidas e necessidades de novos saberes, contudo tem a função de orientador das crianças nas suas investigações e está atento à interação entre as crianças de modo a ajudá-las a ultrapassarem as suas dificuldades. Sendo os principais intervenientes, as “crianças e educadores são construtores de saberes e novos saberes. Assim, os adultos valorizam o erro, a incerteza, a dúvida criadora. Não evitam o conflito cognitivo, antes o incorporam e integram” (Katz, Ruivo, Silva & Vasconcelos, 1998, p.145). Deste modo, o profissional de educação deve intervir apenas quando é necessário envolver as crianças no projeto e não deve tentar subverter o que as crianças estão a fazer, deve segurá-las pela mão, mas mantê-las com os pés assentes no chão (Malaguzzi, 1993, citado por, Katz, Ruivo, Silva & Vasconcelos, 1998).

Neste sentido, o diálogo com as crianças foi uma mais-valia, na medida que se explicou a possibilidade de serem exploradores, tendo sido explicado o

conceito, nesta aventura de projeto por uma das crianças de 4 anos, no qual todos concordaram participar.

Planeamento e operacionalização das atividades educativas

No que respeita ao planeamento da prática educativa, como referido anteriormente a planificação foi realizada primeiramente em teia, de modo a possibilitar uma visão global das atividades a desenvolver e posteriormente colocámos em espiral, uma vez que se partiria do conhecimento mais restrito para um conhecimento mais abrangente. As redes podem ajudar um profissional de educação a criar abordagens pedagógicas que incluam as diversas áreas do currículo de forma específica para cada grupo de crianças (Spodeck, 1998, citado por Rocha, 2013). Desta forma, pode-se concluir que o educador, no ato de planear, deve envolver a criança, atribuindo-lhe voz ativa, no pensamento e na idealização de atividades que respondam às suas necessidades, interesses e motivações, pois se tal acontecer estas sentir-se-ão parte integrante do seu próprio processo de ensino e aprendizagem.

Certamente, o educador possui um papel importante no momento em que planifica, pois através da planificação este dá “à criança poder para se escutar e para comunicar à escuta, para fazer planificações como forma refletida de iniciar a ação” (Formosinho e Andrade, 2011, citado por Lima, 2013, p.46). Esta prática foi utilizada no contexto, em diversas situações de planeamento de atividades, tendo em conta que as mesmas poderiam sofrer alguma alteração pois a planificação não deve ser estanque, mas sim dinâmica e sempre que necessário reformulada de acordo com os interesses e necessidades das crianças (Vasconcelos, 1991). De seguida apresenta-se a descrição refletida e fundamentada de duas atividades consideradas pertinentes ao contexto em que se desenvolveu a prática.

Descrição e reflexão de uma primeira atividade pedagógico-didática

Nesta atividade pretendia-se que as crianças compreendessem como se forma o arco-íris. Como a sala em questão era designada por sala arco-íris e como o projeto se intitulava de “Pequenos Exploradores à Descoberta”, fez todo o sentido explorar este tema, tendo um fio condutor e estando devidamente enquadrado nas atividades anteriormente realizadas. Para esta atividade foram definidos os seguintes objetivos (quadro 2).

Quadro 2 Enquadramento das áreas de conteúdo¹.

Área de Conteúdo: Área da Expressão e da Comunicação	
Domínios/ Subdomínios	Objetivos de aprendizagem
Linguagem oral e abordagem à escrita	Desenvolver a linguagem oral; reconhecer palavras do seu quotidiano.
Matemática	Associar um determinado número a um determinado símbolo (cor).
Expressão plástica	Sensibilizar para a estética; desenvolver a motricidade fina; associar determinado número a uma determinada cor.
Área de Conteúdo: Área do conhecimento do mundo	
Domínios/Subdomínios	Objetivos de aprendizagem
Conhecimento do Mundo	Proporcionar momentos de aprendizagem e contacto com métodos experimentais, despertar o gosto pela ciência, perceber as conceções alternativas.
Área de Conteúdo: Área de Formação Pessoal e Social	
Domínios/Subdomínios	Objetivos de aprendizagem
Formação Pessoal e Social	Fomentar a cooperação e entreajuda, Compreensão de regras, promover a socialização

Deste modo, dialogou-se com as crianças sobre que atividades se podem realizar durante o dia, e à noite. De seguida, explorou-se elementos da natureza, em particular falou-se das nuvens e do Sol e sobre o que acontece quando as nuvens tapam o Sol, e quando as nuvens ficam muito escuras o que acontece, de modo a levá-las a falar da chuva e posteriormente do arco-íris. Chegou-se assim ao foco essencial desta atividade, como será que aparece o arco-íris.

¹ Planificação realizada de acordo com a versão das OCEPE (ME-DEB, 1997).

Aquando do diálogo registou-se as concepções prévias que cada criança tinha sobre o tema.

A abordagem deste tema assim como o decorrer da experiência resultou muito bem, uma vez que o grupo esteve bastante envolvido e participativo. Este esteve bastante atento e curioso, de ressaltar que a experiência com a luz e a água resultaram de acordo com as expectativas criadas, contudo o que teve mais impacto quanto à formação do arco-íris, foi quando se utilizou um cd e se apontou para o foco de luz e viu-se refletido no teto da sala o arco-íris (figura 1).



Figura 1: Reflexão da luz num cd a apontar para o teto.

Esta atividade experimental foi bastante motivadora para todas as crianças, tendo todas a possibilidade de a realizar. Na atividade que se seguiu, teve-se em conta a diferenciação pedagógica dado que a heterogeneidade de alunos nas escolas deve ser encarada como uma mais-valia para o currículo devido à contextualização e diferenciação da ação da escola e dos professores de forma a garantir mais e melhores aprendizagens (Roldão, 2003, citado por Melo, 2011).

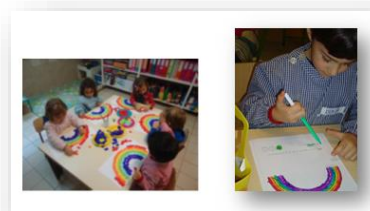


Figura 10: Atividades com diferenciação pedagógica.

Daí tivesse tido em conta a diferenciação pedagógica, já que o grupo de 4 e 5 anos realizou uma ficha de matemática que consistia na associação do número à cor correspondente do arco-íris e o grupo de 3 anos realizou, em simultâneo, um trabalho de expressão plástica de cariz matemático contando que tinham de colar papel crepe da cor correspondente a cada linha do arco-íris (figura 2). Destaca-se nesta atividade a importância da realização da diferenciação pedagógica, uma vez que determinados conteúdos podem ser exaustivos para crianças tão pequenas. Assim, considera-se de facto importante a aplicação desta pedagogia, porque a diferenciação pedagógica parte do conhecimento da

criança e do que esta é capaz de fazer para aumentar os seus conhecimentos, resultando de uma observação contínua (ME-DEB, 1997).

Descrição e reflexão de uma segunda atividade pedagógico-didática Jardim de Infância

Nesta atividade, pretendia-se que as crianças reconhecessem os frutos da época, nomeadamente a castanha, e que valorizassem as tradições. Para esta atividade foram definidos os seguintes objetivos (quadro 3).

Quadro 3- Enquadramento das áreas de conteúdo².

Área de Conteúdo: Área da Expressão e da Comunicação	
Domínios/ Subdomínios	Objetivos de aprendizagem
Linguagem oral e abordagem à escrita	Desenvolver a linguagem oral; reconhecer palavras do seu quotidiano; identificar oralmente o tema da história e as suas personagens; desenvolver a coordenação óculo-manual; desenvolver a motricidade fina.
Matemática	Associar o número à quantidade.
Expressão plástica e musical	Sensibilizar para a estética; desenvolver a motricidade fina; associar o número à quantidade; promover o gosto pela música.
Área de Conteúdo: Área do conhecimento do mundo	
Domínios/Subdomínios	Objetivos de aprendizagem
Conhecimento do Mundo	Despertar a curiosidade e o desejo de saber mais; reconhecer os frutos da época; conhecer e valorizar festas e tradições.
Área de Conteúdo: Área de Formação Pessoal e Social	
Domínios/Subdomínios	Objetivos de aprendizagem
Formação Pessoal e Social	Promover a socialização e regras de convivência.

² Planificação realizada de acordo com a versão das OCEPE (ME-DEB, 1997).

Fazendo parte integrante do projeto, criou-se o saquinho das surpresas (figura 3) e colocou-se na parte de fora do saco a palavra “Castanhas”. Lá dentro continha um ouriço da castanha, castanhas e um papel com a cor castanha. Esta atividade decorreu na área do tapete, tendo o saquinho das surpresas passado por todas as crianças, de modo a que estas pudessem manusear e observar.



Figura 19: Saquinho das surpresas.

Como esta atividade pretendia-se que todas as crianças tivessem contacto com uma nova palavra³, e com o que estava dentro do saco, nomeadamente a castanha, o ouriço e o papel com a cor castanha. De seguida iniciou-se o diálogo com as crianças sobre o que é o Dia de S. Martinho (como o costumam festejar e se costumam comer castanhas) de modo a que cada uma pudesse partilhar as suas experiências sobre esta época festiva. A grande maioria já conhecia o fruto, castanha, contudo não conheciam o ouriço da castanha.

No seguimento da atividade anterior, já que todas as crianças tinham contactado com o fruto, realizou-se uma atividade de matemática com o auxílio às expressões. Esta atividade consistiu na carimbagem de castanhas, associando o número às carimbagens que tinham de realizar (figura 4).

Nesta atividade houve necessidade de realizar a diferenciação pedagógica, ou seja, as crianças de 3 anos tinham uma ficha com três números que já lhes era familiar. As de 4 e 5 anos tinham mais números. De referir que esta atividade foi realizada em pequenos grupos de modo a apoiar cada criança, enquanto que em simultâneo as restantes estavam a fazer atividades com plasticina.



Figura 28: Resultado final carimbagem de castanha.

³ No que respeita à palavra que estava no saquinho das surpresas, essa atividade era destinada aos 5 anos uma vez que eles tinham de fazer a divisão silábica da palavra, e posteriormente iriam escrevê-la (área da escrita). No entanto e como estávamos em grande grupo, todas as crianças participaram nesta atividade, só existindo diferenciação pedagógica no momento em que as crianças de 5 anos escreveram a palavra.

Finalizada a atividade, já na área do tapete, contou-se a história da “Maria Castanha”, e no final dialogou-se com todas as crianças sobre a mesma, tendo os mais velhos facilmente identificado as personagens e lembrado o título da história. Porém, os mais novos também conseguiram identificar o tema bem como as personagens. Foi gratificante constatar que os mais velhos estavam sempre disponíveis para auxiliar os mais novos, quer em termos de vocabulário como no que respeita ao cumprimento de regras, nomeadamente saber esperar pela sua vez para poder falar. De ressaltar também a importância dos momentos musicais em que todas as crianças gostavam de participar e com elas também se aprendeu músicas novas.

No que respeita à organização e gestão da sala, aquando estas atividades descritas acima, sempre que houve necessidade de se alterar a disposição da sala, teve-se toda a liberdade para o fazer. Quanto à participação de todas as crianças, esta foi bastante positiva, no sentido em que demonstraram sempre interesse e vontade de participar nas atividades. Procurou-se sempre adequar a aprendizagem tendo em conta a especificidade das crianças já que, o profissional de educação tem como função primordial organizar as situações de aprendizagem, observar os comportamentos e adequar a sua intervenção às necessidades que identifica (Postic, 2008; Santos, 2007). No que concerne à avaliação desta atividade foram realizados registos fotográficos, observação direta e lista de verificação, assim como no final do dia reunia-se o grupo na área do tapete e debatia-se as atividades realizadas nesse dia, tendo cada criança oportunidade de mencionar os pontos fortes e fracos.

Organização do ambiente educativo

O estágio decorreu na sala que se encontrava separada do edifício principal. Esta era espaçosa, com alguma luz natural, visto que tinha duas janelas grandes. Na perspetiva de Pereira (2013), o ambiente físico revela o modo como as crianças são apoiadas no desenrolar do seu crescimento, verificando-se se o contexto em que estão inseridas é facilitador da aprendizagem. Esta pode estar condicionada, pois depende da dimensão que o educador crie e das oportunidades que dá às crianças para que se envolvam, na medida que transversalmente lhe “permitirão um equilíbrio de poder para lhe possibilitarem introduzir inovações” (Bronfenbrenner, 1979; Hohmann & Weikart, 2011, citado por Pereira, 2013 p.5).

As áreas eram compostas por uma grande variedade e quantidade de materiais e estes encontravam-se bem organizados e devidamente identificados, possibilitando às crianças o fácil acesso, de forma a promover a sua imaginação e criatividade de diversas formas. Tornou-se assim a sala num lugar cativante, contando que “os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender” (ME-DEB, 1997, p. 37).

É fundamental que a organização do espaço esteja consoante o grau de interesse das crianças (Pereira, 2013). Assim sendo, a organização do espaço é suscetível a mudanças. Durante a prática pedagógica e sempre que se sentiu necessidade alterou-se a disposição da sala, pois tinha-se como objetivo principal criar um ambiente benéfico ao processo de ensino/aprendizagem, sendo a responsabilidade do educador refletir sobre a sua disposição.

1.2.3. Prática de ensino em 1.º Ciclo do Ensino Básico – contexto do 1.º ano de escolaridade

No âmbito do estágio em 1.º CEB, teve-se oportunidade de acompanhar a professora cooperante, e a sua turma, designada por Turma 1, cuja caracterização se apresenta mais abaixo. O sistema educativo concretiza o direito à educação que promove o desenvolvimento global da personalidade dos indivíduos, a progressão social e a democratização da sociedade (Dec. Lei n.º 46/86 de 14 de outubro).

Como tal teve-se em conta, para a elaboração das planificações, as linhas orientadoras estabelecidas pelo Ministério da Educação, em termos normativo-legais, como os Programas das Áreas Curriculares. Nessa perspetiva e para Bento (2003, citado por Spitanov, 2005), a planificação do professor reflete as exigências do sistema de ensino, do currículo e da prática educativa. O princípio da transversalidade apresenta a sua importância, no que diz respeito à aprendizagem do português, do estudo do meio e da matemática, encontrando-se diretamente relacionada com a questão do sucesso escolar.

Caracterização da turma

A turma era constituída por vinte e um alunos, tratava-se de uma turma reduzida, uma vez que integrava crianças com Necessidades Educativas Especiais. Todos os alunos eram de nacionalidade portuguesa, existindo na

turma um aluno de etnia cigana. No que respeita, ao percurso de turma, a professora cooperante referiu que a maioria dos alunos frequentou o ensino pré-escolar na mesma instituição.

Quadro 4 Caracterização da Turma 1

Caracterização da Turma 1	
Número de crianças	21 alunos
Idades	6 anos a 7 anos
Género	11 do sexo masculino e 10 do sexo feminino
Etnias	1 aluno
Necessidades Educativas Especiais	4 alunos, sendo que um deles encontrava-se permanentemente na Unidade de Multideficiência. Os restantes possuíam um apoio educativo.

Tratava-se de uma turma heterogénea quanto ao género e à idade, no entanto a turma era constituída maioritariamente por alunos de sete anos. A perspetiva piagetiana visa que a criança detém o seu conhecimento, desenvolve-o a nível intelectual e constrói a sua aprendizagem através da sua ação espontânea sobre o ambiente (Barros, 2011). Deste modo, pôde-se afirmar que os alunos desta turma se encontravam no estágio pré-operatório (2 aos 7 anos), uma vez que a criança nesta etapa de desenvolvimento possui um pensamento egocêntrico, intuitivo, rápido, pré-lógico baseando-se na perceção, não conseguindo realizar operações mentais que exijam a capacidade de abstração.

Porém, o Estádio das Operações Concretas (dos 7 aos 12 anos) coincide com o início da escolarização o que se traduz em mudanças importantes de ordem mental, afetiva e social, acompanhadas de uma transição do pensamento concreto e egocêntrico para o pensamento lógico e representativo.

Objetivos essenciais do Plano Anual de Atividades e do Plano de Turma

A escola encontrava-se envolvida em vários projetos, tais como; *Plano Nacional de Leitura, Projeto Ler em Família, Intercâmbio com a Biblioteca Escolar de S. Domingos, Projeto “Oficina da Prevenção”, Projeto “No Caminho do Leite”, Projeto “Arrife Natureza – Ação”, Projeto “Horta Ecológica”, Projeto “Desporto Escolar, Projeto de Promoção e Educação para a Saúde e os Clubes.*

De acordo com o projeto educativo do Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano (2014), este abrange todos os intervenientes da vida escolar respondendo de forma contextualizada às necessidades da população, sem esquecer o papel transformador da ação educativa e formativa de toda a comunidade educativa, baseando-se no respeito pelo outro.

O projeto educativo deve ser um documento orientador que ofereça opções educativas, ou seja, que vise formar cidadãos “aptos e produtivos, capazes de optarem pela progressão de estudos ou pela integração na vida ativa, por terem frequentado uma Escola onde se aprende Aprender, a Fazer, a Estar e a Ser, através do Saber” (Projeto Educativo AEAH, (2014), p.14).

Apesar de não termos acesso ao Plano de Turma (PT), constatámos ao longo do nosso estágio que a docente tinha uma grande preocupação na promoção de atitudes e comportamentos saudáveis, assim como dava grande importância ao diálogo e trabalho cooperativo entre os alunos.

O projeto implementado designou-se por “Aprender Brincando”, contando que o lúdico favorece a aquisição de conhecimentos através de um ambiente de alegria e descontração, proporcionando o desenvolvimento de várias competências do aluno (Costa, 2011). Os aspetos lúdicos e cognitivos presentes no jogo “são estratégias importantes para o ensino e aprendizagem de conceitos, favorecendo a motivação, o raciocínio, a argumentação e a interação entre o professor e alunos” (Costa, 2011, p.5).

É através do jogo que a criança pode brincar livremente e de modo criativo, uma vez que os jogos não são apenas um divertimento, pois contribuem para o desenvolvimento intelectual da criança. Para se manter em equilíbrio com o mundo, a criança necessita de brincar, criar e inventar através de jogos e brincadeiras, desenvolvendo o seu raciocínio de forma descontraída e espontânea (Costa, 2011). Deste modo, considerou-se pertinente a utilização do jogo para abordar diferentes conteúdos, tendo em conta sempre que possível a interdisciplinaridade.

A utilização de jogos educativos permitiu, de certa forma, desenvolver com a turma um trabalho cooperativo, na medida em que atualmente as exigências do currículo são mais rigorosas e, como se tratava de uma turma de 1.º ano, tentou-se conciliar o lúdico à aprendizagem pretendida neste nível de

ensino. O projeto desenvolveu-se numa dinâmica coerente, de transversalidade das áreas, o que constituiu um desafio.

O brincar é uma necessidade básica e uma experiência humana, rica e complexa. A criança ao brincar está a representar papéis que conhece do seu quotidiano, reconstruindo deste modo a sua realidade mais próxima, manifestando sentimentos e comportamentos (Almeida, 2012). Através deste ato de brincar é que se promove o desenvolvimento infantil, assim a escola é vista como um espaço para conviver, receber afetos, partilhar, experimentar e descobrir-se a si próprio (Vygostky, 1994, citado por Caldeira & Reis, 2013). Durante o estágio pôde constatar-se que, gradualmente, o grupo adquiriu um sentimento de pertença entre eles demonstrando manifestações de afeto e de entreaajuda.

Planeamento e operacionalização das atividades educativas

Com o decorrer da prática foi se adequando, sempre que possível, as mesmas às necessidades da turma, visto tratar-se de uma turma de primeiro ano. Apesar de este contexto ser diferente do pré-escolar, esteve-se sempre à vontade nas diversas situações pedagógico-didáticas que se vivenciaram. Constatou-se que os alunos estavam mais motivados quando a aprendizagem era de cariz lúdico-prático, pelo que foi uma das metodologias adotadas aquando da operacionalização que de todo se enquadrava no projeto.

No decorrer do estágio existiu sempre um sentido confiante nas diferentes áreas curriculares, no que respeita ao conhecimento científico. Contudo, teve-se também em conta os manuais dos alunos, bibliografia de cariz científico e auxílio à professora cooperante que se mostrou sempre acessível. Aquando da operacionalização tentou-se articular a teoria com a prática, de modo a que as aprendizagens tivessem sentido, uma vez que o saber profissional educativo não se deve confinar ao mero saber científico respeitante aos conteúdos a ensinar. Em suma, o saber educativo dever ser a combinação destes elementos para cada situação educativa concreta, tendo como objetivo a aprendizagem dos alunos (Alonso e Roldão, 2005). De seguida, apresenta-se a descrição refletida e fundamentada de duas aulas consideradas pertinentes, dado ao contexto em que se desenvolveu a prática, sendo a primeira relativa à área do Português, em articulação com a área de Expressão e Educação Plástica, e a segunda intervenção relativa à área matemática que termina com a

consolidação dos conteúdos através de um jogo, nomeadamente o “Jogo do Banqueiro”.

Descrição e reflexão de uma aula pedagógico-didática no âmbito das áreas curriculares do Português e da Expressão e Educação Plástica

Os alunos já tinham iniciado as vogais e consoantes, pelo que já lhes era familiar os métodos de aprendizagem para novas letras. Para a aula que a seguir se descreve, foram definidos os seguintes objetivos de aprendizagem (quadro 5).

Quadro 5 Enquadramento das áreas curriculares

Área curricular: Português	
Domínios/Subdomínios	Objetivos de aprendizagem
Leitura e escrita Ler em voz alta palavras, pseudopalavras e textos. Ler textos diversos. Oralidade Respeitar regras da interação discursiva. Escutar discursos breves para aprender e construir conhecimentos. Produzir um discurso oral com correção.	Ler pequeno texto narrativo; Ler com progressiva autonomia palavras, frases e pequenos textos (no mínimo 20 palavras); Ler em voz alta com articulação e entoação; Identificar, classificar e diferenciar os sons da língua: consoante K, W e Y. Escutar os outros e esperar pela sua vez de falar; Referir o essencial de um pequeno texto ouvido; Falar de forma audível; Falar com progressiva autonomia e clareza.
Área curricular: Expressão e Educação Plástica	
Conteúdos	Objetivos de aprendizagem
Bloco 1 – Descoberta e Organização Progressiva de Volumes Modelagem e Escultura	Explorar e tirar partido da resistência e plasticidade da plasticina; Modelar usando apenas as mãos as diferentes letras solicitadas.

Destaca-se desta aula o facto de se ter abordado com os alunos as letras k, w e y, que ainda não tinham aprendido. Nesta aula, houve algum receio aquando da explicação das três consoantes, porém com a aplicação dos mesmos recursos que a professora cooperante (audição do texto, com recurso à Escola Virtual, identificação do som presente, utilização do caderno caligráfico) utiliza, foi deveras mais simples do que se estava à espera.



Figura 37: Representação da letra com plasticina.

De salientar que os alunos já possuíam uma grande destreza motora, o que facilitou a caligrafia. Contudo, estas letras eram um pouco mais trabalhosas, pelo que se optou também pelo recurso à plasticina (figura 5), para que os alunos pudessem manipular melhor e por conseqüente melhorassem a sua destreza motora.

Descrição e reflexão da segunda aula pedagógico-didática no âmbito da área curricular da matemática

Os alunos iriam chegar à centena, para a aula que a seguir se descreve, como tal foram definidos os seguintes objetivos de aprendizagem (quadro 6).

Quadro 6 Enquadramento da área curricular

Área curricular: Matemática	
Conteúdos	Objetivos de aprendizagem
Números e operações: Números naturais	Ler e representar o número 100. Designar dez unidades por uma dezena. Designar dez dezenas por uma centena.

Nesta aula, lecionou-se o número cem, com recurso ao material MAB, ao ábaco e também ao manual de matemática dos alunos para que preenchessem o quadro do cem. Solicitou-se aos alunos num primeiro momento que representassem no ábaco o número 90 (número até onde tinham aprendido). De seguida e em grande grupo solicitou-se que fossem acrescentando unidades, uma vez que, já tínhamos nove dezenas. Acrescentou-se até à nona unidade ficando com o número 99.

De seguida um dos alunos referiu que se juntássemos mais uma unidade, “fazia dez unidades”, que equivale a uma dezena. Então, questionou-se os alunos sobre o valor dessa dezena, ou seja, se acrescentássemos mais uma dezena às 9 dezenas ficámos com 10 dezenas, ou seja, passávamos a ter 100 unidades e assim dava origem a uma outra ordem que é a ordem das centenas. Ou seja, quando obtemos 10 dezenas e as trocamos por uma “conta”, na casa seguinte, cada “conta” dessas é uma centena, ou seja, uma centena é igual a 10 dezenas.

Para que compreendessem, colocou-se no quadro de ardósia uma tabela, e referiu-se aos alunos que uma centena equivale a uma centena, zero dezenas e zero unidades, o que forma o número 100.

Relembrou-se que uma barra equivale a 1 dezena (10 unidades) e que cada cubinho equivale a uma unidade. Se adicionarmos 10 barras equivale a uma placa e, que uma placa equivale a 10 barras ou a 100 cubinhos. Ainda como

estratégia colocou-se no quadro de ardósia (figura 6) 9 barras do material MAB e solicitou-se aos alunos que fizessem saltinhos de 10 em 10 até chegar ao 100. Com o resultado questionou-se os alunos sobre como poderíamos representar o número 100, no qual a grande maioria dos alunos respondeu que poderíamos substituir por uma placa.

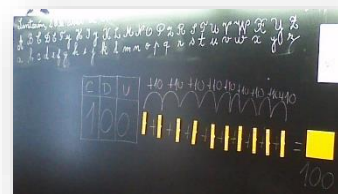


Figura 46: Estratégia com o material MAB.

Para terminar a aula solicitou-se aos alunos que se dividissem por grupos (4 grupos) e propôs-se à turma o “Jogo do Banqueiro”, que normalmente se joga com palhinhas, mas que se adaptou para o MAB (material que os alunos tinham estado a manipular no decorrer da aula). Os grupos funcionaram muito bem, podendo referir-se que, de modo geral, todos os alunos gostaram e mantiveram-se motivados no decorrer do jogo, contudo o mais importante deveu-se ao facto de estes terem compreendido o jogo assim como os conteúdos abordados. No final cada participante teve direito a uma estrelinha.

No decorrer da operacionalização a disposição da sala sofreu algumas alterações, de forma a responder às necessidades e interesses da turma. Teve sempre o apoio da professora cooperante, tendo sido compreendidas quais as informações necessárias para se poder avaliar determinados conteúdos. Devemos contar que a avaliação não é um processo individual do professor, pois

este processo engloba diversos intervenientes no processo educativo tais como professores, alunos, pais/família e assistentes operacionais (Gaspar, 2010). Deste modo, a avaliação consistiu na observação direta, registos escritos, registos fotográficos, grelhas de observação.

Organização do ambiente educativo

A sala onde decorreu o estágio era ampla e com bastante luz natural que, segundo Hohmann e Weikart (1997), é um modo de suavizar o ambiente e trazer elementos naturais para o interior da sala. Ao longo das semanas de intervenção a disposição dos móveis da sala sofreram algumas alterações de forma a responder às necessidades e interesses da turma. O espaço encontrava-se organizado para que a docente tivesse um visionamento global, independentemente do ponto da sala em que esta se encontrasse, assim como os alunos possuíam uma maior facilidade para se deslocarem na sala.

1.2.4. Prática de ensino em educação de infância - Creche

Neste estágio teve-se oportunidade de acompanhar a educadora cooperante, e o seu grupo, cuja caracterização se apresenta em baixo descrita. No que respeita à prática pedagógica, as planificações das atividades tiveram em conta as rotinas do grupo, as orientações curriculares, o manual dos processos-chave, mas essencialmente o método João de Deus. Dada à dinâmica da instituição, tentou-se segui-los nas nossas planificações, de modo a que houvesse um seguimento e uma rotina, possibilitando às crianças uma maior tranquilidade na passagem de uma atividade para a outra.

Caracterização do grupo

No estágio em creche, teve-se oportunidade de acompanhar a educadora cooperante e o seu grupo. A sala era designada por sala do bibe azulinho e do bibe verdinho. O grupo era constituído por 16 crianças, (quadro 7) sendo cinco eram do bibe verdinho. No grupo não existia qualquer criança com necessidades educativas especiais, no entanto constatou-se que uma das crianças ainda não tinha adquirido a marcha e outra revelava dificuldades a nível motor. No que respeita às crianças do bibe verdinho, não transitaram para a outra sala devido a necessidades fisiológicas (ainda não controlavam os esfíncteres), no entanto as refeições e a parte da tarde eram passadas na outra sala e não na sala onde estava a decorrer o estágio.

Quadro 7 Caracterização do grupo.

Caracterização do grupo da Sala do bibe azulinho e bibe verdinho	
Número de crianças	16 crianças
Idades	1 ano e meio a 2 anos
Género	5 do sexo masculino e 11 do sexo feminino

Este grupo era heterogéneo no que respeita ao género e à idade, as crianças tinham idades compreendidas entre 1 ano e meio e 2 anos, no entanto o grupo era maioritariamente de um ano e meio. As crianças deste grupo encontravam-se no estágio sensório motor (0 aos 2 anos) uma fase fortemente marcada pelo seu egocentrismo.

Objetivos essenciais do Plano Anual de Atividades e do Projeto Educativo

Segundo o capítulo I do artigo 3.º do Decreto-lei n.º 115-A/98 o Projeto educativo é

um documento que consagra a orientação educativa da escola, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais a escola se propõe cumprir a sua função educativa (1988).

O tema do projeto educativo designado por “Educação para a Cidadania” tinha como objetivo sintetizar toda a filosofia que assenta na ideia de preparar uma cidadania eficaz na aprendizagem da cultura cívica. No que respeita ao Plano Anual de Atividades, e segundo conversas informais, a instituição apresentava uma orgânica interna funcional e pedagógica em consonância com a metodologia João de Deus e um plano anual traçado em consenso por todos os docentes com um tema globalizante.

Durante os dias de observação e em conversa com a educadora cooperante percebemos as dinâmicas do grupo, bem como as rotinas do mesmo de forma a pensarmos num projeto que fosse adequado ao grupo bem como à instituição e às suas dinâmicas. Uma vez que observar permite ao educador ter “um conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto, pois só assim o adulto consegue conhecer os contextos,

as pessoas que nele se movimentam e as suas interações” (Máximo-Esteves (2008, cit. in Pereira, 2013, p.6).

Deste modo o projeto implementado para a prática pedagógica intitulou-se de “Era uma vez ... Histórias que nos ajudam a crescer.”, tendo em conta que as crianças se encontravam no Estádio Sensorio-Motor (0-24 meses), em que os bebés são incapazes de fazer representações mentais de operações ou objetos ausentes. Considerou-se pertinente a implementação deste projeto, nesta fase, pois é quando surge um comportamento denominado inteligente prático e também uma “organização descentrada dos movimentos e deslocamentos que atingem o espaço onde a criança se encontra” (Almeida, 2012, p.9). A criança adquire o conhecimento a partir da exploração sensorial e física. Deste modo, as histórias contadas em conjunto com as práticas eram de carácter sensorial. Efetivamente, as histórias são um “Abre-te Sésamo para o imaginário onde a realidade e a fantasia se sobrepõem” (Dohme, 2011, citado por Santos, 2014, p.24).

O projeto desenvolveu-se numa dinâmica coerente, de transversalidade das áreas, o que constituiu para mim um desafio enquanto futura profissional de educação, já que as crianças eram muito pequenas e ainda não falavam. Por isso, as atividades dirigidas eram realizadas maioritariamente da parte da manhã, enquanto no período da tarde se organizava atividades menos diretivas, contando que as crianças brincavam e exploravam uma imensidão de novas aprendizagens.

As crianças possuem uma predisposição para aprender de forma inata, podendo identificar-se quatro características, a saber: a curiosidade, a procura de competência, a reciprocidade e a narrativa (Bruner, n/d, citado por Marques, 2002).

A curiosidade é comum e facilmente observável em todas as crianças. A procura de competência é também possível de observar em todas as crianças, já que imitam o que os mais velhos fazem, a fim de reproduzirem e recriarem os mesmos comportamentos e competências.

A reciprocidade é uma característica humana, que visa a necessidade de responder aos outros e de operar, em conjunto com os outros, de forma a alcançarem os mesmos objetivos.

Por fim, a narrativa permite a partilha da própria experiência com objetivo de transmitir aos outros essa mesma experiência, tratando-se assim de um importante processo na aprendizagem. Esta permite a partilha de significados e conceitos bem como aquisição de diferentes modos de discurso (Bruner, n/d, citado por Marques, 2002).

A maioria das crianças ainda não falava, no entanto algumas já tentavam comunicar e, como refere Santos (2004), as histórias possibilitam à criança enriquecer e sustentar a imaginação, ampliando o vocabulário, permitindo assim que esta desenvolva a sua identificação, adquirindo valores para a vida.

Deste modo, considerou-se que “Era uma vez ... Histórias que nos ajudam a crescer”, uma conjugação harmoniosa para trabalhar as diferentes áreas de desenvolvimento global, tendo em conta a convergência dos interesses e as características das crianças, através do trabalho de equipa (estagiária/educadora/assistentes), assente na planificação da intervenção educativa.

A leitura começa muito antes de se saber ler, sendo por isso, essencial que contactem diariamente com os livros. Cabe ao educador fomentar o contato entre a criança e o livro, uma vez que, a criança desde cedo começa a trabalhar os sons, os ritmos e as expressões faciais. No projeto teve-se em conta não só as atividades, mas também os momentos da alimentação, sesta e necessidades fisiológicas, por considerar-se como momentos fundamentais para tranquilizar as crianças e respeitar os ritmos de cada uma.

Planeamento e operacionalização das atividades educativas

Planificar e organizar um espaço pedagógico exige algumas recomendações e cuidados quanto a alguns princípios, a saber; biológicos ou físicos, psicológicos, arquitetónicos, médicos, de segurança e didáticos. Os princípios biológicos referem-se às necessidades básicas de sobrevivência como a alimentação, higiene e sono. Já os princípios psicológicos abrangem a autonomia, a relação do Eu e do outro, a descoberta, a experiência, entre outros (Eichmann, 2014).

O educador de infância possui na creche um papel distinto do jardim-de infância, ou seja, é menos diretivo. Na creche, os momentos educativos por excelência constituem-se a partir de interações diádicas com a criança, especialmente nos cuidados à mesma, como as mudas das fraldas, o período

da sesta e a hora da alimentação, fatores decisivos na interação com as mesmas (Portugal, 2000).

Sendo o papel do educador de infância extremamente abrangente, a sua intervenção profissional passa por diferentes etapas que se interligam e sucedem à medida que a criança se vai desenvolvendo. Desta forma, o educador de infância passa pelas seguintes etapas: **observar, planejar, agir, avaliar, comunicar e articular** (ME-DEB, 1997). É essencial que o educador de infância observe cada criança, individualmente e em grupo, de modo a conhecê-las melhor na sua individualidade, perceber quais as suas motivações, capacidades, bem como o meio onde vive. Este procedimento deve ser contínuo de forma a criar diferenciações pedagógicas, facilitando o papel do educador.

De seguida apresenta-se a descrição refletida e fundamentada de duas atividades consideradas pertinente ao contexto em se desenvolveu a prática pedagógica.

Descrição e reflexão de uma primeira atividade pedagógico-didática

Nesta atividade pretendia-se que as crianças tivessem contacto com uma história sensorial, intitulando-se o projeto “Era uma vez... Histórias que nos ajudam a crescer!” esta atividade foi ao encontro dos interesses do grupo, estando devidamente enquadrada com as atividades planificadas e tinha os seguintes objetivos (quadro 8).

Quadro 8 Enquadramento das áreas de desenvolvimento global⁴.

Áreas de desenvolvimento global	
Domínios	Objetivos de aprendizagem
Desenvolvimento: Motor; Cognitivo; Pessoal e Social.	Desenvolver a intenção comunicativa; estimular o desenvolvimento de vocabulário; estimular noções básicas de tamanho (grande e pequeno) e quantidade (1, 2 e 3); desenvolver as capacidades sensoriais; Fomentar o gosto pelos livros; Desenvolver a motricidade fina; Trabalhar a cor Amarela;

⁴ Planificação realizada de acordo com Social, S. (2010).

Pensamento criativo através da expressão do movimento, da música, da arte, das atividades visuo-espaciais.	Desenvolver o sentido rítmico e auditivo; Desenvolver a intenção comunicativa.
---	---

Iniciou-se a intervenção com a história sensorial *Caracóis de Ouro* (figura 7). Apesar de serem crianças muito pequenas já percebem que quando se sentam em roda, é hora de ouvir uma história. Antes de se iniciar a história, cantou-se uma canção própria.

A experiência de contar uma história sensorial foi bastante interessante, uma vez que permitiu cativar a atenção de todas as crianças, bem como, à medida que se contou a história ia-se interagindo com elas deixando-as tocar na mesma.



Figura 55: História sensorial.

Este momento foi muito importante, no sentido em que, através da história, estamos a possibilitar às crianças que estimulem a sua imaginação e ao mesmo tempo enriqueçam o seu vocabulário. Apesar de a maioria das crianças ainda não se expressar verbalmente, uma das crianças do bibe verdinho já se expressava e a interação com ela permitiu perceber o que é que esta tinha compreendido da história. Em relação ao restante grupo, ficou-se um pouco apreensivo, na medida em que não se sabia até que ponto é que eles estavam a compreender. Contudo, e no desenrolar das restantes atividades planificadas, constatou-se que a maioria das crianças tinha compreendido a história no sentido de relacionar conceitos, entre os quais a família (o pai, a mãe e o filho) e a noção de tamanho (grande e pequeno).

Descrição e reflexão de uma segunda atividade pedagógico-didática

Esta atividade abrangeu a área de expressão motora. Sendo a educação física, nas primeiras idades, muito importante, é essencial que o educador suscite nas crianças o gosto pelo exercício físico, mesmo que se comece com jogos simples (Guimarães, 2005). É essencial que se desenvolva a atividade física independentemente de se tratar de crianças muito pequenas ou mais crescidas, porque o fundamental é que a criança se desenvolva de forma sã e que perceba os benefícios que a educação física poderá trazer e contribuir para a sua vida.

É fulcral que a criança tenha um papel ativo no desenrolar de todas as atividades, e através do seu desempenho criar espírito de cooperação e entre ajuda, já que muitas das atividades incluem trabalho em grande grupo. O profissional de educação tem um papel importante de transmitir e refletir sobre as competências pedagógicas a fim de contribuir no processo formativo de cada criança, sendo por isso importante para desenvolver a autoestima, a autonomia e a criatividade sem que isso signifique sofrimento para o corpo, mas sim prazer, alegria e diversão. Para esta atividade foram descritos os seguintes objetivos (quadro 9).

Quadro 9 Enquadramento das áreas de desenvolvimento global⁵.

Áreas de desenvolvimento global	
Domínios	Objetivos de aprendizagem
Desenvolvimento: Motor; Cognitivo; Pessoal e Social.	Desenvolver a motricidade global; Desenvolver os níveis de atenção e concentração; Adquirir confiança e segurança na utilização do próprio corpo; Aprender a trabalhar em grupo e individualmente;
Pensamento criativo através da expressão do movimento, da música, da arte, das atividades visuo-espaciais.	Adquirir confiança e segurança na utilização do próprio corpo; Estimular a aquisição, a coordenação e o controlo do corpo, melhorar a agilidade e flexibilidade.

A atividade planificada teve em conta as aprendizagens iniciadas pela educadora cooperante, assim como, outras noções que a educadora cooperante estava a trabalhar com o grupo, nomeadamente as noções de dentro e fora; subir e descer e a cor amarela.

Assim, no ginásio iniciou-se a atividade com um pequeno aquecimento, em que primeiro caminhavam à volta do ginásio, depois de mãos dadas (2 a 2) e posteriormente corriam. Nesta atividade de exploração dos arcos amarelos, espalhou-se aleatoriamente os mesmos pelo ginásio e pediu-se às crianças que se colocassem todas dentro do arco. Para que iniciassem a atividade colocámo-

⁵ Planificação realizada de acordo com Social, S. (2010).

nos dentro do arco para que as crianças observassem o que era pedido, posteriormente as crianças começavam a imitar uns aos outros acabando por estarem todas dentro dos arcos. Depois, solicitou-se que tivessem todas fora dos arcos amarelos (figura 8).

Por fim, como todas as crianças já manuseavam bem os arcos, deixou-se que os explorassem livremente. Desta atividade, importa mencionar que todas as crianças caminharam dois a dois à exceção de um menino que possuía dificuldades motoras e se sente desconfortável quando tem que dar a mão a outro “amigo”, neste caso a presença do



Figura 62: Atividade de Expressão Motora com arcos.

adulto era necessária para que ele se sentisse mais seguro. Assim como a menina que ainda não tinha adquirido a marcha teve de se ter mais atenção, na medida em que esta estava mais vulnerável, pois ainda não se equilibrava sozinha. Quando foi a exploração livre dos arcos deixou-se que todos o fizessem da forma que bem entendessem.

Este estágio, apesar da sua curta duração, permitiu presenciar e observar a dinâmica do grupo, bem como as suas rotinas, mencionadas anteriormente. Como se tratava de um grupo de crianças muito pequenas a principal preocupação era perceber o que é que gostavam mais de fazer, sendo que o lúdico e a brincadeira estavam constantemente presentes.

Em suma, deve-se compreender a importância que o educador tem em organizar o seu tempo, de modo a promover na criança uma aprendizagem pela ação, mas também pela existência de períodos em grande e em pequeno grupo. No que concede à avaliação desta atividade foram realizados registos fotográficos, observação direta e lista de verificação (anexo B).

Organização do ambiente educativo

O estágio decorreu na sala do bibe azulinho e bibe verdinho, que se encontrava no primeiro andar. Esta era bastante ampla sem áreas delimitadas, uma vez que nesta faixa etária o importante na sala é que esta possua espaço para que as crianças possam livremente movimentar-se sem que saíam do campo de visão da educadora. O fraldário possuía ligação com a sala de um ano, assim como tinha visibilidade para dentro da sala.

1.2.5.Prática de ensino em 1.º Ciclo do Ensino Básico – contexto do 4.º ano de escolaridade

O último estágio terminou em contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico, teve-se oportunidade de acompanhar a professora cooperante e a sua turma, designada por turma do 4.º A, cuja caracterização se apresenta mais abaixo. À semelhança da prática pedagógica em contexto de 1.º ano teve-se oportunidade de lecionar as áreas curriculares de Português, Matemática, Estudo do Meio e Expressões.

Caracterização da turma

O quadro abaixo apresenta a caracterização dos alunos do 4.º ano. Após, a Declaração de Salamanca (1994), tem vindo a dar-se mais ênfase à escola inclusiva, que engloba todas as crianças e jovens, promovendo uma igualdade educativa quer nos acessos quer nos resultados (Dec. Lei n.º 3/2008). Nesta turma todos os alunos eram de nacionalidade portuguesa, no entanto, no que respeita à religião, dois dos alunos eram de religião Evangélica.

Quadro 10 Caracterização da Turma do 4.º A

Caracterização da Turma do 4.º A		
Número de crianças	de	20 alunos
Idades		9 a 11 anos
Género		9 do sexo masculino e 11 do sexo feminino
Religião		2 alunos de religião Evangélica
Necessidades Educativas Especiais		2 alunos, sendo que um dos alunos possui um apoio pedagógico personalizado que engloba as alíneas a); b) e d), e o outro aluno engloba as alíneas a); b); d) e f).

Esta turma era heterogénea no que respeita ao género e à idade, no entanto era constituída maioritariamente por alunos de nove anos. Tratava-se de uma turma satisfatória no que respeita ao aproveitamento escolar, assim como se mostrou sempre motivada no decorrer de todas as atividades propostas, podendo referir que o bom ambiente da turma era propício à aprendizagem.

No decorrer do estágio, constatou-se que a maioria dos alunos se encontram no nível de desenvolvimento próximo, ou seja, estes à medida que estão em interação com outras crianças e/ou adultos vão movimentar vários processos de desenvolvimento que não seriam possíveis se não estivessem em interação com os outros (Facci, 2004).

Efetivamente, a zona de desenvolvimento próximo “tem um valor mais direto para a dinâmica da instrução que o nível atual de seu desenvolvimento” (Vygotsky, 1993, citado por Facci, 2004, p.78). Assim, pretende-se que o ensino incida sobre a zona de desenvolvimento, bem como as atividades pedagógicas devem estar organizadas para que os alunos se consigam apropriar do maior número de aprendizagens possível.

Objetivos essenciais do Projeto Educativo do Agrupamento e do Plano Anual de Atividades

De acordo com o projeto educativo do Agrupamento de Escolas Marcelino Mesquita do Cartaxo (AEMMC), este abrange todos os intervenientes da vida escolar, respondendo de forma contextualizada às necessidades da população, sem esquecer o papel transformador da ação educativa e formativa de toda a comunidade educativa, tendo por base a cidadania, nomeadamente o respeito pelo outro, a integração e os resultados (Projeto Educativo, 2013/2017).

O tema do projeto educativo do agrupamento intitulava-se “Um por todos”, tendo por base a cidadania, a integração e os resultados. No que respeita ao Plano Anual de Atividades encontravam-se descritas algumas atividades tais como visitas de estudo e projetos que se desenvolvem ao longo do ano letivo. Esta escola encontrava-se envolvida em vários projetos, sendo eles: Projeto *ELOS*, Projeto *EPIS – Empresários pela Inclusão Social*, Projeto para a *Melhoria do Desempenho dos alunos – PROMED*, *EmpCriança (Nersant)*, *Empreender Jovem (Nersant)*, *EmpreEscola (Nersant)*, Projeto *Voluntariado Escolar*, *Gong VolunTeam*, Projeto – *Do mar ao rio – a cultura e o desenvolvimento das Comunidades Avieiras*, Projeto *Heróis da Fruta*, *Gabinete de Comunicação*, o *Plano Nacional de Leitura – PNL*, o *Plano Tecnológico da Educação – PTE*, o *Programa Eco-Escolas*, o *PES – Promoção da Educação e Saúde*, *Programa Saúde Oral Bibliotecas Escolares – SOBE*.

O projeto educativo deve ser um documento orientador que ofereça opções educativas, ou seja, que vise formar futuros cidadãos capazes de

progredirem nos estudos, possibilitando-os de integrar por uma vida ativa, uma vez que a educação engloba quatro pilares do conhecimento: Aprender a conhecer, Aprender a fazer, Aprender a viver juntos e Aprender a ser. (Delors et al., 1996). Apesar dos poucos dias de observação pudemos analisar a dinâmica da turma, as suas rotinas e interesses. Ponderámos um projeto, que fosse ao encontro dos interesses da turma.

Assim, o projeto implementado intitulou-se “Estendal da Leitura”, e teve por base um dos projetos da instituição, o *Plano Nacional de Leitura*. Foi pensado em conjunto com o outro par de estágio, uma vez que as professoras cooperantes trabalhavam em conjunto. Contudo, não foi possível ter acesso ao Plano de Turma (PT) completo, pelo que a informação apresentada decorre da observação realizada no decorrer do estágio.

A leitura está no centro do desenvolvimento de cada criança e jovem, da nossa sociedade. A incapacidade para a leitura representa um fator de exclusão social, uma vez que impede o indivíduo de participar na vida social, pois é através da leitura que diariamente se desempenham funções (Dias, 2012). Deste modo, enquanto futuras profissionais de educação, é essencial que se criem hábitos de leitura já que é através da escola que se criam espaços socializadores que levam à prática/desenvolvimento de estratégias promovendo de forma articulada as competências literacias dos alunos, assim como as competências discursivas e escrita.

Este tema, a leitura, é bastante pertinente porque esta é compreendida como a capacidade de identificar símbolos gráficos que associados, correspondem a sons. Antigamente “aprender a ler cingia-se, basicamente, ao ato da perceção dos sinais gráficos, sendo a leitura considerada uma atividade meramente mecânica, onde se aceitava que o texto tinha sido compreendido quando pronunciado de forma correta e clara” (Dehant e Gille, 1974, citado por Dias, 2012). Contudo, nos dias de hoje e com base em estudos da psicologia cognitiva e psicolinguística, a conceção da leitura é muito mais abrangente do que uma mera decifração de um código gráfico. Deste modo, para Sequeira (1989, citado por Dias, 2012), “a leitura é um processo ativo, autodirigido por um leitor que extrai do texto um significado” (p.8).

O 1.º Ciclo do Ensino Básico tem como missão aprofundar o conhecimento e o domínio da linguagem oral. Trabalhar a compreensão da oralidade influencia a qualidade da exposição dos alunos, uma vez que exige por

parte destes uma estruturação, um rigor e propriedades lexicais cada vez mais exigentes relativamente ao que querem dizer (MEC/DGIDC, 2015). Neste programa verifica-se a junção do domínio da Leitura e Escrita, no entanto estes possuem diferentes funções, mas com a mesma finalidade, ou seja, neste domínio o ensino incide no desenvolvimento de uma leitura fluente, na aprendizagem de novos vocábulos, na compressão da leitura e na melhoria gradual da organização e produção de textos. No que respeita à Educação Literária, “ouvir ler e ler textos de literatura infantil é um percurso que conduz ao objetivo prioritário de compreensão de textos e é um estímulo à apreciação estética” (MEC/DGIDC, 2015, p. 8).

Existe, no entanto, um longo caminho a percorrer entre ensinar a ler e formar leitores. Em plena era da tecnologia e da imagem Portugal despertou para a leitura, deste modo é difícil formar leitores nos dias de hoje, uma vez que as alternativas de escolha são variadas, apelativas e pouco exigentes (Silva, Martins & Cavalcanti, 2012). Assim, cabe ao professor o uso dos seus conhecimentos científicos, pedagógicos e didáticos, adotando metodologias que considere mais adequadas para uma aprendizagem bem-sucedida dos conteúdos a abordar.

Este projeto tinha, como objetivo primordial, criar hábitos de leitura, uma vez que é na infância que se deve fomentar o contacto diário com a leitura. Para tal, o projeto teve em conta os seguintes objetivos: Ler, por iniciativa própria ou sob orientação do professor, textos diversos, nomeadamente os disponibilizados na biblioteca escolar; apresentar à turma livros lidos, justificando a escolha e recomendando a sua leitura; usar a palavra de forma audível, com boa articulação, entoação e ritmo adequados, e olhando o interlocutor; fazer uma apresentação oral, sobre um tema previamente planificado e com recurso eventual a tecnologias de informação; utilizar uma caligrafia legível, respeitando as regras de ortografia e pontuação (MEC/DGIDC, 2015).

No decorrer do projeto verificou-se que os alunos de uma forma geral escolhiam os livros sugeridos pelos colegas, uma vez que assim podiam partilhar e conversar sobre as leituras realizadas. Efetivamente, a liberdade na escolha dos livros demonstrou uma maior interação entre pares.

Planeamento e operacionalização das atividades educativas

No decorrer da prática não se planificou atividades diferenciadas para os dois alunos mencionados anteriormente, no entanto, sempre que se encontravam na sala, tentou-se que participassem nas atividades de expressão plástica e dramática, nas atividades experimentais e no projeto “Estendal da Leitura”.

Ao abordar os conteúdos, tentou-se que existisse sempre uma discussão reflexiva sobre o que os alunos estavam a aprender. No que respeita à metodologia utilizada, manteve-se a mesma prática na utilização de materiais manipuláveis, no recurso às TIC, mais concretamente à Escola Virtual, e na utilização de *PowerPoint*.

De seguida, apresenta-se a descrição refletida e fundamentada de duas aulas decorridas neste contexto, sendo a primeira aula relativa à área de Estudo do Meio e a segunda aula relativa à área da Matemática.

Descrição e reflexão de uma aula pedagógico-didática no âmbito da área curricular do Estudo do Meio

Os alunos desta turma já tinham contacto com as ciências experimentais, uma vez que no horário deles estava incluída uma hora por semana, pelo que se achou pertinente realizar uma atividade de cariz prático e experimental. Para esta aula, foram definidos os seguintes objetivos de aprendizagem (quadro 11).

Quadro 11 Enquadramento da área curricular

Área curricular: Estudo do Meio	
Conteúdos	Objetivos de aprendizagem
Bloco 5 – À descoberta dos materiais e objetos <ul style="list-style-type: none">• Realizar experiências com a eletricidade;• Descrever o funcionamento de um circuito elétrico e classificar operacionalmente os materiais como bons ou maus condutores de corrente elétrica;	<ul style="list-style-type: none">• Realizar experiências simples com pilhas, lâmpadas e fios.• Construir circuitos elétricos simples alimentados por pilhas (circuito em série e circuito em paralelo).• Explicar que a energia elétrica pode ser usada de diferentes maneiras, em particular para fornecer iluminação, aquecimento e para funcionamento de dispositivos.• Explicar como se descreve o procedimento adequado para

	<p>construir um circuito elétrico simples (com uma lâmpada, uma pilha e fios).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Explicar como respeitar as normas de segurança relativas ao uso da eletricidade (não fazer cortes em pilhas, não tentar recarregar pilhas que não sejam recarregáveis, não fazer ligações indevidas às tomadas de parede).
--	---

A aula decorreu na época natalícia e consistiu na elaboração de um circuito de luzes de Natal. A aula de cariz mais experimental, como mencionado anteriormente, era algo familiar a estes alunos. Deste modo, achou-se pertinente realizá-la na época do Natal. Todos os alunos têm o direito de aprender ciências, uma vez que esta aprendizagem que ajudará a que estes compreendam alguns fenómenos que ocorrem diariamente (Ferreira, 2013).

Neste sentido, compreende-se que a “ideia do ensino das ciências encontra-se imediatamente associada à da formação do espírito científico, com o que isso pressupõe de iniciação à dedução, ao raciocínio lógico, mas também à inventividade das hipóteses e à formulação de problemas” (Astolfi *et al.*, 1998, citado por Ferreira, 2013, p.9). Efetivamente, o conhecimento científico “é uma construção humana resultante de interações complexas envolvendo sujeitos e objetos em que nem uns nem outros têm a hegemonia” (Valadares, 2000, citado por Ferreira, 2013, p.9).

A atividade planificada pertence ao **Bloco 5 - À descoberta dos materiais e objetos**, (ME/ DGIDC, 1990), em que se questionou os alunos acerca de como seria a vida deles sem eletricidade, solicitando-lhes que referissem algumas coisas que fazem diariamente e que dela dependem. Percebeu-se que muitos deles já possuíam uma grande capacidade de argumentação e de perceção sobre o tema, apesar de este vir apenas mais à frente no manual de Estudo do Meio.

De seguida, questionou-se como é que o Homem consegue obter diversas fontes de energia, à qual a maioria dos alunos respondeu de forma correta mencionando quais as que conhecem (hídrica, eólica, dos combustíveis fósseis e do Sol). Posteriormente, questionou-se os alunos sobre quais os aparelhos elétricos que utilizam em casa que têm como fonte de energia a

eletricidade e outros aparelhos que tenham como fonte de energia pilhas ou baterias. Este tema serviu também para alertar e lembrar algumas normas de segurança extremamente importantes quando se aborda o tema da eletricidade.

Para a realização da atividade experimental achou-se pertinente colocá-los por grupos, assim solicitou-se aos alunos que se dividissem, porque já estavam habituados a trabalhar em grupo. Explicou-se no que consistia um circuito elétrico em série e em paralelo, de modo a que percebessem a existência destes dois tipos de circuito. Posteriormente, fez-se a distribuição das fichas por cada aluno, que consistiam na verificação/preenchimento de qual o melhor circuito para construírem a iluminação da árvore de Natal. Contudo, a atividade não decorreu como estava planificada, uma vez que os alunos nunca tinham contactado com este tipo de conteúdo (circuito em série e em paralelo).

Por tudo isto, foi pertinente demonstrar à turma com material (pilha, lâmpada e fios com fichas de ligação tipo crocodilo) como era um circuito em série e um circuito em paralelo para que compreendessem o intuito da atividade para depois conseguirem responder às questões da ficha sobre a iluminação de Natal. Após a explicação, distribuiu-se o material pelos restantes grupos e deixou-se explorar, para que pudessem retirar as suas próprias conclusões, à medida que iam registando na ficha o que era pedido.

No final debateu-se as principais ideias e conclusões a que cada grupo chegou. E proporcionou-se a visualização de uma pequena apresentação que sistematizava a aprendizagem realizada nessa aula.

Descrição e reflexão da segunda aula pedagógico-didática no âmbito da área curricular da matemática

Sendo a língua indissociável da aprendizagem, tanto nesta aula como nas restantes, esteve sempre presente a interdisciplinaridade no que respeita à área do Português, contudo, nesta aula em particular, os alunos teriam de preparar um pequeno texto oral sobre as características de um sólido e apresentá-lo à turma. Para a aula que a seguir se descreve, foram definidos os seguintes objetivos de aprendizagem (quadro 12).

Quadro 12 Enquadramento da área curricular

Área curricular: Matemática/Português	
Conteúdos	Objetivos de aprendizagem
Geometria e medida <ul style="list-style-type: none">• Reconhecer propriedades geométricas; Oralidade <ul style="list-style-type: none">• Produzir um discurso oral com correção;	Designar por polígono regular um polígono de lados e ângulos iguais. Saber que dois polígonos são geometricamente iguais quando tiverem os lados e os ângulos correspondentes geometricamente iguais. Relacionar cubos, paralelepípedos retângulos e prismas retos com as respetivas planificações. Usar a palavra de forma audível, com boa articulação, entoação e ritmos adequados, e olhando o interlocutor. Fazer uma boa apresentação oral sobre o tema previamente planificado.

Iniciou-se a aula colocando em cima de uma mesa alguns sólidos geométricos, e questionou-se os alunos se estes reconheciam alguns destes, pelo que a grande maioria conseguiu identificar algumas das suas características e nomes. Em diálogo com a turma, mostrou-se alguns desses sólidos geométricos de modo a que dissessem onde é que poderíamos identificá-los no nosso dia a dia.

Mostrou-se por exemplo o cubo pelo que com ajuda identificaram os dados, mostrou-se uma pirâmide, que identificaram com as pirâmides do Egipto e assim sucessivamente. Porém, separou-se seis sólidos tendo em conta as suas características. Três sólidos geométricos que rolam (esfera, cone e cilindro) e três sólidos com superfícies planas (paralelepípedo retângulo, cubo e prisma triangular) e questionou-se se sabiam por que razão se teria separado estes sólidos, que tipo de critério é que se teria utilizado. A maioria dos alunos compreendeu que os sólidos que rolam eram constituídos por superfícies curvas (a esfera é constituída por uma superfície curva, o cilindro é constituído por uma

superfície curva e duas bases planas e o cone é constituído por uma base e uma superfície curva. Os outros três, como só possuem superfícies planas, não rolam.

Foi gratificante perceber que os alunos tinham compreendido aquilo que lhes estava a ser explicado. De seguida e como já se tinha falado em faces, arestas e vértices, pegou-se no cubo e solicitou-se a um aluno que identificasse no cubo as faces, as arestas e os vértices, no que se constatou que estava com alguma dificuldade.

Deste modo desenhou-se no quadro um cubo e em conjunto com a turma foi-se identificando cada uma das partes. Para fácil perceção, escreveu-se no quadro branco uma breve descrição sobre aresta, vértice e face, solicitando-se aos alunos que copiassem para o caderno diário.

Posteriormente, e para sistematizar o que tinham aprendido, proporcionou-se à turma a visualização de um *PowerPoint* que permitiu a interação de todos os alunos, na medida em que existia perguntas para que eles respondessem e constatassem se a sua resposta estava correta ou não. Posto isso, distribuí uma ficha sobre os conteúdos abordados nesta aula e solicitei que a realizassem de forma individual. Facultou-se tempo para que todos a resolvessem, circulando pela sala e apoiando os alunos sempre que necessário.

A avaliação trata-se de um processo contínuo que permite ao profissional de educação reajustar e adaptar as suas metodologias e recursos de acordo com as necessidades dos seus alunos, assim como deve ter em conta as características da turma. Neste estágio, os parâmetros de avaliação consistiram na observação direta, registos escritos, fotográficos, notas de campos, grelhas de observação e listas de verificação.

Organização do ambiente educativo

A sala onde decorreu o estágio era ampla, com bastante luz natural, proporcionando a todos os intervenientes do processo educativo um bem-estar geral. Ao longo das semanas de intervenção a disposição dos móveis da sala sofreram algumas alterações de forma a responder às necessidades e interesses da turma.

Durante a prática e sempre que se sentiu necessidade alterou-se a disposição da sala, pois o objetivo principal era criar um ambiente benéfico ao processo de ensino/aprendizagem, sendo a responsabilidade do profissional de educação refletir sobre a sua disposição.

Contudo, uma das dificuldades sentidas no início relacionou-se com a gestão do grupo, nomeadamente no que se refere à adaptação da aula aos diferentes ritmos de trabalho dos alunos. No entanto, ao longo das semanas foi-se conseguindo que os alunos colmassem esses ritmos, dando um apoio mais individualizado.

1.3. Relação educativa e desempenho profissional

A boa integração em todas as instituições de ensino, assim como o relacionamento favorável que se estabeleceu com educadoras e professoras cooperantes e a relação que se criou com os grupos e turmas pelas quais se teve oportunidade de acompanhar foram fundamentais para a consecução dos objetivos propostos aquando os estágios. Esta relação criada com as crianças/alunos permitiu sempre que necessário impor a ordem e o respeito, tendo sempre um clima de abertura e tranquilidade para que as crianças/alunos se sentissem à vontade para expor as suas dúvidas.

No contexto de Creche e Jardim de Infância, foi notória a necessidade da criação de vínculos mais afetivos, para que as crianças se sentissem seguras e confiantes com a presença de outros adultos. No contexto do 1.º Ciclo, nomeadamente na turma do 1.º ano, sentiu-se que estes alunos ainda necessitavam do mesmo vínculo afetivo, uma vez que se encontravam na transição do pré-escolar com o 1.º ciclo. No 4.º ano, por sua vez, notou-se uma maior maturidade nos alunos, contudo sempre que houvesse abertura muitos deles não desperdiçavam a oportunidade para dar um abraço ou manifestar algum carinho.

Em qualquer que seja o contexto de aprendizagem a criança deve ser encarada de forma ativa, sendo isso, uma condição essencial para a reestruturação cognitiva e desenvolvimento global. A criança forma conceitos, ideias e símbolos através da sua ação, no decorrer desta, o adulto desempenha um papel de observador participante, possibilitando a criança a experienciar e desenvolver pensamentos opostos de forma a reestruturar a sua compreensão do mundo (Pereira, 2013).

De acordo com o Dec. Lei n.º 46/86 de 14 de outubro, o sistema educativo concretiza o direito à educação que promove o desenvolvimento global da personalidade dos indivíduos, a progressão social e a democratização da sociedade. A educação encontra-se estruturada em diferentes instituições e

entidades públicas, sendo que a coordenação política deste sistema está ao encargo de um ministério vocacionado para esse efeito. O artigo 2.º da mesma lei refere que o sistema educativo deve corresponder às necessidades reais da sociedade, contribuindo assim para o desenvolvimento pleno e harmoniosos dos cidadãos, bem como formá-los para a liberdade, responsabilidade, autonomia, solidariedade, democracia, respeito pelos outros, espírito crítico e criativo, valorizando a dimensão humana.

No que se refere à relação com os profissionais de educação, houve oportunidade de os observar nas suas práticas pedagógicas, de modo a poder adequar as intervenções. De realçar, no entanto, o apoio de todos os intervenientes deste nosso processo de aprendizagem para que as crianças/alunos pudessem deter ao máximo uma boa aprendizagem.

Em todos os contextos de estágio trabalhou-se constantemente a pares o que se considera desde sempre uma mais-valia, já que futuramente se irá trabalhar colaborativamente. Apesar de trabalharmos em conjunto, no que se refere à realização do projeto, planificações e recursos, as nossas intervenções ocorriam uma a exercer e a outra a dar apoio em semanas alternadas.

No último estágio de facto trabalhámos de forma colaborativa com o outro par de estágio, contando que, na escola onde se estagiou, as docentes tinham essa metodologia, o que tornou a nossa prática mais globalizante assumindo uma dimensão significativa. Através do trabalho colaborativo promove-se um ambiente mais seguro, no qual se reconhece o saber de cada professor e se partilham experiências e saberes (Roldão, 2007). É primordial que todos os professores trabalhem em conjunto por um mesmo objetivo final, que é assegurar aos alunos o seu direito de aprender.

No que respeita ao contacto com os encarregados de educação, no contexto de Creche e Jardim de Infância, teve-se um contacto mais direto através do acolhimento e também pelo envolvimento dos pais em alguns projetos com as instituições. No 1.º ciclo de facto não há um contacto tão direto, porque os pais comunicam muito através da caderneta do aluno, contudo tivemos oportunidade de assistir a algumas conversas informais como os encarregados de educação.

Os profissionais de educação com quem tivemos oportunidade de estagiar facultaram sempre informações e apoios pertinentes, de modo a que

fosse possível compreender melhor cada aluno. É essencial que as famílias se envolvam e se sintam envolvidas nas aprendizagens dos seus educandos, uma vez que as crianças se encontram numa idade em que é fulcral o envolvimento da família, permitindo à criança uma estabilidade e segurança na transição de casa para a escola. Como prioridade primordial, prezou-se sempre o respeito por todas as crianças/alunos, nas diversas dimensões quer a nível pessoal, social e cultural.

A boa relação estabelecida com todos os agentes educativos contribuiu para o desenvolvimento da dimensão ética do desempenho profissional, de acordo com o perfil geral de desempenho estabelecido pelo decreto-lei n.º 240/2001.

1.4. Avaliação

Das práticas pedagógicas obtêm-se determinadas experiências que levam à compreensão de que a avaliação é um elemento essencial no processo de ensino-aprendizagem, tendo em conta que “avaliar é um conjunto organizado de processos que visam o acompanhamento regulador de qualquer aprendizagem pretendida e que incorporam, por isso mesmo a verificação da sua consecução” (Roldão, 2003, citado por Gaspar, 2010, p.65). Efetivamente, a avaliação não se trata de um processo individual do profissional de educação, pois este engloba os diversos intervenientes do processo educativo, tais como: professores, alunos, pais/família e assistentes operacionais (Gaspar, 2010).

No que concerne à avaliação do trabalho enquanto futuras profissionais de educação, o principal objetivo será analisar o que se faz com os nossos alunos e quais as aprendizagens que estes adquirem com determinadas atividades propostas por nós. Comparativamente à avaliação que se realizou no decorrer dos estágios, de facto inicialmente houve dificuldade em encontrar os instrumentos mais adequados, pois não chegava a observação participante, as grelhas de observação, ou o registo fotográfico. Sentia-se sempre necessidade de fazer um registo mais pormenorizado no diário de bordo.

Esta avaliação mais formativa teve como intuito certificar se os alunos tinham ou não aprendido o que lhes estava a ser ensinado, permitindo melhorar ou alterar as práticas de ensino.

No sentido em que a avaliação formativa é fundamentalmente propósito e efeito, ou seja, tem o propósito de melhorar “as aprendizagens e efeito que só materializados e observados com base em indicadores dessa melhoria” (Araújo, 2015, p.3). Deste modo o aluno aprende a mobilizar os seus saberes mediante os objetivos a alcançar, assim como permite ao docente adequar as suas metodologias de ensino-aprendizagem.

Nesta perspetiva Perrenoud (n/d citado por Carmo, 2013, p.121) refere que “uma avaliação formativa coloca à disposição do professor informações mais precisas, mais qualitativas sobre os processos de aprendizagem, as atitudes e tudo o que os alunos adquiriram”. Deste modo, uma avaliação só é verdadeiramente formativa se o docente tiver a intenção de a utilizar como uma mais-valia para a aprendizagem do aluno, permitindo deste modo uma adaptação do ensino às diferenças individuais de cada um.

Passo a passo, foi possível estar mais à-vontade com este processo, pelo que nos últimos estágios já não houve necessidade de escrever diários de bordo, bastou fazer notas de campo, tendo por base inicialmente a observação participativa e as grelhas de observação e verificação. Contudo, não se pode garantir que este método seja de todo o mais viável, porém, no decorrer dos estágios foi bastante útil como instrumento, servindo como base de comparação sobre a evolução/dificuldade que os alunos poderiam ter.

No que respeita à avaliação em cada contexto de estágio, pode-se referir que na valência de Creche, valoriza-se muito mais as relações, ou seja, os vínculos que as crianças criam com os adultos (educadora e assistente operacional), bem como com as restantes crianças. Uma vez que são crianças muito pequenas, na creche deve-se valorizar os momentos, as interações pessoais e as rotinas e não as atividades em si com esse intuito avaliativo.

Nesta valência, as rotinas e os tempos livres são o foco principal dos profissionais de educação, assim as atividades planificadas e orientadas ocupam apenas uma pequena parte, uma vez que as “crianças muito pequenas não se desenvolvem bem em ambientes “escolarizados”, onde realizam atividades em grupo dirigidas por um adulto, mas em contextos calorosos e atentos às necessidades individuais” (Portugal, 2000, p.88). Foi precisamente assim, que decorreu a prática pedagógica nesta valência, privilegiando-se as aprendizagens pelas relações estabelecidas com cada criança, sendo importante que se consiga criar momentos de qualidade, como refere Portugal (2000) tempos de

qualidade em que o educador se envolve em simultâneo com a criança numa determinada atividade, nomeadamente lavar as mãos, comer, mudar a fralda. É de facto importante que se criem relações didáticas com as crianças sem esquecer que apesar de ser responsável por um grupo, deverá conseguir prestar atenção a cada uma na sua individualidade.

No Jardim de Infância, no que respeita à avaliação e como mencionado anteriormente, esta é considerada como um processo fundamental da prática educativa, que possibilita a recolha de informação, análise e decisão de modo a promover uma aprendizagem de qualidade. Neste contexto já se começa a sentir mais a intencionalidade da palavra avaliação. Este processo contínuo permite ao profissional de educação perceber qual o nível de desenvolvimento da criança, contudo deve existir uma relação de amizade e confiança entre o educador e a criança, pois só assim esta se sente segura para poder partilhar as suas inseguranças e frustrações. No Pré-Escolar e de acordo com o ME-DEB (1997), devem ser criados momentos de descoberta e exploração do mundo. Deve-se promover o desenvolvimento pessoal e social, baseando-se em vivências do seu dia a dia.

Deste modo, os laços criados com cada criança e nomeadamente com todo o grupo e também a observação participante, os registos escritos e fotográficos assim como as grelhas de observação, permitiram compreender qual o nível de desenvolvimento das crianças assim como reorganizar o ambiente educativo e a prática pedagógica sempre que necessário, sendo uma mais-valia para a aprendizagem daquele grupo de crianças.

Nestas faixas etárias é notória a presença de situações/atividades que promovam a descoberta e a exploração do que rodeia a criança. A curiosidade natural, na criança, faz com que esta procure compreender e dar sentido ao mundo que é próprio do ser humano e que origina as formas mais elaboradas do pensamento, o desenvolvimento das ciências, técnicas e artes (ME-DEB, 1997). Uma vez que a construção do saber nos primeiros anos de vida ocorre holisticamente e não de forma compartimentada em áreas ou conteúdos, ou seja, as situações do dia a dia, as próprias rotinas contribuem para o desenvolvimento intelectual, físico, emocional e social. Deste modo, as atividades devem ser planeadas e avaliadas tendo em conta as diferentes áreas de conteúdo integradas, mas não em exagero porque todos os momentos constituem pequenas aprendizagens para as crianças (Portugal, 2000).

No que respeita ao primeiro ciclo, nomeadamente ao 1.º ano, notou-se uma maior dificuldade na área da matemática, porque os alunos possuíam uma grande dificuldade em trabalhar com o abstrato, pois não conseguem pensar nos problemas de forma mental, precisam de objetos concretos. Estas crianças ainda se encontravam muito dependentes da utilização dos sentidos, bem como do seu pensamento egocêntrico, que aos poucos começará a desenvolver o conceito de número, das relações e processos (Piaget, s/d. citado por Peterson & Felton Collins, 1986). No Português possuíam algumas dificuldades de compreensão e leitura, mas com se tratava de um primeiro ano a professora cooperante tranquilizou-nos para que não nos sentíssemos frustradas. De destacar a área de estudo do meio e de expressões, em que se verificou que os alunos não possuíam grandes dificuldades.

No 4.º ano e visto que se trata de um ano de transição para o 2.º ciclo, notou-se algumas dificuldades, na área do Português, nomeadamente no domínio da leitura e escrita, e na matemática a nível de cálculo, mas nada que ao longo do estágio não tivesse sido colmatado. Nas áreas de expressão e estudo do meio, verificou-se que os alunos não possuíam muitas dificuldades, apesar da primeira ser pouco trabalhada com a docente cooperante, pelo que as atividades realizadas nesse âmbito foram sempre concretizadas com muito empenho e motivação por toda a turma. No decorrer dos estágios, mais concretamente no que respeita ao 1.º ciclo, não houve oportunidade de corrigir fichas de avaliação, contudo a professora cooperante do 4.º ano mostrou-nos as fichas de avaliação dos alunos já corrigidas e falou um pouco sobre o seu critério de avaliação.

Este tema da avaliação é um tema bastante controverso e não se pode, até à data, dizer qual o melhor processo para se avaliar se só a avaliação formativa, se só a avaliação sumativa, se ambas ou até com a junção dos outros critérios. Os dois tipos de avaliação mais frequentes nas escolas tradicionais apontam para a avaliação formativa e para uma avaliação sumativa que tem como finalidade “medir a quantidade de conhecimentos adquiridos pelos alunos e aferir o grau de reprodução desses conhecimentos” (Leite e Fernandes, 2002, p. 20).

Porém, estes dois tipos de avaliação, apesar de aparecerem em simultâneo numa avaliação, são distintos. Essa dissemelhança existe “na forma de recolher e interpretar as evidências, na forma como os alunos são envolvidos

no processo, mas fundamentalmente, no propósito com que se usam as inferências, proporcionando decisões ou ações subsequentes diferenciadas” (Harlen, 2006, citado por Araújo, 2015, p. 18). Uma avaliação tem à partida um propósito definido, ou seja, pressupõem-se que o profissional de educação tenha definido objetivos e estratégias para que os alunos possam alcançar determinados objetivos.

Nos estágios realizados optou-se sempre por uma avaliação formativa, uma vez que o feedback dos alunos era importante para se saber como e o quê, que se poderia aplicar ou melhorar. Back e William (1998b, citado por Araújo, 2015) referem que uma avaliação formativa é aquela que engloba todas as atividades, de modo a recolher informações que possam ser objeto de mudança ou não para uma melhor aprendizagem dos alunos. Esta avaliação visa uma adaptação do ensino às aprendizagens, com o foco nas necessidades dos alunos.

A qualidade das aprendizagens que se fazem hoje deverá ser observada nas respostas dos desafios de amanhã (Araújo, 2015), pois uma avaliação deve de ser muito mais do que uma simples classificação ou descrição. Tanto os docentes como os educandos devem estar em contínua ligação e não apenas cingir-se em momentos específicos e isolados de avaliação.

Parte II – Pesquisa realizada

2.1. Reflexão das práticas pedagógicas e a emergência da questão de pesquisa

As práticas pedagógicas resultantes deste percurso fizeram com que se adquirisse alguma experiência, o que permitiu em cada contexto explorar determinados conhecimentos específicos. No que respeita às planificações, foi gratificante planificar de acordo com os programas e manuais que as escolas possuíam, assim como, o facto de se planificar tendo em conta a especificidade de cada um dos alunos.

Efetivamente, a vida da criança muda quando ingressa na escola (desde do pré-escolar), onde as relações que cria com os profissionais de educação e colegas fazem parte do seu pequeno círculo de contactos mais próximos. Quando a criança ingressa no 1.º ciclo dá-se uma mudança a nível do pensamento abstrato, este começa a desenvolver-se mais, deixando o pensamento concreto (Facci, 2004).

As idades constituem formações globais e dinâmicas que desempenham um papel fulcral no desenvolvimento de cada indivíduo. Existem relações complexas entre o desenvolvimento e a aprendizagem, ou seja, num primeiro nível estão centradas as funções psicológicas que já possuem e no segundo nível as funções que ainda estão por consolidar e que necessitam das interações com os outros para que seja possível desenvolver novas aprendizagens (Vygotsky, 1996, citado por Facci, 2004). Deste modo, é necessário que o profissional de educação desenvolva atividades que articulem os conteúdos, de modo a que os alunos possam apropriar-se de novos conceitos e assim desenvolvam as suas competências psíquicas, físicas e sociais.

No decorrer dos estágios evidenciou-se o facto de se aplicar determinadas estratégias que promoviam o desenvolvimento das capacidades de determinados alunos/crianças, assim como a sua autonomia, consoante o ciclo de ensino. A importância da aprendizagem assente numa pedagogia diferenciada permite ao aluno com mais dificuldades obter aprendizagens mais significativas. Deste modo, a escolha da Pedagogia Diferenciada recaiu sobre uma preocupação pessoal no desenvolvimento da prática pedagógica. Os

grupos/turmas estão cada vez mais heterogêneos, o que faz com que surjam disparidades em diversos níveis, desde dos cognitivos aos culturais e sociais.

Tendo a devida consciência de que as crianças não são todas iguais, mas compreendendo que todas têm o mesmo direito à educação, é necessário que os educadores e professores na sua prática pedagógica optem por estratégias diferenciadas que promovam nos seus discentes a aprendizagem dos conteúdos implícitos no currículo.

2.1.1. Questões investigativas

Neste estudo, o ponto de partida relaciona-se com as seguintes questões investigativas, a saber:

1. Tendo em conta as características do grupo/turma, como é que os profissionais de educação fazem a planificação das suas atividades letivas?
2. Como é que os profissionais de educação organizam o ambiente educativo, e que materiais é que preparam tendo em conta os diferentes alunos?
3. Como é que os profissionais de educação definem a diferenciação pedagógica?
4. Como é que os profissionais de educação integraram as diferenças nas suas práticas educativas? Que tipo de estratégias privilegiam os professores e/ou educadores?
5. Que dificuldades encontram os profissionais de educação na implementação desta prática pedagógica?
6. Que tipo de avaliação elegem os profissionais de educação perante a diversidade dos seus discentes?

Atualmente a diversidade que se encontra no contexto escolar é bastante diversificada, o que nos leva, enquanto futuros profissionais de educação, a estarmos atentos a essa diversidade, uma vez que esta é imensa, desde as capacidades de aprendizagem, dos interesses, das vivências, das condições de vida, da cultura, todas estas e muitas outras diferenças, fazem com que necessitemos de atenção e da capacidade de responder a todas elas sem exceção. No que respeita à diversidade cultural, esta, está fortemente presente no nosso dia a dia, pois cada vez mais integram no nosso sistema de ensino crianças de cariz social e cultural diferente (Ruivo, 2013).

Sendo a escola um ambiente socializador, em que as crianças se integram independentemente das suas diferenças, é necessário que a escola e os profissionais de educação promovam uma educação multicultural, de modo a contribuir para uma sociedade mais condescendente e na qual é fulcral a criação de momentos de diferenciação pedagógica de cariz imperativo no plano pedagógico.

A escola um meio que possibilita a “descentração, ao respeito e reconhecimento do outro, das identidades, das diversidades, numa sociedade cada vez mais plural, heterogénea e globalizada” (Ramos, 1995, citado por Ruivo, 2013, p.4).

Em suma, é essencial desenvolver práticas pedagógicas que incluam todos os alunos/crianças tendo em conta as especificidades de cada uma, pois cada criança é única e possui o seu próprio ritmo de aprendizagem. Assim, cabe ao profissional de educação desenvolver estratégias e métodos apropriados para que os seus educandos adquiram essas aprendizagens de um modo mais fácil e motivador.

2.2. Enquadramento teórico

Neste ponto pretende-se demonstrar a importância da diferenciação pedagógica no desenvolvimento e aprendizagem global da criança, dando ênfase aos estudos realizados sobre esta temática frisando alguns autores.

Começar-se-á por refletir sobre algumas perspetivas do **conceito de diferenciação pedagógica**, que foram encontradas nas leituras realizadas, e durante os estágios concretizados. Seguidamente, far-se-á uma abordagem ao **currículo**, no qual se constata ser o mesmo para todos à exceção dos alunos ao abrigo do Dec. Lei n.º 3/2008 de 7 de janeiro, cujo objetivo é promover uma qualidade de ensino ao mesmo tempo que faculta “a promoção de uma escola democrática e inclusiva” (p.154) para todas as crianças.

De um modo geral, é possível constatar a integração de respostas educativas, pertencentes ao processo individual do aluno. A finalidade é de se compreender que cada ciclo de ensino possui determinados objetivos, porém as finalidades são as mesmas, ou seja, capacitar as crianças/alunos para que atinjam esses objetivos de aprendizagem. Assim, é necessário que os profissionais de educação sejam capazes de refletir, modificar, adaptar e

melhorar as suas estratégias de ensino-aprendizagem de modo a que cada criança/aluno possa atingir esse fim.

O profissional de educação, ao colocar em prática o seu método, está sujeito a um público diversificado a todos os níveis, desde o social ao cultural. Portanto, é necessário que este opte por medidas que lhe permitam fazer uma diferenciação. Contudo, será este é o processo que permitirá a integração de todos os alunos, assim como permitirá ao profissional de educação estar envolto desta temática a fim de colmatar questões cada vez mais pertinentes nas escolas atuais (Pimentel, 2014).

Partindo do princípio em que o ensino-aprendizagem deve estar centrado na criança, é necessário que exista da parte do profissional de educação a preocupação, bem como a responsabilidade de adequar o ensino a cada criança, uma vez que esta deve ser parte integrante dessa aprendizagem ativa. Assim sendo,

as crianças são agentes ativos que constroem o seu próprio conhecimento do mundo enquanto transformam as suas ideias e interações em sequências lógicas e intuitivas de pensamento e ação, por último trabalha com diversos materiais para criar experiências e resultados significativos do ponto de vista e enquanto falam sobre as suas experiências, que descrevem com as suas próprias palavras (Hohmann e Weikart, 1997, p. 22).

No entanto, existe ainda um longo caminho a percorrer, uma vez que a escola ainda possui algumas dificuldades em responder às necessidades existentes, nomeadamente pela diversidade de crianças que lá chegam diariamente (Roldão, 2003). Mas, para que a escola consiga lidar com as especificidades de cada criança/aluno, é extremamente necessário que se criem medidas que visem essas especificidades, mais concretamente ao nível da organização do ambiente educativo. Os docentes deverão poder, dentro da sua sala, tirar partido dessa diversidade cultural, por exemplo, fazer com que cada criança/aluno se sinta importante e valorizado por possuir uma cultura diferente e os outros alunos sentirem a sua integração.

Por fim abordar-se-á o Perfil Específico de Desempenho Profissional que o educador e o professor devem ter a fim de desenvolverem um currículo que promova uma escola inclusiva.

2.2.1. Pedagogia Diferenciada

O conceito de Pedagogia Diferenciada não é novo, generalizou-se a partir do século XX, e tem sido estudado por vários autores.

Pressupõem-se que definir um conceito é ter uma explicação clara e breve sobre um determinado tema, contudo, este conceito tem diferentes entendimentos, uma vez que se relaciona com a sua aplicabilidade na prática educativa. Relativamente ao conceito de Diferenciação Pedagógica, atualmente em voga, são notórios os equívocos que se têm feito em relação a este conceito.

Quando se fala de **Diferenciação** é necessário explicar o porquê da sua importância no ensino, assim como, referir a quem se direciona essa diferenciação e essencialmente clarificar que a educação diferenciada não se destina apenas aos alunos “diferentes”.

Porém pode afirmar-se que não existe um consenso para a definição de pedagogia diferenciada, esta pode ser entendida segundo (Prud'homme, 2005, p.8) como uma “ferramenta, uma atitude, uma abordagem, uma filosofia, uma estratégia de adaptação do currículo ou um modelo de gestão de sala de aula”. Tendo como principal objetivo abranger o maior número de alunos, possibilita-se a todos na sua diversidade a oportunidade de aprender.

Atualmente as escolas e turmas com que os profissionais de educação se deparam são cada vez mais heterogêneas. A sua diversidade faz com que estes profissionais tenham de se adaptar a uma realidade que está em constante mudança, levando-os a refletir sobre a sua ação, emergindo a necessidade da aplicabilidade da diferenciação pedagógica nos seus discentes de modo a promover o sucesso escolar.

Não obstante, e como mencionado anteriormente, são várias as definições que se podem encontrar sobre este tema. Apesar de existir consensos teóricos, o modo como este conceito é colocado em prática, na maioria das vezes acaba por divergir dos princípios que deram origem ao mesmo (Santana, 2000). Assim, e seguindo as perspetivas de vários autores, a fim de se compreender o que é a diferenciação pedagógica é imprescindível compreender o que ela abrange e como se processa.

Só assim é possível torná-la num processo integral da sala de aula de modo a permitir que os alunos que necessitem desse apoio devido à sua diversidade, seja ela social, cultural ou cognitiva, o tenham do docente e não

uma limitação dessa aprendizagem pelo ensino coletivo que reduz o ritmo de aprendizagem para todos (Pimentel, 2014).

Autores tais como: Tomlinson (2008), Caron (2003), Prud`homme (2005), Perrenoud (2000), Cadima e outros (1997), Louis Legrand (1971), Meirieu (1993) e Sousa (2010) mencionam a diferenciação pedagógica como uma temática pertinente no sentido em que esta tem um carácter democrático e inclusivo.

<p>Para Tomlinson (2004)</p>	<p>a diferenciação pedagógica é a capacidade de resposta que o docente tem perante a diversidade de alunos com que se depara em sala de aula. Sempre que o profissional de educação adote ou modifique algo na sua prática em prol da aprendizagem do aluno, de modo a criar uma situação de aprendizagem mais facilitadora, então deparamo-nos com a diferenciação pedagógica.</p> <p>Para este autor, o ensino-aprendizagem não se centra apenas nos currículos. Este reconhece importância do conhecimento do aluno, tendo em conta o nível de conhecimentos que este possui para centrar a sua prática educativa. Nesta perspetiva, só assim é que o docente tem capacidade para traçar o perfil de aprendizagem de cada aluno.</p> <p>Na sua visão só assim é possível refletir e adaptar determinados valores e atitudes de modo a criar uma escola mais inclusiva, que respeite a individualidade de cada aluno ao mesmo tempo que permite a cada aluno o acesso a um ensino que apesar de ser individualizado é unificado.</p>
<p>Para Caron (2003),</p>	<p>esta pedagogia é encarada como um modo de compreender e explorar as diferenças, de modo a que os alunos aprendam a viver com elas.</p>
<p>Para Prud`homme (2005),</p>	<p>é através da pedagogia diferenciada que se torna possível abranger várias estratégias de ensino aprendizagem, permitindo aos alunos uma maior envolvimento e participação nas atividades, levando a</p>

	que estes tenham uma maior motivação e empenho nas suas aprendizagens.
Para Perrenoud (2000),	esta pedagogia centra-se no aprendente e no seu percurso de aprendizagem. Deve-se deste modo adequar o ensino às características de cada criança, não se tratando apenas de uma questão de pedagogia, mas também de respeito pela individualidade de cada ser humano. Segundo a sua perspetiva, a finalidade desta pedagogia visa reduzir o insucesso escolar, tendo como objetivo evitar que as escolas se transformem num sistema de exclusões sucessivas de alunos, em função por exemplo da sua origem ou cultura, de modo a colmatar essas desigualdades.
Para Cadima (1997),	a diferenciação visa a organização de atividades, que proporcionem ao aluno a confrontação de situações didáticas que lhe permitam enriquecer a sua aprendizagem, assegurando e acautelando as características de cada criança/aluno.
Para Louis Legrand (1971),	o termo ensino diferenciado refere-se ao esforço diversificado de métodos que os profissionais de educação fazem com o intuito de responder à diversidade dos alunos nas suas turmas.
Para Meirieu (1993, citado por Niza, 2000),	a pedagogia diferenciada foi primeiramente encarada como um fracasso escolar, para os que recusavam um discurso fatalista e uma teoria sumária de dons. Assim sendo, para este autor a pedagogia diferenciada era encarada como um meio para compreender os diferentes resultados que o aluno obtinha a nível pedagógico. Porém, o seu método de criar grupos homogéneos, ou “grupos por necessidades” teve apenas em conta as estruturas organizativas, que veio mais tarde a compreender que se tratava de um erro, contudo esse erro traduziu-se numa grande descoberta para o trabalho cooperativo (atualmente utilizado no MEM- Movimento de Escola Moderna).

Para Sousa (2010),	a diferenciação pedagógica visa a adaptação do currículo às particularidades de cada aluno, cujo objetivo é potencializar as suas aprendizagens garantindo o sucesso de cada discente.
--------------------	--

Partindo da mesma perspetiva Cadima (1997), Perrenoud (2000) e Meirieu (1993) mencionam que a diferenciação tem por base a regulação individualizada, que visa quais os melhores métodos e estratégias para o ensino-aprendizagem de cada aluno, assim como, visa quais as melhores estratégias de ensino que o profissional de educação deve adaptar à aprendizagem de cada discente.

Devemos considerar que diferenciar não representa uma individualização do ensino, mas sim, uma regulação dos itinerários que devem ser individualizados num contexto de cooperação educativa (Benavente, 1995; Grave-Resendes, 2002, citado por Pinharanda, 2009). Mencionando também Allan e Tomlinson (2002), estas autoras também defendem a diferenciação de tarefas como forma de alcançar as aprendizagens tendo em conta as necessidades de cada criança/aluno.

Torna-se assim essencial flexibilizar a organização dos grupos de trabalho, consoante a necessidade de diferenciar, de modo a promover uma equidade na adaptação do currículo consoante as necessidades e características do contexto educativo em que o professor e o aluno se encontram inseridos.

A criação de condições de acesso à escolaridade básica tem sido bastante impulsionada, porém investigadores deste ramo mencionam que mudanças tão significativas obrigam a que as escolas reflitam a cada dia sobre a sua prática educativa, de modo a evitar diferenças que culminem em desigualdades. É uma tarefa verdadeiramente revolucionária, no sentido em que rompe com a tradição escolar a que todos fomos sujeitos, como refere Perrenoud (1997), “é o romper com a pedagogia magistral” em que a mesma lição e os mesmos exercícios eram para todos ao mesmo tempo.

É notória a crescente preocupação dos professores aquando a reorganização do **currículo** de modo a adequar a sua prática, a fim de dar resposta à diversidade dos alunos que têm todo o direito a uma educação escolar, prevista e regulamentada em documentos oficiais.

As constantes alterações que o **conceito de currículo** tem vindo a sofrer, ao longo dos tempos, leva ao surgimento desta temática cada vez mais pertinente nas escolas atuais. A diferenciação pedagógica surge da necessidade patenteada das escolas, devido à diversidade de alunos que abrange. As salas de aula estão cada vez mais heterogêneas, possuindo “alunos com características, perfis, ritmos de aprendizagem, valores, culturas, etnias e naturalidades diferentes”. (Pimentel, 2014, p.6).

Segundo Roldão (2003, p.157), “a construção histórica da instituição escolar assentou, no seu início, na clara aceitação de uma estratificação ‘natural’ do acesso à escola”. O profissional de educação, deve organizar, desenvolver e avaliar o processo de ensino, tendo em conta as experiências de cada aluno, possibilitando a aquisição de novas aprendizagens. O professor deve utilizar os conhecimentos prévios dos alunos, bem como os seus erros, para construir novas situações de aprendizagem.

Deve ainda promover as aprendizagens curriculares, com base numa relação pedagógica de qualidade, com rigor científico e metodológico. Ao profissional de educação cabe a organização do espaço e tempo educativo, sendo que, na planificação das atividades/tarefas escolares este deverá utilizar estratégias diferenciadas que conduzam “ao sucesso e realização de cada aluno no quadro sociocultural da diversidade das sociedades e da heterogeneidade dos sujeitos, mobilizando valores, saberes, experiências e outros componentes dos contextos e percursos pessoais, culturais e sociais dos alunos” (Anexo I do Decreto-Lei n.º 240/2001, p.5571).

A globalização da nossa sociedade faz com que, imperativamente, a escola acolha grupos heterogêneos do ponto de vista cultural e social entre outros. No entanto, o que se exige da escola é que esta esteja capacitada de profissionais que consigam articular toda essa diversidade de modo a facilitar a inclusão de todos. É realmente importante que se crie um ensino abrangente, e que englobe todos os intervenientes deste processo, promovendo nos alunos a aprendizagem. Aprendizagem essa que implica mudanças estruturais dentro da própria sala de aula, que envolva toda a turma levando os alunos a sentirem-se parte integrante de todo este processo.

O profissional de educação tem o dever de aproveitar toda essa diversidade em prol das aprendizagens dos seus alunos, ou seja, o professor deve salientar a importância da diversidade transportando-a para a sala de aula

como um recurso e não como algo que possa ser alvo de discriminação (Tomlinson e Allan, 2002).

A diferenciação pedagógica é de facto uma intervenção, cada vez mais realista, porém, cabe ao profissional de educação conseguir dar uma resposta que se adequa e que abranja toda a dimensão que esta pedagogia envolve. Só assim é que esta ficará enraizada e permitirá que cada criança sem exceção seja encarada como cidadão pleno e possa exercer o seu papel de aluno.

Através da Pedagogia Diferenciada deseja-se alcançar o sucesso escolar, que consiste na realização de três grandes objetivos, a saber: melhorar a relação aluno/professor, enriquecer e fortalecer a interação social e desenvolver a autonomia do aluno (Przesmycki, 1991, citado por Gomes, 2013). A implementação desta metodologia abrange os processos de aprendizagem, os conteúdos e as estruturas.

2.2.2. Pedagogia diferenciada nas primeiras idades e a importância do papel dos profissionais de educação

Este tema bastante atual, apesar de não ser novo no paradigma da educação, emerge como resposta educativa que mais se adequa à realidade contemporânea em termos de heterogeneidade dos alunos que diariamente entram na comunidade escolar (Pinharanda, 2009). Neste sentido, importa salientar que esta pedagogia pretende criar ambientes facilitadores que auxiliam os alunos permitindo que estes desenvolvam as suas aprendizagens sem que se sintam excluídos do seu grupo ou turma de estudo.

Como refere Niza (2000), existem três marcos históricos, nas práticas educativas que visam o trabalho dos profissionais de educação, e que lhes possibilita executá-lo com a equidade necessária para alcançar bons resultados escolares.

Assim o primeiro refere-se à Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986, que reconhece “a cada cidadão o direito ao acesso a uma educação escolar básica e o conseqüente direito ao sucesso no decurso da sua frequência” (Niza, 2000, p.39).

O segundo refere-se ao acordo de Jomtien datado de 1990, e também conhecido por Declaração Mundial da Educação para Todos, cujo objetivo é assegurar uma educação básica para todos, de modo a satisfazer as

necessidades básicas de aprendizagem numa escola onde todos possam fazer parte integrante (artigo 1. Unesco, 1998).

Por último à Declaração de Salamanca (1994), que reconhece que “cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias”. Assim como, reconhece a importância de uma escola inclusiva para crianças com necessidades educativas podendo estas ter acesso a um ensino regular, de modo a combater as desigualdades e discriminações que se fazem sentir na comunidade escolar.

Estudos sobre esta temática demonstram que é essencial que os profissionais de educação desde cedo utilizem estratégias diversificadas, que lhes permita reforçar as aprendizagens dos seus discentes. Porém, e como menciona Niza (2000), é importante que os professores façam uma retrospectiva, de modo a colocarem-se no seu passado mais remoto de alunos, para que consigam recordar-se do modo como se relacionavam com os seus professores. Só assim e segundo o autor é que estes profissionais de educação vão compreender que, por mais que se escreva sobre a educação, existe um ponto de vista fulcral que raramente aparece exposto, que é o da criança. Ou seja, as crianças/alunos nas escolas estão longe de serem assumidos como cidadãos por parte dos profissionais de educação, relativamente à diversidade, uma vez que essa importância se prende essencialmente pelo cumprimento dos direitos humanos, na cultura dos valores, o que torna possível as relações contratuais do ato educativo (Niza, 2000).

É importante que os profissionais de educação de hoje centrem as suas práticas pedagógicas nas crianças proporcionando-lhes um apoio específico consoante as suas dificuldades ou limitações. Só assim será possível progredir para que a criança/aluno, seja reconhecida como cidadão com direitos, permitindo que o conceito de Pedagogia Diferenciada evolua de forma a centrar-se cada vez mais nas especificidades de cada criança/aluno de modo a colmatar as divergências que possam encontrar no seu percurso escolar tendo início no pré-escolar, passando pelo 1.º CEB e dando continuidade pelos ciclos seguintes.

De acordo com o **Perfil Específico de Desempenho Profissional do Educador de Infância**, este “concebe e desenvolve o respetivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas” (Anexo I do Decreto-Lei n.º 241/2001, p.5572).

O educador planifica atividades que visam aprendizagens em vários domínios curriculares, contudo, não deve esquecer a parte socializadora dessa aprendizagem com que as crianças convivem diariamente. Por exemplo num simples jogo estes acabam por pôr em prática as regras sociais, tais como: saber esperar pela sua vez no jogo ou saber estar em grupo, permitindo-lhes desenvolver individualmente a sua capacidade cognitiva, crítica e social.

Para além do Perfil Específico de Desempenho Profissional do Educador de Infância, existe também a **Lei Quadro da Educação Pré-Escolar**, mencionado anteriormente, que compreende e fundamenta a importância da educação pré-escolar sendo esta, segundo o Decreto-Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, considerada como

a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário (Capítulo II, Artigo 2.º).

Compreendendo assim que a família é a base da educação da criança e que cabe ao jardim de infância ajudar e complementar o desenvolvimento da mesma, importa salientar que cada criança é única. E por isso é essencial que nas primeiras idades sejam incutidas nas crianças regras de convivência, de modo a que estas aprendam a estar numa sociedade, tendo sempre em conta os interesses e necessidades de cada criança.

Como tal, e de acordo com o decreto-lei acima mencionado, cabe ao profissional de educação refletir e analisar quais os objetivos pedagógicos que deverá incluir na sua prática, a fim de promover em cada criança a sua autonomia e igualdade de oportunidades para que se sinta incluída na sociedade onde está inserida.

Efetivamente, as **Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar**⁶ (OCEPE) reforçam a ideia de que é essencial que cada criança se desenvolva e para isso cabe ao profissional de educação definir quais os objetivos que pretende pôr em prática, para que as crianças consigam alcançar

⁶ Relativamente às OCEPE, em todos os estágios cingi-me à versão do ano de 1997. Encontra-se desde este ano uma nova edição disponibilizada depois da conclusão dos estágios pelo que achei conveniente abordar as duas versões neste trabalho.

essas aprendizagens. Deste modo, as OCEPE baseiam-se nos objetivos globais definidos pela Lei Quadro, que se destinam ao apoio, construção e gestão do currículo no jardim de infância, sendo por isso da responsabilidade de cada profissional de educação, assim como da equipa educativa onde se encontram inseridos, colocá-los em prática da melhor maneira possível (ME- DGE, 2016).

A educação pré-escolar visa desenvolver na criança uma construção do saber de forma global nas diferentes áreas de conteúdos a saber: **Área de Conhecimento do Mundo**, em que a criança contata com diferentes aprendizagens desde as ciências naturais às humanas de maneira a que estas possam interpretar o mundo à sua volta. “A área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê” (ME- DEG, 2016 p. 88), esta curiosidade deve ser fomentada na educação pré-escolar através de oportunidades da abordagem de situações novas que são momentos de descoberta e de exploração do mundo. A curiosidade natural das crianças é o modo como estas procuram compreender e dar sentido ao mundo que é próprio do ser humano e que origina as formas mais elaboradas do pensamento.

As Expressões motora, plástica, musical e dramática ajudam as crianças a desenvolver a sua literacia, a sua criatividade, a sua capacidade de comunicação e compreensão das artes.

A **Área de Formação pessoal e social** é fundamental no processo de educação pois as crianças de hoje serão os adultos de amanhã. Por isso, devemos educar futuros cidadãos conscientes, responsáveis, autónomos, livres, solidários e com auto-estima e competentes em todas as vertentes incluindo a afetiva.

A **Área de Expressão e Comunicação** está relacionada com as aprendizagens associadas ao desenvolvimento psicomotor e simbólico que permitem a compreensão e domínio de diferentes formas de linguagem, por esse motivo esta é a única área dividida em diferentes domínios que estão interrelacionados, a saber: **Domínio da Educação Motora; Domínio da Educação Artística; Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e o Domínio da Matemática.**

Contudo, a diferenciação entre as áreas de conteúdo permite articular a construção do saber de modo integrado que, apesar de possuírem diferentes conteúdos, são bastante pertinentes para a vida futura das crianças. Assim, o

profissional de educação deve ter em conta as diferentes áreas aquando da sua planificação e avaliação de modo a que se articulem os conteúdos e não sejam apenas abordados separadamente. De ressaltar que estes conteúdos e princípios servem como fio condutor para novas aprendizagens, a fim de promover uma articulação como os níveis de ensino que se sucedem. Não tem necessariamente de ser encarado como uma preparação para níveis de ensino futuros, mas sim como um desenvolvimento de aptidões que permitam a cada criança ter uma predisposição para querer saber e fazer mais e melhor (ME-DEG, 2016).

Outro fator de extrema importância no pré-escolar prende-se com o modo como o espaço físico está organizado. De acordo com Pereira (2013) é fundamental que a organização do espaço esteja consoante o grau de interesse das crianças, no entanto este espaço é suscetível a mudanças. Este influencia o comportamento de crianças e adultos, assim como a quantidade e a seleção dos materiais apropriados para o ambiente educativo. Os adultos dividem o espaço em áreas de interesse específicas para crianças em idade pré-escolar, sendo as divisões mais comuns: construção, dramatização, desenho, pintura, “leitura e escrita” e dança. Contudo o espaço educativo definido pelo educador deve ser promotor e acessível a todas as crianças de modo a que estas possam escolher e levar a cabo brincadeiras, jogos e envolver-se em experiências-chave de forma criativa e intencional (Hohmann e Weikart, 1997).

Definido o espaço educativo e a sua organização importa também referir a importância que a gestão do tempo tem. Devem existir momentos rotineiros, de modo a que as crianças se apercebam de certos momentos repetitivos ao longo do dia para transmitir alguma segurança. Subjacente está a intencionalidade educativa do educador, enquanto gestor do currículo, das características das crianças e do contexto em que irá dinamizar as suas práticas educativas.

O papel do educador de infância é extremamente abrangente, pelo que as OCEPE contemplam no seu enquadramento geral três tópicos a saber: **Fundamentos e Princípios da Pedagogia para a Infância**; **Intencionalidade educativa – construir e gerir o currículo** e a **Organização do Ambiente Educativo**. De destacar o ponto dois, em que a intervenção profissional passa por diferentes etapas que se interligam e sucedem à medida que a criança se vai desenvolvendo. Cabe ao educador de infância refletir quais as finalidades e

objetivos que pretende para a sua prática pedagógica, pelo que este deve: **observar, planejar, agir, avaliar, comunicar e articular** (ME- DGE, 2016, p.5).

É essencial que o educador de infância observe cada criança individualmente e em grupo de forma a conhecê-la melhor na sua individualidade, perceber quais as suas motivações, capacidades, bem como o meio onde vive. Este procedimento deve ser contínuo de forma a criar diferenciações pedagógicas, facilitando o papel do educador.

No que respeita ao papel do professor, este tem por base o **Perfil Específico de Desempenho Profissional do Professor**, que permite interligar a relação educativa e profissional, tendo em conta os objetivos das unidades curriculares. O professor deve desenvolver o currículo promovendo uma escola inclusiva, de modo a integrar os conhecimentos científicos das áreas que o fundamentam e as competências necessárias para promover a aprendizagem dos alunos.

Assim sendo, o profissional de educação deve organizar, desenvolver e avaliar o processo de ensino, tendo em conta as experiências de cada aluno, possibilitando a aquisição de novas aprendizagens. O professor deve utilizar os conhecimentos prévios dos alunos, bem como os seus erros para construir novas situações de aprendizagem. É necessário que o professor promova métodos de trabalho, nomeadamente ao nível de pesquisa, organização, tratamento e produção de informação através das tecnologias da informação e comunicação.

É de ressaltar que um bom relacionamento com as famílias e a comunidade promove aprendizagens significativas nos alunos, uma vez que existe um clima de bem-estar afetivo. No primeiro ciclo do ensino básico o ensino é globalizante sendo da responsabilidade de um professor único que poderá ser coadjuvado em áreas especializadas, sendo objetivos cruciais do professor neste nível de ensino o desenvolvimento da linguagem oral, do código escrito e da leitura; noções essenciais de cálculo; meio físico e social; expressão dramática, musical e motora (artigo 8.º da Lei n.º 46/86).

O professor deve promover as aprendizagens curriculares, com base numa relação pedagógica de qualidade, com rigor científico e metodológico. Ao profissional de educação cabe a organização do espaço e tempo educativo, sendo que, na planificação das atividades/tarefas escolares, este deverá utilizar estratégias diferenciadas que conduzam “ao sucesso e realização de cada aluno

no quadro sociocultural da diversidade das sociedades e da heterogeneidade dos sujeitos, mobilizando valores, saberes, experiências e outros componentes dos contextos e percursos pessoais, culturais e sociais dos alunos” (Anexo I do Decreto-Lei n.º 240/2001, p.5571).

A criança forma conceitos, ideias e símbolos através da sua ação. No decorrer desta ação, o adulto desempenha um papel de observador participante, possibilitando a criança a experienciar e desenvolver pensamentos opostos de forma a reestruturar a sua compreensão do mundo (Pereira, 2013).

Nesta fase o pensamento abstrato começa a desenvolver-se mais deixando o pensamento concreto (Facci, 2004). Para Vygotsky (1996, citado por Facci, 2004), as idades constituem formações globais e dinâmicas que desempenham um papel fulcral no desenvolvimento de cada indivíduo.

Existem relações complexas entre o desenvolvimento e a aprendizagem, ou seja, num primeiro nível estão centradas as funções psicológicas que já possuem, o segundo nível diz respeito às funções que ainda estão por consolidar e que necessitam das interações com os outros para que seja possível desenvolver novas aprendizagens. Deste modo, a meu ver, é necessário que o profissional de educação desenvolva atividades que articulem os conteúdos, de modo a que os alunos possam apropriar-se de novos conceitos e assim desenvolvam as suas competências psíquicas, físicas e sociais.

De ressaltar que, desde do pré-escolar até ao ensino do 1.º CEB a relação escola-família não possui um padrão único, mas difere de instituição para instituição, bem como de família para família. Esta relação é encarada como uma interação socialmente condicionada e estruturalmente assimétrica levada a cabo por atores. A criança é possuidora de um papel social extremamente importante na relação escola-Família, este papel que a criança assume é complexo e multifacetado. Por isso é importante que exista um grande sentido de respeito e compreensão mútuos e de forma bem delimitada para ambos os lados.

2.2.3. A diferenciação pedagógica segundo dois modelos pedagógicos

As estratégias de Diferenciação Pedagógica são compreendidas como o modo de pôr em prática um conjunto de estratégias em que as aprendizagens são explícitas e diversificadas, com o objetivo de que os alunos “aprendam de

acordo com os seus itinerários de aprovação do saber e do saber-fazer” (Przesmucki, 1991, citado por Gomes, 2013, p.185).

O profissional de educação deve proporcionar às crianças/alunos o desenvolvimento e aquisição de conhecimentos, para isso é essencial a utilização de modelos pedagógicos. Mas, para falar deles, é pertinente fazer uma breve abordagem sobre o conceito de modelos curriculares.

Um modelo pedagógico baseia-se num referencial teórico que conceptualiza a criança e todo o seu processo educativo, construindo um referencial prático para pensar antes da ação, no decorrer da ação e depois da ação (Formosinho, 2007).

Ao longo das práticas pedagógicas realizadas em estágio, contactou-se com alguns modelos, nos quais se teve de adaptar as práticas consoante as necessidades e interesses dos grupos, de destacar **o Modelo *High-Scope*** e o **Movimento de Escola Moderna (MEM)**.

Neste sentido, os modelos pedagógicos ***High-Scope*** e **MEM** sugerem estratégias de organização e gestão de atividades de modo a criar ambientes de Pedagogia Diferenciada. Em contacto com estes dois modelos em concreto, constatou-se que estes, apesar de distintos, apresentam propostas de desenvolvimento curricular que visa o respeito pela diversidade dos alunos, tendo em conta as suas especificidades. Estes modelos, sugerem formas de organização das atividades que permitem aos alunos trabalharem segundo as suas necessidades e ritmos correspondendo, no entanto, às especificidades de cada aluno. Efetivamente, o MEM assenta numa pedagogia centrada no trabalho cooperativo e o *High-Scope* assenta numa pedagogia mais individualizada.

O **modelo *High-Scope*** baseia-se em teorias e perspetivas desenvolvimentistas de Jean Piaget e John Dewey, que defendem que a criança deve ter um papel ativo na construção do seu conhecimento, e que só aprendem fazendo. Este modelo define-se através de uma “Roda da Aprendizagem” que tem como base os seguintes princípios curriculares: aprendizagem pela ação; interação adulto-criança; ambiente físico; rotina diária e a avaliação (Serrão, 2009).

Aprendizagem pela ação: permite às crianças vivenciar experiências diretas e imediatas refletindo sobre as mesmas, ou seja, as crianças pequenas constroem o seu conhecimento o que as ajuda a dar sentido ao mundo. As

crianças acabam por se envolver em experiências-chave que são interações criativas e permanentes com pessoas, materiais e ideias que promovem o crescimento intelectual, emocional, social e físico (Hohmann e Weikart, 1997).

O sucesso da implementação deste modelo depende do modo como os adultos apoiam e compreendem as iniciativas e ações das crianças em termos de experiências-chave.

Interação adulto-criança: as interações positivas entre adultos e crianças determinam a aprendizagem pela ação. Os profissionais de educação que utilizam a abordagem pré-escolar *High-Scope* devem ter presente a importância de proporcionar às crianças pequenas um clima psicologicamente protegido e saudável, e devem compreender o modo como as crianças pensam e raciocinam, centrando-se nas suas riquezas e talentos, apoiando as brincadeiras e conversas e dando-lhes liberdade e confiança para que possam expressar os seus pensamentos e sentimentos.

Ambiente Físico: este modelo valoriza o planeamento da estrutura da pré-escola bem como a seleção dos materiais apropriados. Os profissionais de educação devem ter em conta a forma como organizam e dividem o espaço da sala em áreas de interesse específicas de forma a proporcionar às crianças um ambiente de aprendizagem ativa, incentivando-as para a realização de atividades.

As áreas de interesse colocam à disposição das crianças um leque variadíssimo de materiais permitindo que estas brinquem e explorem diversas atividades com água, areia, de construção, o faz-de-conta, a dramatização, o desenho e a pintura, a “leitura” e a “escrita”, a canção e a dança (Hohmann e Weikart, 1997).

Os materiais naturais, ou mesmo os que são feitos de forma caseira, proporcionam às crianças oportunidades para se envolverem em experiências-chave de forma criativa e intencional. O papel do adulto na organização e arrumação dos materiais facilita a autonomia das crianças através de locais de fácil acesso, como prateleiras baixas, caixas transparentes e rótulos com desenhos e símbolos para que as crianças possam “ler” e utilizar os materiais sem ajuda do adulto.

Rotina Diária: os profissionais de educação planeiam uma rotina diária de forma a facilitar e apoiar a aprendizagem ativa das crianças. A rotina é muito

importante no dia-a-dia de cada criança, pois é através desta que as mesmas conseguem antecipar aquilo que irá acontecer de seguida, transmitindo-lhes alguma segurança e controlo nas ações que se seguem ao longo do dia. O modelo *High-Scope* em relação à rotina diária engloba o seguinte processo, planejar-fazer-rever, o que permite às crianças expressar as suas vontades bem como refletirem nas suas ações.

O tempo em pequeno grupo proporciona às crianças a exploração e experimentação de novos materiais que os adultos selecionam tendo em conta os interesses, experiências-chave e acontecimentos. O tempo em grande grupo envolve crianças e adultos em atividades de música, movimento, representação de histórias, jogo cooperativo, reflexões coletivas e construção de projetos. A rotina diária comum está focalizada em oportunidades para aprendizagem ativa em que adultos e crianças constroem o sentido de comunidade.

Avaliação: neste modelo “avaliar implica um espectro de tarefas que os profissionais levam a cabo para assegurar que observar as crianças, interagir com elas, e planejar para elas recebe toda a energia e atenção do adulto” (Hohmann e Weikart, 1997, p.8).

O **modelo curricular MEM** é um movimento pedagógico de educadores de infância, professores e auxiliares de ação educativa, desde o pré-escolar até ao ensino superior. Segundo Pessoa (1996), o MEM teve início, nos anos 60, na Educação Nova e com Freinet, pedagogo francês, um grande exemplo da pedagogia da sua época.

O MEM pretende construir respostas atuais a fim de uma educação escolar mais direcionada e conduzida por valores de comunicação espontânea, através da cooperação dos profissionais de educação. Tem como objetivo executar um método para orientação dos conteúdos, do espaço, das atividades, do tempo e dos materiais. Esta pedagogia não se centraliza no educador, nas atividades ou nas crianças, mas nas relações com o mundo, com a educadora, com os pais, com outras crianças e escolas.

O MEM valoriza o desenvolvimento social da criança, ou seja, os conhecimentos adquiridos pela mesma nos diferentes ambientes sociais, seja em casa ou em comunidade, todos essenciais e empregues nos projetos realizados.

No que respeita à organização do espaço e dos materiais no jardim-de-infância deve ser efetuada de modo a que todas as crianças tenham a possibilidade de brincar e executar atividades. A sala deve ter seis áreas distintas e uma zona central para trabalho em grande grupo. (segundo site oficial do MEM, 2016).

Neste modelo a gestão do tempo divide-se em dois períodos. O período da manhã consiste em atividades escolhidas pelas crianças cabendo ao educador um papel passivo. Por sua vez, o período da tarde destina-se à realização de trabalhos e atividades executados em grande grupo e previamente planeadas.

O presente modelo pedagógico defende também a existência de uma rotina diária com diferentes momentos: acolhimento, planificação em conselho, atividades e projetos, pausa, comunicações das aprendizagens, almoço, atividades de recreio, atividade cultural coletiva e acolhimento. O MEM disponibiliza um grande leque de ideias e instrumentos que permitem estruturar toda a dinâmica da sala e do grupo. São indispensáveis um diário de grupo, um mapa mensal de presenças, um plano semanal ou diário, um plano de atividades e um quadro de tarefas.

Durante a realização do estágio, foi possível observar e perceber de que forma estes dois modelos estão presentes, deste a organização do espaço (áreas, um mapa de presenças, um plano de atividades, etiquetas coloridas com identificação dos materiais) à organização da sala, que promove a autonomia das crianças.

As mudanças educativas que se têm constatado na nossa sociedade levam a que os profissionais de educação possuam um papel cada vez mais ativo e investigativo. O conceito de professor investigador é bastante atual na medida em que o profissional de educação não é apenas um executante do currículo previamente definido, mas sim gestor do mesmo, de modo a adaptá-lo consoante as aprendizagens que pretenda desenvolver com os seus alunos (Alarcão, 2001).

2.3. Opção metodológica para recolha e análise de dados

Para Bell (1997), depois de delineado o tema e os objetivos do trabalho de investigação, surge outra questão pertinente, a metodologia, que se prende com a recolha de informação.

Assim, esta opção recaiu numa metodologia qualitativa, que valoriza “a compreensão dos comportamentos a partir da perspetiva dos sujeitos da investigação” (Bogdan e Biklen, 1994, p.14). Este tipo de metodologia é considerado como o mais rico em pormenores descritivos, o que permite deste modo estudar o que “está por detrás” dos comportamentos e atitudes que os educadores e professores adotam perante a diversidade de alunos que encontram nos seus grupos ou turmas. Bem como compreender de que modo a sua prática é ou não inclusiva de diferenciação pedagógica.

O estudo de um caso proporciona a possibilidade de aprofundar determinados aspetos do estudo em relativamente pouco tempo. Neste tipo de investigação a observação e a entrevista são das técnicas mais utilizadas na metodologia qualitativa o que de certo modo se aproxima do estudo de caso, debruçando-se sobre as práticas pedagógicas, mais concretamente sobre a diferenciação pedagógica (Bell, 1997).

A partir da análise de conteúdo do discurso dos profissionais de educação, pretende-se compreender como é que estes implementam a diferenciação pedagógica. O estudo tem como principais referentes teóricos conceptuais a literatura científica e as leis em vigor no sistema educativo português. O estudo de um caso é uma metodologia bem empregue quando se pretende explorar a descrição de casos únicos, através da recolha de dados de natureza qualitativa (Gomes, 2013).

Nesta perspetiva também Langeveld (1965) refere que os estudos em educação constituem uma ciência prática, no sentido em que não se pretende apenas conhecer os factos e compreender as relações em prol do saber, mas também visa conhecer e compreender de que modo é que se consegue alcançar o objetivo de fazer melhor, em prol de ações e conhecimentos melhores que os anteriores.

Entende-se que o investigador é o elemento primordial da recolha de dados, uma vez que faz com que este descreva e interprete as situações com que se depara. Neste tipo de investigação qualitativa existe “uma espécie de

diálogo entre os investigadores e os respetivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra” (Bogdan e Biklen, 1994, p.51).

Dentro dos parâmetros que uma investigação qualitativa apresenta e de acordo com os autores (Bodgan e Biklen, 1994) o modelo utilizado teve em conta as seguintes características: fonte direta dos dados e do ambiente educativo dos intervenientes; índole descritiva; maior interesse pelo processo em si do que pelos resultados propriamente em si e análise dos dados de forma indutiva.

Objetivos do estudo

Os objetivos deste estudo recaíram sobre a diversidade de alunos existentes e as dificuldades inerentes que os profissionais de educação têm na sua prática diária. Pretende-se compreender quais as estratégias que os docentes adotam para colmatar essas dificuldades.

Seguidamente, definiu-se como objetivos principais: compreender como é que os profissionais de educação prepararam as planificações tendo em conta os diferentes alunos; conhecer qual a sua visão sobre a diferenciação pedagógica; conhecer quais as dificuldades que condicionam a implementação da diferenciação pedagógica; conhecer quais as estratégias ou materiais que preparam; compreender o modo com o ambiente educativo é organizado tendo em conta a diversidade dos seus discentes e analisar quais os critérios de avaliação que os educadores e professores privilegiam.

Contextos estudados e participantes da pesquisa

Relativamente à escolha do público-alvo para este estudo foram selecionadas quatro educadoras de infância em diferentes etapas da sua carreira e quatro professoras do 1.º ciclo consoante os níveis de escolaridade que pude contactar durante os estágios.

Para desenvolver esta pesquisa, foram definidos como instrumentos de recolha de dados as **entrevistas semiestruturadas**, sendo que a observação do comportamento do entrevistado se centra na descrição da situação em si, o que permite ao entrevistador ter um leque mais abrangente da situação e do comportamento do mesmo (Estrela, 1986). Este processo implica a atenção voluntária e a inteligência com um objetivo específico e dirigido a alguma coisa ou objeto para recolher os dados necessários (Hamido, 2012). Contudo, é importante não fazer juízos de valor sobre o que se observa.

As entrevistas semiestruturadas proporcionam a exploração e análise de ideias, que permitem compreender as diferentes perspetivas das entrevistadas, bem como possibilita explicar de um modo “mais lato aquilo que é experienciado pelo investigador” (Pinharanda, 2009, p.49). As entrevistas semiestruturadas foram feitas acompanhadas de um guião (anexo C). De evidenciar ainda o facto de que um guião de entrevista deve seguir alguns parâmetros, tais como as questões de pesquisa e a sua análise. Posto isto, é essencial que o guião esteja organizado em tópicos, objetivos e questões, sendo que para cada objetivo possa corresponder uma ou mais questões (Afonso, 2005).

Afonso (2005, p.99) menciona ainda que para cada questão “correspondem vários tópicos que serão utilizados na gestão do decurso da entrevista”. Face às características mencionadas, o guião realizado para este estudo encontra-se dividido em sete blocos, a saber: o **bloco I** é referente à legitimação da entrevista; o **bloco II** é referente à identificação do entrevistado, assegurando a confidencialidade das respostas; o **bloco III** refere-se às características do grupo/turma assim como pretende identificar quais os fatores que condicionam a aprendizagem das crianças/alunos; o **bloco IV** prende-se com as práticas pedagógicas, em que se pretende identificar como os profissionais de educação definem a diferenciação pedagógica e como promovem essa diferenciação na sua prática; o **bloco V** diz respeito às planificações, e o modo como os profissionais de educação planificam a sua prática, de modo a incluir a diferenciação pedagógica; o **bloco VI** é referente ao ambiente educativo e à sua organização, e por último o **bloco VII** é referente à avaliação, de forma a perceber como é que os profissionais de educação têm em conta a diferenciação pedagógica enquanto avaliavam. Após o guião, foi testada inicialmente a entrevista, com uma professora amiga, a fim de perceber se as questões se adequavam ao tema e essencialmente se as respostas obtidas seriam as adequadas para se poder realizar uma análise de dados.

A escolha criteriosa de oito profissionais de educação, permitiu-me perceber como é que cada profissional conjuga os seus saberes de modo a dar resposta a um tema cada vez mais pertinente na nossa sociedade. Porém, a incompatibilidade de horários, visto estarem no final do ano letivo, fez com que as profissionais não pudessem dar o seu depoimento falado, deste modo as respostas foram escritas. Contudo, comparando com a entrevista teste, o facto

das restantes entrevistas terem sido escritas tornou-as mais objetivas e concisas.

2.4. Apresentação e análise dos dados

A apresentação e análise dos dados surge como um complemento de toda a abordagem teórica descrita, uma vez que aqui se encontram expostos os procedimentos utilizados pelas profissionais de educação no que respeita às suas práticas pedagógicas, tendo em conta a diferenciação pedagógica, passando pela planificação, organização do ambiente educativo e avaliação (anexo D). Em anexo (F) encontra-se um quadro de análise com o resumo das entrevistas transcritas, de modo a facilitar o processo de análise. Este quadro está dividido em categorias. Não justificou fazer-se a divisão em subcategorias dada a dimensão das entrevistas.

2.5.1. Reflexão dos dados recolhidos e analisados

No que respeita à caracterização das entrevistadas no momento da entrevista a **educadora A** tinha cinquenta e quatro anos de idade e trinta e três anos de serviço, e encontrava-se a coordenar um centro escolar. Por sua vez a **educadora B** tinha trinta e nove anos de idade e doze meses de serviço, encontrando-se na valência da creche. A **educadora C** tinha cinquenta e um anos de idade e vinte anos de serviço e estava como educadora contratada através da Bolsa de Contratação de Escola. A **educadora D** tinha cinquenta e cinco anos de idade e trinta e quatro anos de serviço e encontrava-se a trabalhar num centro escolar na valência de Jardim de Infância.

No que respeita a caraterização das professoras do 1.º Ciclo, no momento da entrevista, a **professora A** tinha trinta e oito anos de idade e dezassete anos de serviço, este ano letivo estava a lecionar uma turma de 2.º ano e encontrava-se com o cargo de titular de turma. Quanto à **professora B**, tinha trinta e sete anos de idades e treze anos de serviço e estava com uma turma de 1.º ano. Por sua vez a **professora C** tinha trinta e sete anos de idade e nove anos de serviço, e encontrava-se a trabalhar num colégio Bilingue, com uma turma de 3.º ano. A **professora D** tinha quarenta e cinco anos de idade e vinte e dois anos de serviço, encontrava-se este ano letivo com uma turma de 4.º ano e desempenhava funções de coordenadora do 1.º Ciclo.

Quanto às principais características do grupo/turma, de um modo geral as educadoras caracterizaram os seus grupos como muito heterogéneos, curiosos, alegres, agitados e com alguma dificuldade em lidar com situações de contrariedade. Quando questionadas sobre os fatores que condicionam as aprendizagens dos seus grupos estas referem: **educadora A**, *“deveria existir mais disponibilidade para o que não representa os interesses imediatos”*. A **educadora B** referiu que *“o facto de a instituição não ter um horário definido para a entrada das crianças, faz com que nem todas as crianças acompanhem as atividades”*. A **educadora C** referiu que as maiores condicionantes na aprendizagem do seu grupo prendem-se com os fatores socioculturais.

Quanto à caracterização das turmas as professoras, de um modo geral, caracterizaram-nas como heterogéneas, devido à diversidade de alunos que existem dentro das mesmas. Consideram, no entanto, essa diversidade uma mais-valia para os alunos, uma vez que lhes permite interagir com diferentes pessoas provenientes de contextos distintos do seu meio sociofamiliar. Ainda quanto à caracterização das turmas, três das quatro professoras integravam nas suas turmas alunos com Necessidades Educativas Especiais, que se encontravam perfeitamente integrados. A professora que não integrava na sua turma nenhum aluno com Necessidades Educativas Especiais, mencionou que a sua turma era muito agitada e conversadora, tendo dificuldades em cumprir regras. Quanto aos fatores que condicionam as aprendizagens dos seus alunos a maioria das docentes referiu: os fatores socioculturais; a própria estrutura cognitiva dos alunos; a imaturidade; a falta de concentração; em alguns casos o facto dos alunos não possuírem o Português como língua materna e por último o facto de algumas famílias não darem o devido apoio aos seus educandos.

No que respeita à prática pedagógica e diferenciação pedagógica, constatou-se que todas as profissionais de educação possuem a mesma opinião sobre o conceito de diferenciação. Entendem-na como uma estratégia pedagógica que pretende promover a igualdade de oportunidades e sucesso dos alunos. Porém, ressalvo duas respostas que obtive, a fim de complementarem a definição dada por estas profissionais de educação. A **educadora A**, entende que a diferenciação pedagógica *“é uma estratégia que intervém na zona de desenvolvimento proximal “intermédio” e que procura servir de andaime ao desenvolvimento de cada criança, para que esta se sinta capaz e feliz consigo*

*mesma desejando aprender.” A **professora A** complementa ainda, mencionando “que a diferenciação pedagógica é a promoção de igualdade de oportunidades de sucesso dos alunos, tendo em conta as diferenças, de modo a permitir que cada aluno desenvolva as suas capacidades ao seu ritmo”.*

Quanto às estratégias que utilizam, de um modo geral as educadoras de infância referem que é importante utilizar o reforço positivo, valorizando pequenas “coisas” de modo a que a criança sinta confiança para superar etapas futuras. Por sua vez, as professoras na sua maioria referiram a importância do papel do professor (atento, responsável e que adote os materiais necessários de modo a facilitar as aprendizagens dos alunos). Como referiu a **professora A** “*um professor, atento e responsável, deverá usar materiais adequados, que permitam ao aluno relacionar, associar e reconhecer elementos novos da aprendizagem*”. Em comum, estas profissionais de educação valorizam o reforço positivo. Quanto aos fatores que condicionam a prática dessas estratégias, de um modo unânime, apontam para a questão da gestão diferenciada do tempo em grupos/turmas muito numerosas com vários níveis de ensino, que não permitem um apoio mais individualizado, como seria o ideal.

No que diz respeito à planificação, segundo as informações recolhidas pelas entrevistas, as **educadoras A e C** elaboram uma planificação anual, mensal e diária, tendo em conta as atividades a desenvolver e a sua especificidade. A **educadora B** planifica anual, mensal e semanal, enquanto a **educadora D** mencionou o facto de o departamento de educação pré-escolar elaborar uma planificação trimestral e a partir daí elabora uma planificação mensal e depois semanal. Referem ainda que adaptam a sua metodologia consoante os conteúdos a serem abordados, pois todos os alunos são diferentes. Contudo, a **educadora B** referiu que, nas suas planificações, não contempla diretamente a diferenciação pedagógica, no entanto, pode concluir-se que de modo implícito planifica, tendo em conta as estratégias que pode vir a implementar de acordo com o grupo. Por sua vez, duas das quatro professoras utilizam a aprendizagem cooperativa (MEM) como estratégia de aprendizagem pois, segundo as mesmas, facilita a aprendizagem dos alunos permitindo uma troca de experiências e saberes, ao mesmo tempo que promove atitudes de colaboração.

Na organização do ambiente educativo as educadoras de infância dão grande relevância à organização do ambiente educativo, pois segundo estas profissionais a gestão do tempo, do espaço e dos materiais espelha o modo como se gere o grupo. Constatou-se que estas profissionais de educação utilizam a metodologia MEM e/ou *High-Scope*, uma vez que dão grande importância ao trabalho cooperativo, sem esquecer o trabalho em grande e pequeno grupo e o individual. Verificou-se também que a metodologia *Regio Emilia* é a menos utilizada pelas mesmas.

Quanto às professoras, de modo unânime também dão grande importância à organização do ambiente educativo, referindo que uma boa organização estrutural permite criar um bom ambiente relacional entre alunos-professor, professor-alunos e alunos-alunos. Assim conseguem ter uma constante monitorização dos conhecimentos e conquistas de cada aluno. Muitas das docentes referiram que colocavam as mesas em “U” para facilitar a circulação na sala e possibilitar uma abordagem individual e/ou coletiva sempre que necessário por parte do docente.

Quanto à preparação dos materiais, todas as profissionais de educação referem que têm em conta a diversidade das crianças/alunos de acordo com o tipo de atividade ou tarefa que estejam a desenvolver. No entanto, verifica-se que no 1.º ciclo a gestão do tempo para a preparação de materiais manipuláveis nem sempre é como idealizam, devido à extensão do programa. Essa gestão de tempo, por vezes condiciona a elaboração de materiais mais diversificados, como seria o ideal. Porém, o que é fundamental segundo a **professora D**, “*é que os alunos tirem o máximo partido de cada aprendizagem*”. Por vezes se uma tarefa demora mais do que estava previsto, a docente abdica de uma atividade que viria a seguir, passando-a para outra parte do dia ou até mesmo para outro dia da semana.

Por fim, quanto aos tipos de avaliação referente aos tipos de estratégias, instrumentos e domínios que as educadoras privilegiam na avaliação, verificou-se que de um modo geral, estas profissionais privilegiam a avaliação individual (o que aprendeu, o que já consegue fazer) e em grupo, a observação naturalista, os registos diários e fotográficos e as grelhas de observação. Quanto aos domínios de avaliação, todas as educadoras mencionaram a importância que os mesmos têm, pois só assim é possível perceber se aquela criança está a

crescer/aprender, pois todos os domínios naquele momento permitem compreender o que aquela criança esta a tentar desvendar/alcançar/perceber. De um modo geral, foi possível compreender que a diferenciação pedagógica é evidenciada na avaliação quando esta ilustra a criança em todos os domínios, esforços, conquistas e limitações.

Por sua vez as professoras privilegiam a avaliação contínua que culmina com uma avaliação sumativa, que permite verificar se os alunos atingiram ou não os objetivos. Na avaliação contínua incluem a avaliação diária em que valorizam o empenho, a participação e o esforço que cada aluno faz. Quanto aos instrumentos de registo valorizam as grelhas de observação, de verificação, de evolução semanal, o diálogo aberto (em turma ou individual) e as listas de verificação individual preenchidas pelos alunos.

Quanto aos domínios que privilegiam na avaliação, esses vão ao encontro da opinião das educadoras, uma vez que estas docentes também valorizam a importância de todos os domínios, como mencionado pela **professora C**, *“cada criança precisa, em diferentes fases do seu desenvolvimento diferentes feedbacks por parte do adulto. O importante é conhecermos os nossos alunos e sermos capazes de adaptar todos esses domínios de forma a que ajudemos cada um a evoluir dentro das suas características”*. Quanto à questão de como é que a avaliação evidencia a diferenciação pedagógica, as docentes referem essa evidencia através das fichas de avaliação e na adaptação dos critérios de avaliação. Contudo, uma das professoras referiu também que a avaliação, seja ela qual for, deve ter como principal função ajudar o aluno a tomar consciência de si próprio como ser em construção e se for em conjunto com a turma onde a criança está inserida, melhor serão os resultados finais.

Em síntese pode-se verificar que, no que respeita às características dos grupos e turmas, são bastante heterogéneas. A heterogeneidade de alunos nas escolas pode ser encarada como uma mais-valia para o currículo devido à contextualização e diferenciação da ação da escola e dos professores de forma a garantir mais e melhores aprendizagens (Roldão, 2003, cit. in Melo, 2011). Fica explícito a unanimidade que as profissionais de educação têm sobre a diferenciação pedagógica. Este tema é uma realidade permanente nas instituições educativas, uma vez que atualmente existe uma diversidade de

alunos com características, ritmos de aprendizagem, perfis, valores e culturas bastante diferentes, e muitas vezes o profissional de educação está pouco habilitado para por em prática a diferenciação pedagógica (Melo, 2011).

Quanto às planificações, todas as profissionais de educação realizam uma planificação anual, mensal e diária, à exceção de uma educadora que mencionou apenas fazer uma planificação anual, mensal e semanal. Compreende-se que a planificação é um instrumento de trabalho do profissional de educação, que lhe permite planear as estratégias, áreas/conteúdos, atividades, recursos e instrumentos de avaliação que vai utilizar nas diferentes situações educativas. Deste modo, compreende-se que a planificação é

um processo através do qual os professores aplicam e põem em prática os programas escolares, cumprindo sempre a importante função de os desenvolver e adaptar às condições do cenário de ensino – características da população escolar e do meio envolvente, do estabelecimento de ensino, e dos alunos das diferentes turmas (Januário, 1992, cit. in Spitanov, 2005, p.9).

Por sua vez, quanto à organização do ambiente educativo, todas as profissionais de educação têm em conta a organização do espaço de modo a darem uma resposta educativa com qualidade a todas as crianças, ao mesmo tempo que visam a autonomia das mesmas. No entanto, quanto à gestão do tempo também no pré-escolar se sente algumas dificuldades, porém no 1.º ciclo as docentes referem que têm mais dificuldade devido à extensão dos programas, às turmas muito numerosas e ao facto de não terem apoios suficientes para fazer mais e melhor em prol dos seus alunos. Contudo, foi possível compreender que algumas profissionais de educação utilizam nas suas práticas educativas dois modelos pedagógicos (MEM e *High-Scope*), o que de certo modo influencia a organização da sala, assim como a quantidade e qualidade na seleção de materiais apropriados para um bom ambiente educativo, ao mesmo tempo que promove a autonomia das crianças. Devemos ter em conta que uma das principais funções do profissional de educação é organizar o espaço de modo a que esse se torne propício à aprendizagem ativa ao mesmo tempo que promove oportunidades de escolha e tomada de decisões.

Por fim no que se refere à avaliação e ao modo como estas profissionais evidenciam a diferenciação pedagógica, penso que é notório que todas estas profissionais, ao planejarem as suas atividades/tarefas, a avaliação automaticamente está incutida, uma vez que a diferenciação pedagógica é evidenciada através de cada criança em todos os domínios, nos seus esforços, conquistas e limitações. Efetivamente, a avaliação é um processo contínuo que permite ao profissional de educação reajustar e adaptar as metodologias e recursos tendo em conta as necessidades dos alunos e as características da turma, de modo a melhorar as estratégias de ensino-aprendizagem.

Estas entrevistas permitiram-me compreender a importância que cada profissional de educação dá à sua prática pedagógica, nomeadamente ao processo de planificação, operacionalização e avaliação de um modo mais específico. De ressaltar ainda as diferentes fases de carreira que as profissionais de educação se encontravam, pois, permitiu-me compreender o modo como colocam em prática um conjunto de estratégias que favorecem a diferenciação pedagógica e consequentemente a aprendizagem das suas crianças/alunos, tendo sempre em conta a individualidade de cada criança/aluno.

Ficou explícito que, quanto mais anos de carreira profissional possuem, mais facilidade e coerência têm em adaptar as suas práticas à especificidade de cada grupo ou turma, uma vez que lhes permite adquirir mais competências de modo a articular estratégias que sejam mais favoráveis à utilização da diferenciação pedagógica.

Portanto, a realização desta pesquisa revelou-se sem dúvida um desafio bem-sucedido, na medida em que foi possível aprofundar e constatar, através da análise destes dados, que estas profissionais de educação integram a diferenciação pedagógica na sua prática diária, apesar de os grupos/turmas serem completamente destintos. Efetivamente, a diferenciação pedagógica faz-se ao nível das metodologias e processos de aprendizagem e não tanto ao nível da adaptação de conteúdos ou programas, visto estes últimos serem apenas adaptados para os alunos da Educação Especial.

Parte III – Considerações finais

Com a realização desta pesquisa, e pelo que aqui ficou exposto, entende-se que a prática da diferenciação pedagógica nas salas de atividades e nas de aulas, não só é um direito que cada criança/aluno tem, mas também o dever de cada profissional de educação perante a heterogeneidade dos grupos/turmas. Ainda que o espaço físico de uma sala de atividades ou de aulas seja promotor de aprendizagens com uma veracidade própria, estes espaços são o espelho de uma grande diversidade individual e social.

Ao longo de todo este trabalho, constatou-se a importância que a cooperação tem para facilitar uma boa relação entre alunos-professor, professor-alunos e alunos-alunos. Só assim a prática da diferenciação causa algum efeito, cabe a cada profissional chegar a cada criança dando-lhe o apoio e atenção que cada uma necessita. Para Folque (1999), “a criança é considerada como um todo dentro de um contínuo de experiência social e emocional.” (p. 11). É por isso essencial que cada criança seja encarada e compreendida na sua individualidade dentro da sociedade em que está inserida, dando-lhe um papel ativo na sua aprendizagem.

Este processo reflexivo e investigativo começou com a realização dos estágios, mencionados mais acima, que despertou para a aplicação de determinadas estratégias que promoviam o desenvolvimento de capacidades em cada criança/aluno, consoante o ciclo de ensino, constatando por vezes que a aprendizagem assente numa pedagogia diferenciada permitia ao aluno com mais dificuldade obter aprendizagens mais significativas.

Efetivamente, o profissional de educação tem um papel primordial na aprendizagem dos seus educandos, como expressa Resendes e Soares (2002, citado por Marques, 2015), “um dos atores com um papel decisivo no sistema educativo é, sem dúvida, o professor, e daí a necessidade de uma tomada de consciência das suas responsabilidades, não só na ajuda à construção de conhecimentos pelos alunos, mas também como um elemento mediador no seu processo de construção da cidadania.” (p. 48), de forma diferenciada, inclusiva e cooperativa.

Desta forma, cabe a cada profissional de educação incluir nas suas planificações, além das atividades previstas pela imposição do currículo, atividades que visem os interesses e necessidades de cada criança, de modo a que possibilitem a aquisição de aprendizagens das mesmas de acordo com os seus interesses e motivações de maneira a contribuir para a formação de futuros adultos, completos de diversos saberes.

No que respeita às limitações da pesquisa desta natureza, tentou-se sempre ser o mais objetivo possível, contudo quando se trata de uma realidade mediada pelo discurso e observações, cada entrevistado tem uma percepção própria sobre um determinado conceito e que é fortemente influenciado pelas suas convicções e interesses. Porém, nesta pesquisa houve sempre uma preocupação em fazer uma análise objetiva dentro da realidade encontrada. O fator tempo, neste processo, não permitiu aumentar o grupo de entrevistados a fim de recolher um leque mais variado de informações. O facto de coincidir com o final do ano letivo, fez com que muitas das professoras e educadores não tivessem tanta disponibilidade presencial, pelo que as entrevistas foram respondidas por escrito.

A contribuição deste tema para a atividade futura é sem dúvida uma chamada de atenção, para a perspicácia e atenção que se deve ter, pois cada criança é única e vivencia as aprendizagens no seu próprio modo. É importante saber adaptar e diversificar as estratégias para que possam ter uma aprendizagem plena e motivadora. Como proposta futura seria interessante realizar um estudo mais alargado, com estes modelos pedagógicos nos diversos anos de escolaridade para conseguir fazer uma descrição mais completa da implementação destes modelos pedagógicos.

Referências Bibliográficas

- AEDGM (2011/2013). Projeto Educativo (Biénio2011/13). Santarém: AEDGM.
- AEDGM (2014/2015). Plano Anual de Atividade. Santarém: AEDGM.
- AEDGM (2014/2015). Plano Anual de Atividades. Santarém: AEDGM.
- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação*. Lisboa: Edições ASA
- Agrupamento de Escolas Marcelino Mesquita do Cartaxo. (2015). Projeto Educativo 2013/2017. Recuperado em 18 dezembro, 2015, de http://nonio.es.ipsantarem.pt/aectx/pluginfile.php/118/block_html/content/PEA_2013_%2012122013.pdf
- Ainscow, Mel (1997). *Special Needs Through School Improvement; School Improvement Through Special Needs*. In C. Clark., A. Dyson e A. Millward (Eds.), *Towards Inclusive Schools*. London: Fulton.
- AJEJD (2013/2015). Plano Anual de Atividades. Santarém: AJEJD.
- AJEJD (2013/2015). Projeto Educativo. Santarém: AJEJD.
- AJEJD (2013/2015). Regulamento Interno. Santarém: AJEJD.
- Almeida, P. M. (2012). *Aprender com a Expressão Dramática! Relatório de Estágio para obtenção do grau de Mestre, Departamento de Ciências da Educação, Universidade dos Açores, Portugal*.
- Alonso, L., & Roldão, M. C. (coord.), (2005). *Ser Professor do 1º ciclo: Construindo a Profissão*. Coimbra: Livraria Almedina/ Universidade do Minho – Centro de Estudos da Criança.
- Araújo, F. M. R. (2015). *A Avaliação Formativa e o seu impacto na melhoria da aprendizagem. Dissertação para obtenção do Grau de Doutor em Ciências da Educação na Especialidade de Teoria Curricular e Avaliação. Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa, Portugal*.
- Barros, L., T. (2011). *Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar. Relatório de estágio para obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-escolar. Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação, Portugal*.

- Bell, J. (1997). Como realizar um projeto de investigação - Um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação. Lisboa: Gradiva
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). Investigação qualitativa em educação uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora.
- Carmo, R. S. G. (2013). *Relatório de Estágio Profissional*. Relatório para obtenção do grau de Mestre em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa. Portugal.
- Cadima, A., Gregório C., & Horta, N. (1997). Diferenciação Pedagógica no Ensino Básico. Lisboa, Instituto de Inovação Educacional.
- Cadima, Ana (1996). Diferenciação: No Caminho de uma Escola Para Todos. In Noésis, outubro - novembro/1996. Lisboa: IIE.
- Câmara Municipal de Santarém (2015). Caracterização Ambiental. Retirado 8 novembro 2015, de <http://www.cm-santarem.pt/concelho/caracterizacaodoconcelho/Paginas/ambiental.aspx>.
- Câmara Municipal de Santarém (2015). Caracterização Socioeconómica. Retirado 8 de novembro 2015, de <http://www.cm-santarem.pt/concelho/caracterizacaodoconcelho/Paginas/socioeconomica.aspx>.
- Câmara Municipal do Cartaxo. (2012). Freguesias. Recuperado em 18 de dezembro, 2015, de <http://www.cm-cartaxo.pt/Ser/Turismo/Freguesias/Paginas/default.aspx>
- Câmara Municipal do Cartaxo. (2012). O concelho. Recuperado em 18 de dezembro, 2015, de <http://www.cm-cartaxo.pt/Ser/Paginas/Cartaxo-Capital-do-Vinho.aspx>
- Costa, O. V. C. (2011). O Jogo Didático como Estratégia de Aprendizagem. Dissertação de Mestrado para obtenção de grau de mestre. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal.
- Dias, M. C. P. (2012). Motivação para a Leitura - Alunos de uma turma PIEF como mediadores de leitura. Dissertação para obtenção de Grau de Mestre. Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação, Portugal.
- Eichmann, L. M. L. (2014). As Rotinas na Creche: A sua Importância no Desenvolvimento Integral da Criança dos 0 aos 3 anos. Relatório Final – Prática de Ensino Supervisionada Mestrado em Educação Pré-Escolar. Instituto Politécnico de Portalegre, Escola Superior de Educação de Portalegre, Portugal.

- Estrela, M. T. (1986). Une étude sur l'indiscipline en classe. Lisboa: INIC.
- Facci, M. G. D. (2004). A Periodização do Desenvolvimento Psicológico Individual na Perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigostski. *Cad. Cedes, Campinas*, vol. 24, (62), 64-81.
- Ferreira, G. S. (2013). A Importância do Trabalho Prático no Ensino das Ciências. Relatório Final par obtenção do Grau de Mestre em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Folque, M. A. (1999). A influência de Vigotsky no modelo curricular do Movimento da Escola Moderna para a educação pré-escolar. *Escola Moderna*, 5 (5), 5-12.
- Gaspar, D. M. P. (2010). Avaliação das crianças na educação pré-escolar: uso do portefólio como instrumento de avaliação. Dissertação de Mestrado, Instituto de Educação, Universidade do Minho, Portugal.
- Gomes, M. H. J. (2013). A Organização do Trabalho na Pedagogia Diferenciada ao nível do 1.º Ciclo do Ensino Básico: um estudo comparativo entre os modelos pedagógicos High/Scope e Movimento da Escola Moderna. Tese para obtenção de Grau de Mestre. Universidade Aberta, Portugal.
- Guimarães, A. M. (2005). Contributo para Um Novo Paradigma de Intervenção em Educação Física nas Primeiras Idades. Textos de Apoio à Lição, Instituto Politécnico de Santarém, Escola Superior de Educação de Santarém, Santarém, Portugal.
- Hamido, G., (2012) Ver e Observar, textos de apoio, documento policopiado.
- Hohmann, M. & Weikart, D. P. (1997). Educar a Criança. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Katz, L., Ruivo, J. B., Silva, M. I. R., & Vasconcelos, T., (Dir.). (1998). Qualidade e Projeto na Educação Pré-Escolar. Lisboa: ME-DEB.
- Langeveld, M. J. (1965). «In Search Of Research» in *Paedogica Europea: The European Year Book Of Educational Research*, vol. 1. Amesterdão: Elsevier.
- Legrand, L. (1976), *La différenciation pédagogique*, Paris: Éd. Du Scarabée.
- Leite, C., e Fernandes, P. (2002). A avaliação da aprendizagem: novos contextos, novas práticas. Porto: Edições ASA.

- Lima, T. O. (2013). *Pedagogia Participativas: um Estudo de Caso no Âmbito dos Direitos da Criança*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, Portugal
- Marques, C. I. A. (2015). *Uma prática reflexiva sobre a diferenciação pedagógica. Relatório da Prática Profissional Supervisionada*. Mestrado em Educação Pré-Escolar. Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação de Lisboa. Portugal.
- Marques, R. (2002). *A pedagogia de Jerome Bruner*. Escola Superior de Educação de Santarém. Portugal.
- Mayor, F. (1994). *Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção: Necessidades Educativas Especiais*. Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade. Salamanca: Unesco.
- ME/DGIDC (1990). *Organização Curricular e Programas – Estudo do Meio 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Ministério da Educação.
- MEC/DGIDC (2012). *Metas Curriculares para o Ensino Básico – Matemática*. Lisboa: MEC.
- MEC/DGIDC (2013). *Programa de Matemática para o Ensino Básico*. Lisboa: MEC.
- MEC/DGIDC (2015). *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico*. Lisboa: MEC/DGIDC
- ME-DEB (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, Lisboa, Departamento de Educação Básica-Ministério da Educação
- ME-DEB (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, Lisboa, Departamento de Educação Básica-Ministério da Educação
- Melo, L. C. L. R. (2011). *Currículo, Práticas Educativas e Diferenciação Pedagógica no Pré-Escolar e no 1.º Ciclo*. Relatório de Estágio para Obtenção de grau de mestre. Departamento das Ciências da Educação, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, Portugal.
- Social, S. (2010). *Manual de Processos-Chave para a Creche*. (2ª edição).
- Niza, S. (2000). *A cooperação educativa na diferenciação do trabalho de aprendizagem*. *Escola moderna*,9 (5), 39-46.

- Oliveira-Formosinho, Júlia (2007), Modelos curriculares para a educação de infância: construindo uma práxis de participação, 3ª ed. Atualizada, Porto: Porto Editora
- Pereira, T. R. S. (2013). Relatório de estágio em educação pré-escolar. Relatório Final de Estágio para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-Escolar. Politécnico do Porto, Escola Superior de Educação, Portugal.
- Perrenoud, P. (1997). Concevoir et faire progresser des dispositifs de différenciation. *Éducateur magazine*, (13), 20-25.
- Perrenoud, P. (2000). *Pedagogia Diferenciada - Das Intenções à Ação*. (P. C. Ramos, Trad.) Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas Sul.
- Perrenoud, P. (2001). *Porquê construir competências a partir da escola? Desenvolvimento da autonomia e luta contra as desigualdades*. Porto: ASA Editores.
- Pessoa, A. M. (1996). *História do Movimento da Escola Moderna Portuguesa: 1966-1996*. Tese de Mestrado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação, Portugal.
- Pimentel, G. B. N. M (2014). *Pedagogia diferenciada no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Relatório de Estágio para obtenção do grau de Mestre. Universidade dos Açores, Portugal.
- Pinharanda, M. A. M. S. (2009). *Diferenciação Pedagógica no 1.º C.E.B*. Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Supervisão Pedagógica. Departamento de Psicologia e Educação, Universidade da Beira Interior, Portugal.
- Portugal, G. (2000). *Educação de Bebés em Creche. – Perspetivas de Formação Teóricas e Práticas*. *Infância e Educação. Investigação e Práticas*. / Revista do GEDEI, n.º 1, pp.85-106. Porto, Porto Editora.
- Postic, M. (2008). *A relação pedagógica*. Lisboa: Padrões Culturais Editora. Profissão. Coimbra: Edições Almedina.
- PRUD'HOMME, L. La construction d'un îlot de rationalité autour du concept de différenciation pédagogique. *Journal of Canadian Association for Curriculum Studies*, v.3, n. 1, p. 1-30, 2005
- Prud'homme, L., Folbec, A., Brodeur, M., Presseau, A., & Martineau, S. (2005). La construction d'un îlot de rationalité autour du concept de différenciation pédagogique. *Journal of the canadian association for curriculum studies*, 3(1).

Rocha, D. I. M. (2013). O Docente Generalista: um percurso, um desafio, uma possibilidade de estabelecer pontes. Relatório de Estágio para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e 1.º ciclo do Ensino Básico. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Roldão, M. C. (2003). Diferenciação Curricular e Inclusão. In D. Rodrigues, Perspetivas Sobre a Inclusão (pp. 151-165). Porto: Porto Editora.

Roldão, M. C. (2007). Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. Revista brasileira de educação, 12(34), 95.

Ruivo, R. J. (2013). Atitudes das crianças do Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico a crianças de etnia cigana. Relatório de projeto de fim de curso. Instituto Politécnico de Beja, Escola Superior de Educação, Portugal.

Santos, M. (2007). Gestão de Sala de Aula. Crenças e Práticas em Professores do 1.º ciclo do Ensino Básico. Tese de Doutoramento. Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.

Santos, S. I. P. (2014). «Era uma vez...» O Contributo das História para a Educação Pré-Escolar. Relatório da Prática Profissional Supervisionada. Mestrado em Educação Pré-Escola, Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação de Lisboa. Portugal

Silva, C., Martins, M., & Cavalcanti, J. (2012). Ler em família, ler na escola, ler na biblioteca: Boas Práticas. Porto: Paula Frassinetti.

Simpson, Mary et. al. (1989). Differentiation In The Primary School: Investigations Of Learning And Teaching. Aberdeen. Northern College.

Soares, L. P. (2011). O quotidiano no Jardim-de-Infância, segundo a metodologia de trabalho de projeto. Dissertação de Mestrado. Especialização em Educação Pré-Escolar e 1º ciclo do Ensino Básico. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto, Portugal.

Stipanov, M. (2005). Práticas de Planificação Um Estudo Comparativo entre as Práticas dos Estagiários da F.C.D.E.F – U.C. de 2005-2006 e as Práticas de Planificação Atuais dos Professores do Primeiro Curso Da F.C.D.E.F – U.C. Tese de Mestrado. Faculdades de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Tomlinson, C. (2008). Diferenciação Pedagógica e Diversidade. Ensino de alunos em turmas com diferentes níveis de capacidade. Porto: Porto Editora.

Tomlinson, C. Allan, S. D. (2002). Liderar projetos de diferenciação pedagógica. Lisboa, Asa Editores II, S.A

UNESCO. Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. 1990. Recuperado em 17 de março, 2016, de <http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>

Vasconcelos, T. (2011). Recomendação A Educação dos 0 aos 3 Anos (s/ed.). Lisboa: Conselho Nacional de Educação.

Legislação Consultada

Decreto-Lei n.º 115-A/98 de 4 de maio. Diário da República n.º 102/98 – 1.ª série-A. Ministério da Educação. Lisboa.

Decreto-lei n.º 240/2001, de 30 de agosto. Diário da República, n.º 201 – I Série – A. Ministério da Educação. Lisboa.

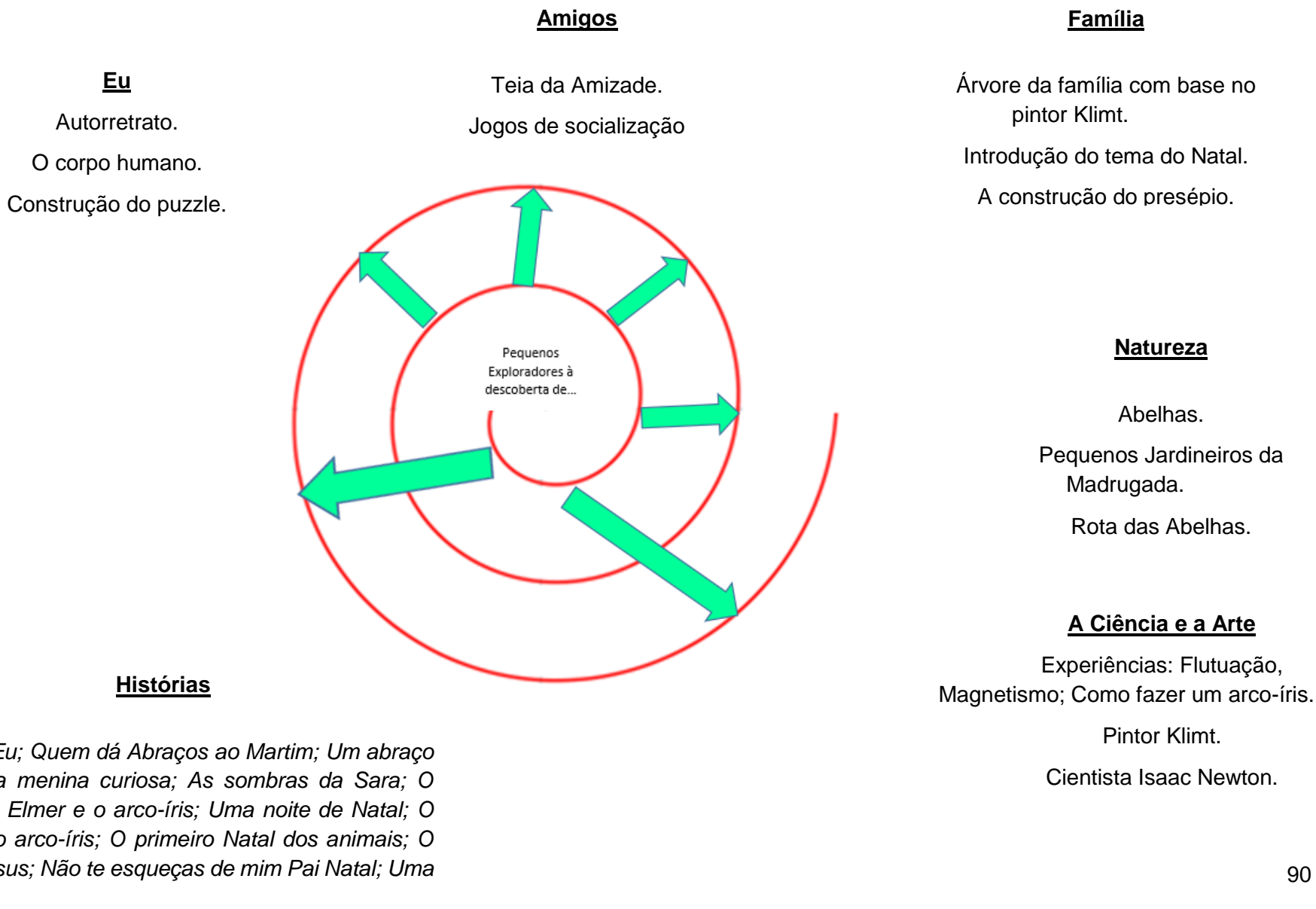
Decreto-lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro. Diário da República n.º 4 - I Série. Ministério da Educação. Lisboa

Lei n.º 46/86 de 14 de outubro. Diário da República, n.º 237 - 1ª série. Ministério da Educação. Lisboa.

Lei n.º 5/97. Diário da República, 1ª série, nº34, de 10 de fevereiro de 1997

Anexos

Anexo A – Planificação em espiral



Anexo B – Grelha de Observação da atividade de Expressão motora - Desenvolvimento motor – Desenvolvimento da motricidade global

Parâmetros	Lateralidade					
CrITÉrios	Passa dentro do arco		Coordenação e agilidade (gatinhar, andar, correr)		Fica dentro e fora do arco	
N.º de crianças	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						
8						
9						
10						
11						
12						
13						
14						
15						
16						

Anexo C – Guião da entrevista semiestruturada

Diferenciação Pedagógica nas primeiras idades – Visão dos profissionais de educação.

Com este estudo pretende-se obter a opinião dos profissionais de educação sobre a diferenciação pedagógica nas primeiras idades, bem como, compreender o modo como a implementam na sua sala. Garantindo a confidencialidade das informações obtidas, servindo apenas de objeto geral do estudo que serve de apoio à elaboração da tese de mestrado.

Bloco	Objetivos	Questões	Observações
I. Legitimação da Entrevista	Legitimar a entrevista; ❖ Informar sobre a natureza e objetivos do trabalho; ❖ Informar sobre os objetivos da entrevista. Motivar os entrevistados; ❖ Mencionar qual a importância da entrevista para o prosseguimento do estudo; ❖ Solicitar autorização para gravar a entrevista; ❖ Garantir a confidencialidade da entrevista.	❖ Para uma maior facilidade e rapidez na recolha de informação, importa-se que a entrevista seja gravada?	A entrevista inicia-se com uma breve abordagem ao tema, assim como com o pedido de autorização dos entrevistados para a gravação áudio de toda a entrevista a fim de recolher de forma mais precisa todas as informações necessárias para o estudo.
II. Identificação dos entrevistados	❖ Caracterizar o entrevistado.	❖ Nome do entrevistado; ❖ Idade do entrevistado;	❖ Respeitando o anonimato.

		<ul style="list-style-type: none"> ❖ Quais as habilitações acadêmicas; ❖ Qual o tempo de serviço na atual instituição; ❖ Qual o tempo total de serviço; ❖ Contexto em que se encontra a trabalhar. 	
III. Identificar principais características do grupo/turma	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Identificar como avaliam o seu grupo/turma; ❖ Identificar quais os fatores condicionantes na aprendizagem das crianças/alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ De um modo geral como caracteriza o seu grupo e/ou turma? ❖ Quais os fatores que mais condicionam as aprendizagens do seu grupo/turma? 	<p>Será o comportamento um dos fatores que condiciona a aprendizagem?</p>
IV. Prática pedagógica e diferenciação pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Identificar como é que os profissionais de educação definem diferenciação pedagógica; ❖ Identificar quais as estratégias utilizadas para promover a diferenciação pedagógica nas suas práticas; ❖ Identificar fatores que condicionem as estratégias de diferenciação; ❖ Identificar quais as dificuldades que sentem ao implementarem a diferenciação na 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ O que entende por diferenciação pedagógica? ❖ Que estratégias de diferenciação pedagógica implementa na sua turma e/ou grupo? Pode referir algum exemplo concreto? ❖ Que fatores condicionam as estratégias de diferenciação que utiliza? Porquê? E se possível pode dar algum exemplo? ❖ Que dificuldades sente ao implementar a diferenciação pedagógica? 	

	sua prática pedagógica.	❖ Como gere essas dificuldades?	
V. Planificação	❖ Identificar como a planificação valoriza estratégias de diferenciação pedagógica.	❖ Planifica regularmente? Com que frequência? ❖ Na sua planificação como integra a diferenciação pedagógica?	Perceber como é que os profissionais de educação planificam (mensalmente, semanalmente ou diariamente).
VI. Organização do ambiente educativo	❖ Avaliar a importância da organização do ambiente educativo, a nível da diferenciação pedagógica; ❖ Identificar de que modo os materiais utilizados favorecem estilos de aprendizagem diferenciada das crianças/alunos; ❖ Compreender como organiza a gestão do tempo, devido à heterogeneidade de alunos/crianças.	❖ Qual a importância da organização do ambiente educativo a nível da diferenciação pedagógica? Porquê? E se possível dar um exemplo. ❖ Na preparação dos materiais tem em conta a diversidade dos alunos e/ou crianças? ❖ Como faz a gestão do tempo, tendo em conta a diversidade das crianças do grupo/turma? Se possível pode dar algum exemplo?	

<p>VII. Tipos de avaliação</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Identificar estratégias (instrumentos/procedimentos) de avaliação que utiliza; ❖ Identificar como na avaliação valoriza a diferenciação pedagógica; 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Que tipo de estratégias de avaliação privilegia na sua prática pedagógica? Exemplo? ❖ Que instrumentos de registo privilegia na avaliação dos seus alunos/crianças? ❖ Quais os domínios que privilegia na avaliação; os de carácter cognitivo, afetivo, motivacional, de esforço, de interação, ou outro? E porquê? ❖ Como é que a avaliação evidencia a diferenciação pedagógica? 	<p>Se privilegia uma avaliação sumativa, formativa, autoavaliação ou vários.</p>
---------------------------------------	--	---	--

Anexo D – Transcrição das entrevistas às Educadoras e Professoras

Identificação

Nome: **Educadora A**

Idade: 54

Quais as habilitações académicas: Licenciatura

Qual o tempo de serviço na atual instituição: 1 ano

Qual o tempo de serviço: 33 anos

Contexto em que se encontra a trabalhar: Centro Escolar em Santarém

Identificar principais características do grupo/turma

De um modo geral como caracteriza o seu grupo e/ou turma?

Neste preciso momento não tenho turma, por vezes faço substituições e estou a apoiar o 1.º Ciclo como docente de educação especial e a coordenar o Centro Escolar. A turma em que trabalhei substituindo a docente caracterizo-a como muito autónoma, alegre, curiosa e com alguma dificuldade em tolerar pequenas contrariedades.

Quais os fatores que mais condicionam as aprendizagens do seu grupo/turma?

A disponibilidade para ...o que não sejam os interesses mais imediatos.

Prática pedagógica e diferenciação pedagógica

O que entende por diferenciação pedagógica?

Entendo como a estratégia que intervém na zona de desenvolvimento proximal “intermédio” e que procura servir de andaime ao desenvolvimento de cada criança, para que esta se sinta capaz e feliz consigo mesma desejando aprender.

Que estratégias de diferenciação pedagógica implementa na sua turma e/ou grupo?

A ouvir todos e não só os mais ativos, o reforço positivo até ao infinito, a valorização das pequenas coisas, que por vezes são marcos inequívocos de superação de etapas futuras.

Pode referir algum exemplo concreto?

Valorizar um “traquina” quando este soube ser capaz de ser amigo, ouviu e ajudou. Quando soube fazer um recado, quando ajudou o/a amigo(a) a fazer um desenho, quando brincou e descobriu como se pode fazer uma ponte...

Que fatores condicionam as estratégias de diferenciação que utiliza? Porquê? E se possível pode dar algum exemplo?

Às vezes o tempo.

Porque nem sempre é possível em grupos muito grandes ter a disciplina de diariamente refletir, em que é que posso apoiar esta criança a conhecer-se e a ser

ela com as suas capacidades e limitações desejando crescer/aprender... O que é que não está a funcionar? Como posso conhecer melhor esta criança?

Que dificuldades sente ao implementar a diferenciação pedagógica?

As dificuldades situam-se sobretudo na gestão de todas as variáveis, que o quotidiano de jardim de infância espelha, todavia quando este conceito é uma prática integradora é quase como uma segunda pele, descentrar-nos e pensarmos naquela criança e percebê-la.

Como gere essas dificuldades?

Com todas as ferramentas que dispomos, ver, ouvir, sentir, pensar e mobilizar toda a imaginação para tentar que a curiosidade desponte para a aventura de crescer e aprender.

Planificação

Planifica regularmente? Com que frequência?

Sim, diariamente.

Na sua planificação como integra a diferenciação pedagógica?

Integro-a como uma estratégia.

Organização do ambiente educativo

Qual a importância da organização do ambiente educativo a nível da diferenciação pedagógica? E Porquê?

Fundamental, porque a forma como se gere o tempo, o espaço e os materiais, espelha como se gere um grupo e se partilha o poder, se é dado tempo ao adulto, à criança ... E se possível dar um exemplo?

Na preparação dos materiais tem em conta a diversidade dos alunos e/ou crianças?

Sim, por norma esse é um dos meus princípios de trabalho.

Como faz a gestão do tempo, tendo em conta a diversidade das crianças do grupo/turma? Se possível pode dar algum exemplo?

A gestão do tempo é feita em grande grupo, pequeno grupo e individual, por norma com a utilização da metodologia *High Scope* tempo de recordar, ou através da metodologia do MEM. Pois são os dois modelos mais utilizados por mim.

Tipos de avaliação

Que tipo de estratégias de avaliação privilegia na sua prática pedagógica? Se possível dar algum exemplo?

Privilegio a avaliação individual do dia, o que aprendeu, o que já consegue fazer, o que gostou. E a avaliação do grupo.

Por exemplo, no tempo de recordar, a apresentação de produtos a valorização de atitudes assertivas, promove o respeito e a aquisição de valores.

Que instrumentos de registo privilegia na avaliação dos seus alunos/crianças?

Registo naturalista, portfolio, grelhas de observação e de momento não me recordo de mais nenhum.

Quais os domínios que privilegia na avaliação; os de carácter cognitivo, afetivo, motivacional, de esforço, de interação, ou outro? E porquê?

Todos, porque permitem perceber aquela criança e como ela está a crescer, todos eles naquele momento permitem perceber o que está aquela criança a tentar desvendar/alcançar/perceber...e como está a crescer/aprender.

Como é que a avaliação evidencia a diferenciação pedagógica?

Quando ela ilustra aquela criança em todos os domínios, nos seus esforços, nas suas conquistas e nas suas limitações.

Obrigada pela colaboração
Rita Alves

Identificação

Nome: **Educadora B**

Idade: 39 anos

Quais as habilitações académicas: mestrado em educação pré-escolar

Qual o tempo de serviço na atual instituição: 9 meses

Qual o tempo de serviço: 12 meses

Contexto em que se encontra a trabalhar: Creche

Identificar principais características do grupo/turma

De um modo geral como caracteriza o seu grupo e/ou turma?

É um grupo heterogéneo entre os 20 meses e os 3 anos e meio.

Carateriza-se por ser um grupo agitado com crianças que já frequentaram a creche e outras estão a frequentar pela primeira vez.

Quais os fatores que mais condicionam as aprendizagens do seu grupo/turma?

Visto que a instituição não tem definido horário de entrada das crianças, existem crianças que entram muito tarde e já não acompanham os momentos de atividades orientadas. Assim, tenho bastante dificuldade em atingir objetivos definidos com algumas crianças.

Como já referi atrás, algumas crianças nunca frequentaram uma instituição e ainda não cumprem as regras que facilitam as suas aprendizagens e acabam por também influenciar as restantes.

Prática pedagógica e diferenciação pedagógica

O que entende por diferenciação pedagógica?

Para mim, é a importância de adequar as minhas estratégias a cada criança, ou seja, uma estratégia que resulte com uma criança não significa necessariamente que resulte com as outras.

Que estratégias de diferenciação pedagógica implementa na sua turma e/ou grupo? Pode referir algum exemplo concreto?

No que respeita às estratégias de diferenciação faço muito uso do conceito de Scaffolding. Defendo que nesta faixa etária é importante que as crianças descubram o mundo que as rodeia, e a forma como podem interagir. Sendo que estas situações são supervisionadas por adultos, de modo a que as crianças se sintam à vontade para testar as suas competências.

Por exemplo, costumo utilizar caixas de cartão para trabalhar o dentro o fora, etc. e por vezes há crianças que entram e depois não conseguem sair sozinhas, por norma dou-lhes a oportunidade de encontrarem a solução para saírem sozinhas, só em ultimo recurso é que as vou tirar da caixa.

Que fatores condicionam as estratégias de diferenciação que utiliza? Porquê? E se possível pode dar algum exemplo?

Não sinto grande impedimento na aplicação das estratégias.

Que dificuldades sente ao implementar a diferenciação pedagógica?

Como gere essas dificuldades?

Até ao momento não senti qualquer dificuldade.

Planificação

Planifica regularmente? Com que frequência?

No início do ano letivo elaboro uma planificação anual, mensal e semanal. Depois ao longo do ano letivo só realizo mais planificações se por algum motivo existir alguma alteração do calendário escolar.

Na sua planificação como integra a diferenciação pedagógica?

Não faço as planificações baseadas na diferenciação, mas obviamente programo com estratégias que me permitem implementar sempre que necessário.

Organização do ambiente educativo

Qual a importância da organização do ambiente educativo a nível da diferenciação pedagógica? E Porquê? E se possível dar um exemplo?

O ambiente educativo tem de me dar suporte para permitir a diferenciação. Por exemplo, se eu estou a trabalhar com um grupo tenho de ter alguém a trabalhar com o outro de modo a permitir a minha dedicação ao mesmo.

Na preparação dos materiais tem em conta a diversidade dos alunos e/ou crianças?

Sim, preparo sempre de acordo com o grupo.

Como faz a gestão do tempo, tendo em conta a diversidade das crianças do grupo/turma? Se possível pode dar algum exemplo?

Quando planifico tenho em conta o grupo, e tudo o que o envolve.

Tipos de avaliação

Que tipo de estratégias de avaliação privilegia na sua prática pedagógica? Exemplo?

Como estou em creche o que mais utilizo são a observação, os meus registos diários e fotográficos.

Que instrumentos de registo privilegia na avaliação dos seus alunos/crianças?

Para a avaliação privilegio as grelhas de avaliação.

Quais os domínios que privilegia na avaliação; os de carácter cognitivo, afetivo, motivacional, de esforço, de interação, ou outro? E porquê?

Um pouco de tudo, também depende da atividade que estão a realizar e qual o seu objetivo. Se por exemplo eu estou a implementar uma atividade de desenho em que o objetivo é que as crianças agarrem corretamente no lápis, com certeza vou avaliar a forma como o está a fazer, contudo, verifico se a atividade está a ser satisfatória ou uma obrigação para esta criança.

Como é que a avaliação evidencia a diferenciação pedagógica?

A avaliação pode não evidenciar a diferenciação, mas com toda a certeza os resultados da avaliação vão ser bem mais satisfatórios quando se aplica diferenciação pedagógica.

Obrigada pela colaboração
Rita Alves

Identificação

Nome: **Educadora C**

Idade: 51

Quais as habilitações académicas: Licenciatura

Qual o tempo de serviço na atual instituição: 120 dias ao serviço de instituição pública.

Qual o tempo de serviço: 20 anos cerca de 7212 dias.

Contexto em que se encontra a trabalhar: Bolsa de Contratação de Escola, encontro-me como Educadora contratada em jardim-de-infância.

Identificar principais características do grupo/turma

De um modo geral como caracteriza o seu grupo e/ou turma?

É um grupo heterogéneo, bem-disposto, com grandes discrepâncias sociais e culturais.

Quais os fatores que mais condicionam as aprendizagens do seu grupo/turma?

Os fatores mais emergentes são os sociais e cognitivos.

Prática pedagógica e diferenciação pedagógica

O que entende por diferenciação pedagógica?

Bom, para mim é sem dúvida o respeito pelo ritmo e a individualidade de cada criança.

Que estratégias de diferenciação pedagógica implementa na sua turma e/ou grupo? Pode referir algum exemplo concreto?

A nível de estratégias tento sempre organizar atividades paralelas, adequadas aos diferentes grupos etários, permitindo que o grupo progrida e não se disperse. E reservo sempre um espaço de inclusão para as crianças com NEE.

Que fatores condicionam as estratégias de diferenciação que utiliza? Porquê? E se possível pode dar algum exemplo?

Os fatores que condicionam as estratégias de diferenciação são os de origem social, que por vezes limitam as minhas ações, outro prende-se com a origem cultural.

Que dificuldades sente ao implementar a diferenciação pedagógica?

As vivências de cada criança.

Como gere essas dificuldades?

Tento apresentar uma escala bastante variada de experiências, para que cada criança se conseguia identificar.

Planificação

Planifica regularmente? Com que frequência?

Sim, planifico diariamente.

Na sua planificação como integra a diferenciação pedagógica?

Como estratégia. Faço também um levantamento acerca de cada família, que me permite averiguar quais os costumes e hábitos culturais para não ferir suscetibilidades.

Organização do ambiente educativo

Qual a importância da organização do ambiente educativo a nível da diferenciação pedagógica? E Porquê? E se possível dar um exemplo?

Na minha ótica, é importante promover o espaço educativo como um espaço acolhedor e em que as áreas estejam ao dispor das crianças sem restrições.

Na preparação dos materiais tem em conta a diversidade dos alunos e/ou crianças?

Sempre, até porque tenho crianças com NEE e algumas muito pequenas.

Como faz a gestão do tempo, tendo em conta a diversidade das crianças do grupo/turma? Se possível pode dar algum exemplo?

A gestão do tempo é feita por três períodos, ou seja, <ah> oriento as atividades em grande grupo, pequeno grupo e trabalho autónomo.

Tipos de avaliação

Que tipo de estratégias de avaliação privilegia na sua prática pedagógica? Exemplo?

Como tenho uma grande discrepância de idades no grupo (desde os 3-5) privilegio uma avaliação personalizada, com diferentes graus de exigência consoante as necessidades.

Que instrumentos de registo privilegia na avaliação dos seus alunos/crianças?

O preenchimento de mapas para as diferentes tarefas, pois permitem uma melhor autonomia e responsabilização. Utilizo também grelhas de observação e lista de verificação para perceber em que nível de desenvolvimento está cada criança.

Quais os domínios que privilegia na avaliação; os de carácter cognitivo, afetivo, motivacional, de esforço, de interação, ou outro? E porquê?

Um pouco de cada um, pois só assim me permite perceber qual ou quais os domínios que aquela criança já domina ou ainda tem alguma dificuldade. Só assim é possível avaliar com equilíbrio.

Como é que a avaliação evidencia a diferenciação pedagógica?

A avaliação é feita por mim, ou pela educadora em questão. Porém, penso que a articulação que tem que ser feita entre a escola, a família e todos os outros técnicos de

ensino que fazem parte das aprendizagens das crianças, são essenciais para que seja possível evidenciar essa prática pedagógica.

Obrigada pela colaboração
Rita Alves

Identificação

Nome: **Educadora D**

Idade: 55 anos

Quais as habilitações académicas: Curso de Estudos Superiores Especializados (CESE)

Qual o tempo de serviço na atual instituição: 28 anos

Qual o tempo de serviço: 34 anos

Contexto em que se encontra a trabalhar: Agrupamento de Escolas de Arruda dos Vinhos - Centro Escolar de Arruda dos Vinhos – Jardim de Infância de Arruda dos Vinhos (5 grupos) - Docente de Grupo

Identificar principais características do grupo/turma

De um modo geral como caracteriza o seu grupo e/ou turma?

É um grupo heterogéneo, constituído por 25 crianças, sendo cinco de 3 anos, dez de 4 anos e dez de 5 anos. São crianças muito assíduas.

É um grupo muito ativo e muito interessado em novas atividades, mas muito "difícil" devido à quase total ausência de regras. São crianças com um comportamento individual que não tem em conta a vida em grupo, o reconhecimento de diferentes papéis sociais e o respeito pelas regras e princípios de vida em comum (escutar, ajudar, cuidar...), pelo que é muito difícil conseguir um ambiente de aprendizagem para cada uma e todas as crianças. As interações entre pares nem sempre são positivas, as situações de conflito e agressividade são frequentes.

Quais os fatores que mais condicionam as aprendizagens do seu grupo/turma?

O facto de ser um grupo grande, com 25 crianças, com uma grande heterogeneidade de idades, desde os 3, 4, 5 e 6 anos inclusive.

O comportamento das crianças.

O espaço, nomeadamente, a sala tem as dimensões mínimas para um grupo de 25 crianças e o mobiliário (mesas e cadeiras) ocupa muito espaço.

Prática pedagógica e diferenciação pedagógica

O que entende por diferenciação pedagógica?

Entendo que é responder às características individuais de cada criança, aos seus saberes, necessidades e interesses. É considerar a sua idade, o seu ritmo de aprendizagem, o modo como aprende melhor ...

Que estratégias de diferenciação pedagógica implementa na sua turma e/ou grupo? Pode referir algum exemplo concreto?

Promovo atividades em pequenos grupos com necessidades ou interesses semelhantes.

Procuro adaptar os conteúdos ao desenvolvimento e aprendizagens das crianças.

Quando sinto que é necessário e consigo, apoio as crianças individualmente.

Procuro proporcionar às crianças os jogos e materiais que considero mais adequados ao seu desenvolvimento e aprendizagem e aos objetivos que me proponho alcançar.

Por exemplo; os conteúdos.

Se estou a desenvolver uma atividade em que pretendo explorar as cores, com algumas crianças trabalho apenas as cores primárias, com outras já posso explorar a mistura de cores e as cores secundárias e com outras até as tonalidades.

Se estamos a realizar uma atividade de grande grupo tento que cada uma realize uma atividade que seja desafiante, mas que me parece que é possível a criança realizar. Tento adaptar a atividade a cada uma das crianças.

Que fatores condicionam as estratégias de diferenciação que utiliza? Porquê? E se possível pode dar algum exemplo?

O facto de estar sozinha com o grupo numa grande parte do dia, não permite que me dedique tanto tempo quanto o que considero necessário a apoiar as crianças individualmente ou em pequenos grupos, nas suas aprendizagens. Isto porque estou permanentemente a ser solicitada pelos mais pequenos para questões de higiene ou outras e a necessitar de intervir para gerir os comportamentos dos mais crescidos.

O espaço é outro fator condicionante porque é reduzido e não permite que as áreas criadas na sala fiquem mais separadas umas das outras e existam áreas com algum silêncio e que permitam uma maior concentração.

Que dificuldades sente ao implementar a diferenciação pedagógica?

É frequente não conseguir implementar tudo aquilo que planifico. A maior parte das vezes porque não me consigo repartir-me para responder a todas as solicitações. Gosto que as crianças se sintam bem, gosto de lhes dar a atenção individual de que necessitam e por vezes é difícil conciliar tudo.

Como gere essas dificuldades?

Vou gerindo diariamente o melhor que consigo.

Procuro proporcionar-lhes as oportunidades de experimentarem o que considero ser mais adequado. Procuro aproveitar todos os momentos para as apoiar. Os momentos em que realizam atividades à sua escolha e até os momentos de brincadeira.

Procuro informar a assistente operacional das minhas intenções para que ambas utilizemos todas as oportunidades em benefício de cada criança. Muitas vezes utilizamos os momentos de brincadeira no exterior para as ajudar a crescer.

Planificação

Planifica regularmente? Com que frequência?

No departamento de educação pré-escolar fazemos uma planificação trimestral. Individualmente faço uma planificação mensal e depois uma semanal.

Na sua planificação como integra a diferenciação pedagógica?

Além dos objetivos gerais defino objetivos específicos para determinadas crianças ou grupos.

Ao planificar atividades e estratégias procuro adaptar da mesma forma.

Organização do ambiente educativo

Qual a importância da organização do ambiente educativo a nível da diferenciação pedagógica? E Porquê? E se possível dar um exemplo?

É muito importante. O ambiente pode ser facilitador do desenvolvimento e aprendizagem de cada criança. A forma como os materiais estão dispostos podem proporcionar às crianças experiências diversificadas e as mais adequadas.

Se a sala estiver organizada por áreas pertinentes e com materiais adequados às fragilidades ou potencialidades do grupo, as crianças mesmo em trabalho autónomo podem ir realizando as atividades mais adequadas às suas necessidades. Eu vou dando o meu apoio a uma ou outra criança ou a pequenos grupos.

Por exemplo; se tenho um grupo de crianças com dificuldades ao nível da motricidade fina. Se eu lhes proporcionar um espaço na sala em que existam diversos materiais que a criança possa manipular, separar, agrupar, seriar, enfiar, colar ... ela mesmo autonomamente brincando/criando pode estar a desenvolver essa área.

Na preparação dos materiais tem em conta a diversidade dos alunos e/ou crianças?

Sim. Na seleção dos materiais didáticos procuro proporcionar materiais diversificados, que permitam experiências diversificadas e os mais adequados ao grupo.

Nas atividades de consolidação de conhecimentos, muitas delas individuais procuro adaptar os materiais à diversidade das crianças.

Como faz a gestão do tempo, tendo em conta a diversidade das crianças do grupo/turma? Se possível pode dar algum exemplo?

Procuro criar uma rotina diária, na qual incluo atividades de grande grupo, pequeno grupo, a pares ou individuais. Procuro planificar atividades com diferentes ritmos.

As atividades que exigem uma maior concentração procuro realizá-las no período da manhã.

Por exemplo; após o almoço conto uma história que vou explorar oralmente.

Os que não conseguem permanecer atentos por tanto tempo, normalmente os mais pequeninos, podem só ouvir a história ou ficar na exploração inicial da história e depois podem ir realizar outro tipo de atividade ou “brincar”.

Tipos de avaliação

Que tipo de estratégias de avaliação privilegia na sua prática pedagógica? Exemplo?

Procuro sempre fazer uma avaliação contínua e formativa na qual procuro avaliar o que as crianças conseguem e o que ainda não conseguem fazer. Gosto de as envolver

nessa avaliação de as elogiar sempre que conseguem ou se empenham para “conseguir ir mais longe”.

Recorro frequentemente às produções das crianças e às minhas observações diretas que costumo registar num caderno ou em grelhas de observação, consoante as observações que faço sejam mais descritivas ou mais objetivas.

Que instrumentos de registo privilegia na avaliação dos seus alunos/crianças?

Registos descritivos de observações, grelhas e registos do que as crianças dizem.

Quais os domínios que privilegia na avaliação; os de carácter cognitivo, afetivo, motivacional, de esforço, de interação, ou outro? E porquê?

Os de carácter cognitivo e de interação.

Não sei muito bem porquê, mas talvez porque são mais individuais.

Como é que a avaliação evidencia a diferenciação pedagógica?

Avaliando se os objetivos específicos para uma criança ou um grupo de crianças foram atingidos. Se as atividades/estratégias planificadas resultaram. Se as crianças fizeram progressos.

Obrigada pela colaboração

Rita Alves

Identificação

Nome: **Professora A**

Idade: 38

Quais as habilitações académicas: Licenciatura

Qual o tempo de serviço na atual instituição: 11

Qual o tempo de serviço: 17

Contexto em que se encontra a trabalhar: Titular de Turma

Identificar principais características do grupo/turma

De um modo geral como caracteriza o seu grupo e/ou turma?

De um modo geral, a turma é homogénea... <mm>, contudo, estão integrados na turma, três alunos com Necessidades Educativas Especiais, dois deles com PEI e outro com CEI. Este último integra a Unidade de Multideficiência existe na instituição. Estes três alunos fizeram um trabalho diferenciado e como tal são avaliados com testes sumativos adaptados.

Quais os fatores que mais condicionam as aprendizagens do seu grupo/turma?

Bem.... Considero, que para além da estrutura cognitiva do aluno, a imaturidade e falta de motivação, a capacidade de atenção e memória são fatores condicionam as aprendizagens. É de referir ainda fatores socioculturais como a estrutura familiar e os grupos de pertença (etnias).

Prática pedagógica e diferenciação pedagógica

O que entende por diferenciação pedagógica?

<Ahh...>. Para mim a diferenciação pedagógica trata-se de promover a igualdade de oportunidades de sucesso dos alunos, não sendo indiferente às diferenças, de modo a permitir que cada aluno desenvolva as suas capacidades ao seu ritmo.

Que estratégias de diferenciação pedagógica implementa na sua turma e/ou grupo? Pode referir algum exemplo concreto?

<mhm> A escola e o professor devem utilizar as estratégias que permitam ao aluno integrar conhecimentos novos, utilizando para tal métodos adequados e um currículo bem estruturado. Um professor, atento e responsável, deverá usar materiais adequados, que permitam ao aluno relacionar, associar e reconhecer elementos novos da aprendizagem.

Assim, tento que a minha prática pedagógica conduza ao sucesso da aprendizagem, tendo em conta o seguinte: o nível de dificuldade das atividades propostas, deve estar ao alcance de todos os alunos; garantir a resolução mínima dos exercícios por todos os alunos quando surge um novo conteúdo; as correções necessárias não devem ser feitas de forma destrutiva, mas sim em forma de sugestão, ou de incentivo ao debate; é muito importante a informação sobre os resultados obtidos e reforço positivo, de modo a reduzir a insegurança.

Que fatores condicionam as estratégias de diferenciação que utiliza? Porquê? E se possível pode dar algum exemplo?

Como já referi, existem fatores internos ao próprio aluno, que podem facilitar ou inibir o processo da aprendizagem.

A própria organização pedagógica do espaço e do tempo, com recurso a materiais diversificados, a criação de um plano individual de trabalho são fatores que a meu ver são facilitadores da diferenciação pedagógica.

O que mais condiciona as estratégias de diferenciação, o apoio individualizado e autonomização progressiva dos alunos são as turmas numerosas e por vezes com vários níveis de ensino, o que muitas vezes impede ao professor uma maior facilidade na gestão diferenciada do tempo no apoio aos alunos, destinando mais a quem precisa.

Que dificuldades sente ao implementar a diferenciação pedagógica?

Como gere essas dificuldades?

A aprendizagem deve processar-se num clima de confiança e abertura que propicie a partilha de experiências e vivências, visando um enriquecimento mútuo. Nem sempre o aluno está predisposto a aprender. Considero que é aqui que o professor tem um papel primordial, ajudando o aluno a ultrapassar esta fase, dando-lhe ferramentas para tal. Tento preparar as atividades e materiais necessários para a aquisição das novas aprendizagens de maneira que estas se relacionem com as aprendizagens anteriores e motivar os alunos, levando em consideração os interesses dos mesmos, para que se envolvam na tarefa proposta.

Planificação

Planifica regularmente? Com que frequência?

Para além da planificação anual e mensal, planifico diariamente as atividades para os meus alunos, tendo em conta as especificidades.

Na sua planificação como integra a diferenciação pedagógica?

Tento que a metodologia adotada seja flexível e considere uma diversidade de estratégias, em função do tipo de conteúdos a serem desenvolvidos, para adaptá-la a diferentes necessidades. Todos os alunos, e não somente os que apresentam necessidades educativas especiais, são diferentes e devem ter respostas distintas. Por vezes essas respostas, naturalmente surgem no decorrer da própria aula, quando o inesperado acontece.

Organização do ambiente educativo

Qual a importância da organização do ambiente educativo a nível da diferenciação pedagógica? E porquê? E se possível dar um exemplo?

Considero que a aprendizagem cooperativa facilita nos alunos a promoção de atitudes de colaboração relativamente ao seu progresso e ao progresso dos colegas através de trocas de experiências e saberes. A partir de uma diferenciação

pedagógica, centrada na cooperação entre professor e alunos e destes entre si, pode pôr-se em prática os princípios da inclusão e da integração. Normalmente, tenho os alunos em “U” porque é uma disposição que me facilita, em termos de abordagem individual e coletiva de todos os alunos, uma vez que é fácil a minha circulação e a minha comunicação com a turma.

Na preparação dos materiais tem em conta a diversidade dos alunos e/ou crianças?

Se a planificação é diferente, os materiais também têm que ser diferentes. Refiro-me principalmente aos alunos com Necessidades Educativas Especiais.

Como faz a gestão do tempo, tendo em conta a diversidade das crianças do grupo/turma? Se possível pode dar algum exemplo?

Se necessário dou mais tempo aos alunos com mais dificuldades, ou então recorro ao ensino cooperativo.

Tipos de avaliação

Que tipo de estratégias de avaliação privilegia na sua prática pedagógica? Exemplo?

<ah>. Na minha opinião, a mais importante para mim é a avaliação contínua. E quando eu digo avaliação contínua, eu digo avaliação diária. É claro que esta avaliação culmina com uma avaliação sumativa para verificar se os alunos atingiram ou não os objetivos.

Que instrumentos de registo privilegia na avaliação dos seus alunos/crianças?

A avaliação diagnóstica, de forma a ter um conhecimento da turma e diagnóstico individual. Também considero importante a avaliação formativa e as grelhas de observação e registo.

Quais os domínios que privilegia na avaliação; os de carácter cognitivo, afetivo, motivacional, de esforço, de interação, ou outro? E porquê?

Considero que todos eles têm o seu peso na avaliação, mas dou muita relevância ao esforço e ao empenho dos alunos. O esforço que o aluno faz, o interesse que ele evidencia, são importantes, embora claro, que o cognitivo também seja importante.

Como é que a avaliação evidencia a diferenciação pedagógica?

Bom, <ahh>. A avaliação fornece-nos o feedback para percebermos se a diferenciação está a resultar ou não. No entanto, não poderá haver diferenciação pedagógica sem um profundo conhecimento do aluno e do grupo.

Obrigada pela colaboração
Rita Alves

Identificação

Nome: **Professora B**

Idade: 37 anos

Quais as habilitações académicas: Licenciatura

Qual o tempo de serviço na atual instituição: 2 anos

Qual o tempo de serviço: 13 anos

Contexto em que se encontra a trabalhar: A população escolar tem um nível socioeconómico baixo. Alguns alunos são provenientes de um bairro carenciado/ clandestino.

Identificar principais características do grupo/turma

De um modo geral como caracteriza o seu grupo e/ou turma?

É um grupo heterogéneo, algumas crianças revelam algumas são imaturas, sem hábitos de trabalho. Deste grupo faz parte um aluno com Currículo Específico Individual e outra aluna com Programa Educativo Individual.

Quais os fatores que mais condicionam as aprendizagens do seu grupo/turma?

Alguns destes alunos não têm o português como língua materna. Devido à realidade do bairro onde vivem muitas famílias não valorizam o trabalho escolar e não apoiam os filhos.

Prática pedagógica e diferenciação pedagógica

O que entende por diferenciação pedagógica?

É um conjunto de medidas que visam adaptar o processo de ensino aprendizagem às necessidades de cada aluno.

Que estratégias de diferenciação pedagógica implementa na sua turma e/ou grupo? Pode referir algum exemplo concreto?

As estratégias que implemento na minha turma passam por;

Fichas diferenciadas;

Apoio individualizado;

Tempo de Estudo Autónomo;

Materiais diferenciados;

Recurso a computadores.

Que fatores condicionam as estratégias de diferenciação que utiliza? Porquê? E se possível pode dar algum exemplo?

Os fatores que condicionam a implementação de mais estratégias de diferenciação, são sem dúvida a extensão do programa e a heterogeneidade dos alunos.

Que dificuldades sente ao implementar a diferenciação pedagógica?

Bom, as dificuldades que sinto e as mais notórias são a falta de tempo que em conjunto com a falta de recursos acabam por se tornar grandes condicionantes na implementação de algumas estratégias.

Como gere essas dificuldades?

Fazendo grupos de nível, que me permite dar um suporte e apoio aos alunos que tem mais dificuldades, assim como, é uma mais valia para os alunos que não possuam tantas dificuldades. Permitindo que todos os alunos se sintam motivados cada um no seu nível.

Planificação

Planifica regularmente? Com que frequência?

Sim, costumo planificar semanalmente.

Na sua planificação como integra a diferenciação pedagógica?

Bom, integro a diferenciação diariamente, consoante o conteúdo a ser abordado.

Organização do ambiente educativo

Qual a importância da organização do ambiente educativo a nível da diferenciação pedagógica? E Porquê? E se possível dar um exemplo?

Uma boa organização estrutural, auxilia um bom ambiente educativo e relacional entre alunos-professor, professor-alunos e alunos-alunos. Essencialmente vario a disposição da sala, nomeadamente das mesas, no decorrer do ano letivo, estando sempre adequadas ao tipo de atividade que estejam a realizar.

Na preparação dos materiais tem em conta a diversidade dos alunos e/ou crianças?

Sim, tenho em conta a diversidade dos alunos de acordo com o tipo de atividade a desenvolver.

Como faz a gestão do tempo, tendo em conta a diversidade das crianças do grupo/turma? Se possível pode dar algum exemplo?

Nos momentos de Apoio ao Estudo cada aluno trabalha nas áreas em que sente mais dificuldade, utilizando para esse efeito ficheiros, jogos ou outros materiais. Nos restantes momentos o grande grupo está a realizar determinadas atividades enquanto os alunos com NEE estão a fazer trabalho diferenciado.

Tipos de avaliação

Que tipo de estratégias de avaliação privilegia na sua prática pedagógica? Exemplo?

Para mim a avaliação formativa é essencial para compreender se o aluno adquiriu essa aprendizagem ou não. Contudo, as pequenas fichas de trabalho, e todas as atividades

realizadas diariamente são importantes para a avaliação. Como estratégia utilizo as grelhas de registo de evolução semanal.

Que instrumentos de registo privilegia na avaliação dos seus alunos/crianças?

Além das grelhas de registo de evolução, que mencionei anteriormente, também utilizo as grelhas de observação.

Quais os domínios que privilegia na avaliação; os de carácter cognitivo, afetivo, motivacional, de esforço, de interação, ou outro? E porquê?

Todos os que aqui estão referidos. Considero que a aprendizagem está comprometida se a parte emocional também estiver. A pré-disposição dos alunos para a aprendizagem é fundamental em todo o processo.

Como é que a avaliação evidencia a diferenciação pedagógica?

Na realização de fichas de avaliação diferenciadas, ou adaptação dos critérios de avaliação.

Obrigada pela colaboração
Rita Alves

Identificação

Nome: **Professora C**

Idade: 32 anos

Quais as habilitações académicas: licenciatura ensino básico-1º ciclo

Qual o tempo de serviço na atual instituição: 6 anos

Qual o tempo de serviço: 9 anos

Contexto em que se encontra a trabalhar: colégio particular bilingue

Identificar principais características do grupo/turma

De um modo geral como caracteriza o seu grupo e/ou turma?

É uma turma com 26 alunos, maioria rapazes, muito agitada e conversadora, com dificuldades no cumprimento de regras. Estes alunos possuem uma grande heterogeneidade de conhecimentos.

Quais os fatores que mais condicionam as aprendizagens do seu grupo/turma?

O que mais condiciona as aprendizagens deles, deve-se ao facto de terem dificuldade em se focarem e concentrarem numa tarefa coletiva, e em momentos de partilha.

Prática pedagógica e diferenciação pedagógica

O que entende por diferenciação pedagógica?

Entendo como a capacidade de respeitar os ritmos e interesses de cada aluno, integrando-o sempre no grupo.

Que estratégias de diferenciação pedagógica implementa na sua turma e/ou grupo? Pode referir algum exemplo concreto?

As estratégias que utilizo passam pelo TEA (tempo de estudo autónomo) – momento de trabalho diário (uma hora) em que agendo parcerias com alunos (individuais ou em pequenos grupos) para trabalhar determinados conteúdos ou competências, estas parcerias também surgem entre alunos com a mesma finalidade. De modo a que os alunos tomem consciência das dificuldades que têm, ao mesmo tempo dou-lhes alguma autonomia para que tenham um papel mais ativo nessa aprendizagem.

Por exemplo, o facto de muitas vezes me sentar com algum aluno durante a aula para lhe explicar alguma dúvida (exemplo; calculo mental ou momento de escrita).

Que fatores condicionam as estratégias de diferenciação que utiliza? Porquê? E se possível pode dar algum exemplo?

Para não ser muito extensa a minha resposta vou dizer alguns itens que acho relevantes;

A gestão de uma agenda semanal em que é preciso cumprir tempos letivos para determinadas áreas curriculares;

O número de alunos para as horas de apoios semanais;

As pessoas que me podem ajudar (Professores de Apoio) nestes momentos de trabalho;

O tempo para dar feedback aos alunos do trabalho individual e autónomo.

Que dificuldades sente ao implementar a diferenciação pedagógica?

A maior dificuldade é ceder bons materiais aos alunos que trabalham autonomamente, pois não sobra muito tempo para os construir e nem sempre as instituições tem verba para os comprar. Assim como aos materiais para aplicar aos alunos que realizam atividades diferenciadas da restante turma.

Como gere essas dificuldades?

Sinceramente... com muita organização, recorrendo à ajuda da professora de apoio, cedendo tempo da hora de almoço ou trabalho em casa, ou seja, tempos não letivos.

Planificação

Planifica regularmente? Com que frequência?

Realizo planificação anual e por período (organizada por semanas) e todas as semanas sempre que necessário faço ajustes, de acordo com o que a turma me demonstra precisar. Por vezes antecipando conteúdos, outras vezes atrasando-os.

Na sua planificação como integra a diferenciação pedagógica?

Penso que essa resposta acaba por ir ao encontro da anterior.

Organização do ambiente educativo

Qual a importância da organização do ambiente educativo a nível da diferenciação pedagógica? E Porquê? E se possível dar um exemplo?

É importante ter um ambiente de constante monitorização dos conhecimentos e conquistas de cada aluno, havendo momentos semanais de partilha de dificuldades e sugestões de apoios, sempre em constante cooperação e aceitação do erro e dificuldades. Como já percebeste, a minha metodologia baseia-se no MEM daí dar grande importância à cooperação e diálogo entre alunos.

Para isso utilizo – diário de turma, registo de apoio de TEA semanal, listas de verificação coletivas e individuais.

Todas as semanas os alunos avaliam o seu trabalho semanal, enquanto aluno e enquanto turma (cadernos de TEA e conselho turma)

Na preparação dos materiais tem em conta a diversidade dos alunos e/ou crianças?

Sim, tento, para o TEA, ter fichas de trabalho com dois ou mais níveis de dificuldade. E o mesmo acontece com o cálculo mental, ou resolução de problemas, que sempre que tenho possibilidade preparo materiais manipuláveis, para que os alunos possam compreender melhor determinados conteúdos.

Como faz a gestão do tempo, tendo em conta a diversidade das crianças do grupo/turma? Se possível pode dar algum exemplo?

Bom, tenho uma hora diária de TEA, com apoio, ou seja, a professora de apoio que já mencionei anteriormente, auxilia-me nesse campo seja para os alunos trabalharem a pares e ou individualmente.

Também há momentos de sistematização de conteúdos, por vezes realizado a pares para que haja entre ajuda entre eles, outras vezes individuais para que cada criança tenha a noção do que é ou não capaz de fazer sozinha.

Tipos de avaliação

Que tipo de estratégias de avaliação privilegia na sua prática pedagógica? Exemplo?

Privilegio a avaliação quantitativa/sumativa, através das fichas avaliação que são feitas uma vez por período. E a avaliação qualitativa/diária (balanço do dia), semanal (conselho turma e cadernos de TEA).

Que instrumentos de registo privilegia na avaliação dos seus alunos/crianças?

O diálogo aberto, em turma e individual, assim como o registo de listas de verificação individuais (preenchidas por eles e com o meu feedback) e as coletivas.

Quais os domínios que privilegia na avaliação; os de carácter cognitivo, afetivo, motivacional, de esforço, de interação, ou outro? E porquê?

Todos, acho que cada criança precisa, em diferentes fases do seu desenvolvimento diferentes feedbacks por parte do adulto. O importante é conhecermos os nossos alunos e sermos capazes de adaptar todos esses domínios de forma a que ajudemos cada um a evoluir dentro das suas características.

De um modo geral, vou ajustando os domínios aos alunos tendo em conta as suas características.

Como é que a avaliação evidencia a diferenciação pedagógica?

Nos instrumentos e na forma como a utilizamos. Penso que a avaliação tem como principal objetivo ajudar o aluno a ter consciência de si próprio, como ser em construção. Para que possa compreender as suas fragilidades, mas também as suas potencialidades. Para que melhor compreenda no que precisa de ajuda para evoluir, mas também como é que pode ajudar o outro.

A avaliação deve ser contínua e um livro aberto, de preferência construída em conjunto com a turma.

Obrigada pela colaboração
Rita Alves

Identificação

Nome: **Professora D**

Idade: 45

Quais as habilitações académicas: Licenciatura 1º ciclo

Qual o tempo de serviço na atual instituição: 15 anos

Qual o tempo de serviço: 22 anos

Contexto em que se encontra a trabalhar: Professora do quarto ano e coordenadora 1º ciclo.

Identificar principais características do grupo/turma

De um modo geral como caracteriza o seu grupo e/ou turma?

É uma turma de 20 alunos, sendo que dezoito estão a frequentar o 4º ano e dois frequentam o 3º ano. Trata-se de uma turma reduzida, como sabes, uma vez que, esta turma possui dois alunos com NEE, mas bastante funcionais e perfeitamente integrados na turma. É um grupo heterogéneo, com bom aproveitamento, bom comportamento e com grande espírito de colaboração entre todos.

Quais os fatores que mais condicionam as aprendizagens do seu grupo/turma?

O que condiciona a aprendizagem de alguns alunos é o facto de terem pouco apoio em casa e pouco tempo para estudar.

Prática pedagógica e diferenciação pedagógica

O que entende por diferenciação pedagógica?

Entendo que será a adequação de estratégias e medidas de ensino, às diferentes realidades de sala de aula, de forma a garantir que todos atingem os seus objetivos.

Que estratégias de diferenciação pedagógica implementa na sua turma e/ou grupo? Pode referir algum exemplo concreto?

Na minha turma há desde o início um conjunto de regras que permitem um clima de trabalho adequado a desenvolver atividades diferenciadas. Podem ser individuais ou em grupo. Tenho o caso de dois alunos que terminam rapidamente as tarefas propostas, então optei por juntá-los para poderem desenvolver outras atividades em conjunto. Também coloquei um aluno mais lento perto de uma aluna que gosta muito de ajudar e deu bons resultados.

Que fatores condicionam as estratégias de diferenciação que utiliza? Porquê? E se possível pode dar algum exemplo?

Sem dúvida que o fator tempo é crucial e a extensão do programa um importante condicionante.

**Que dificuldades sente ao implementar a diferenciação pedagógica?
Como gere essas dificuldades?**

Talvez as maiores dificuldades sejam em termos de tempo, como mencionei anteriormente, assim como os espaços e recursos materiais.

Planificação

Planifica regularmente? Com que frequência?

Faço uma planificação anual, mensal, semanal e diária.

Na sua planificação como integra a diferenciação pedagógica?

Como trabalhamos em conjunto e planificamos também em grupo de ano, apenas na planificação diária coloco as estratégias a utilizar nos diferentes casos.

Organização do ambiente educativo

Qual a importância da organização do ambiente educativo a nível da diferenciação pedagógica? E Porquê? E se possível dar um exemplo?

A organização do ambiente educativo é importante, posso dizer que sempre que acho necessário altero por exemplo a disposição das mesas. No início do ano letivo disponho por exemplo, as mesas em “U” para estarmos todos em grande grupo e depois, conforme as atividades e evolução das aprendizagens dos alunos, altero a disposição das mesmas.

Na preparação dos materiais tem em conta a diversidade dos alunos e/ou crianças?

Normalmente tento adaptar os materiais de forma a que todos tenham acesso e consigam desenvolver a atividade pretendida.

Como faz a gestão do tempo, tendo em conta a diversidade das crianças do grupo/turma? Se possível pode dar algum exemplo?

Cada turma tem um horário pré-definido, mas todos sabemos que consoante a tarefa demore mais ou menos tempo a realizar, será adaptado. Muitas vezes abdicoo de alguma atividade ou passo para outra altura do dia ou da semana, de modo a que todos os alunos compreendam a aprendizagem pretendida.

Tipos de avaliação

Que tipo de estratégias de avaliação privilegia na sua prática pedagógica? Exemplo?

Dou muita importância à avaliação formativa, e ao que observo no dia a dia. O esforço que fazem, a participação, o empenho, tudo conta...

Que instrumentos de registo privilegia na avaliação dos seus alunos/crianças?

No dia-a-dia, utilizo listas de verificação e grelhas de observação, contudo valorizo muito os cadernos diários que vejo todos os dias.

Quais os domínios que privilegia na avaliação; os de carácter cognitivo, afetivo, motivacional, de esforço, de interação, ou outro? E porquê?

Acho que deve haver um pouco de tudo, consoante o aluno, o seu historial, devo privilegiar o que melhor se adequa a cada um.

Como é que a avaliação evidencia a diferenciação pedagógica?

Quando a avaliação evidencia a diferenciação pedagógica, por norma todos os fatores que são avaliados já incluem essa diferenciação, na minha prática pedagógica tenho sempre em conta a individualidade de cada um, realçando o que de melhor há em cada criança. Tentando evidenciar o que melhor consegue fazer e as dificuldades que superou.

Obrigada pela colaboração
Rita Alves

Anexo E – Quadro de análise das entrevistas transcritas

Categoria de análise	Educadora	Professora
Caracterização dos entrevistados	Educadora A – Tem cinquenta e quatro anos de idade, possui Licenciatura e tem trinta e três anos de serviço. Encontra-se há um ano na atual instituição, e este ano letivo encontra-se a coordenar o Centro Escolar, fazendo por vezes substituições no jardim de infância. E dá apoio ao 1.º ciclo como docente de educação especial.	Professora A – Tem 38 anos de idade, possui Licenciatura e tem dezassete anos de serviço. Encontra-se na atual instituição há onze anos. E é titular de turma.
	Educadora B – Tem trinta e nove anos de idade, possui Mestrado em Educação Pré-Escolar e tem doze meses de serviço. Encontra-se há nove meses na atual instituição, na valência da Creche.	Professora B – Tem trinta e sete anos de idade, possui Licenciatura e tem treze anos de serviço. Encontra-se na atual instituição há dois anos, numa turma de 1.º ano.
	Educadora C – Tem cinquenta e um anos de idade, possui Licenciatura e tem vinte anos de serviço. Encontra-se na atual instituição há cento e vinte dias e está colocada através da Bolsa de Contratação de Escola (BCE).	Professora C – Tem trinta e sete anos de idade, possui Licenciatura. Tem nove anos de serviço e está na atual instituição há seis anos. Encontra-se a trabalhar num colégio particular Bilingue, numa turma de 3.º ano.
	Educadora D - Tem cinquenta e cinco anos de idade, possui o Curso de Estudos Superiores Especializados (CESE). Tem trinta e quatro anos de serviço e encontra-se na atual instituição, centro escolar, há vinte e oito anos, e este ano letivo está com um grupo de Jardim de Infância.	Professora D – Tem quarenta e cinco anos de idade e possui Licenciatura. Tem vinte e dois anos de serviço. Encontra-se na atual instituição há quinze anos. Este ano letivo está com uma turma de 4.º ano e desempenha também as funções de coordenadora do 1.º ciclo.
Identificar principais características do grupo/turma	Educadora A – Trata-se de um grupo alegre, curioso e com alguma dificuldade em tolerar pequenas contrariedades. Um dos fatores que destaca é a disponibilidade para o que não	Professora A – De um modo geral é uma turma heterogénea. Contudo, a turma integra 3 alunos com Necessidades Educativas Especiais, sendo que “dois deles com PEI e outro com

	<p>são os interesses mais imediatos.</p>	<p>CEI. Este último integra a Unidade de Multideficiência existente na instituição”. Estes alunos fizeram um trabalho diferenciado e como tal são avaliados com testes sumativos adaptados.</p> <p>Para além da estrutura cognitiva do aluno, a imaturidade, a falta de motivação, a capacidade de atenção e memória são fatores que condicionam as aprendizagens. “É de referir ainda os fatores socioculturais tais como a estrutura familiar e os grupos de pertença”.</p>
	<p>Educadora B - É um grupo heterogéneo entre os 20 meses e os 3 anos e meio.</p> <p>Trata-se de um grupo agitado com crianças que já frequentaram a creche e outras que estão a frequentar pela primeira vez.</p> <p>Um dos fatores que condicionam as aprendizagens, deve-se ao facto de a instituição não ter um horário definido para a entrada das crianças. Faz com que nem todas as crianças acompanhem as atividades. Outra questão prende-se com o facto de algumas crianças ainda não cumprirem as regras por frequentarem há pouco tempo a instituição, influenciando as restantes.</p>	<p>Professora B – É uma turma heterogénea, sem hábitos de trabalho. A população escolar na sua maioria é proveniente de bairros carenciados e tem um nível socioeconómico baixo. A turma possui um aluno com Currículo Específico Individual e uma aluna com Programa Educativo Individual.</p> <p>Um dos fatores que condicionam as aprendizagens, deve-se ao facto de alguns alunos não possuírem o Português como língua materna. Outro facto que destaca, é o facto de as famílias não valorizarem o trabalho escolar e não apoiarem os seus educandos.</p>
	<p>Educadora C – Trata-se de um grupo heterogéneo, bem-disposto, mas com grandes discrepâncias sociais e culturais. Os fatores que condicionam as aprendizagens deste grupo, são a nível social e cognitivo.</p>	<p>Professora C – É uma turma de vinte e seis alunos, maioria rapazes. Muito agitada e conversadora, com dificuldade em cumprir regras. Os alunos possuem uma grande heterogeneidade de conhecimentos.</p>

		Os fatores que condicionam as aprendizagens prendem-se com a dificuldade de concentração.
	<p>Educadora D - trata-se de um grupo heterogéneo, constituído por vinte e cinco crianças com idades compreendidas entre os três e os cinco anos.</p> <p>É um grupo muito ativo, interessado, mas com poucas regras e alguma dificuldade a lidar com situações de contrariedade.</p> <p>Os fatores que condicionam as aprendizagens, devem-se ao facto de ser um grupo muito grande e com uma grande heterogeneidade, o comportamento e o espaço educativo, não é de todo o mais apropriado para vinte e cinco crianças.</p>	<p>Professora D - Trata-se de uma turma com vinte alunos, (turma reduzida, pois possui dois alunos com NEE, mas bastante funcionais e perfeitamente integrados na turma) sendo que dezoito frequentam o 4.º ano e dois frequentam o 3.º ano. De um modo geral é uma turma heterogénea, com bom aproveitamento e comportamento e com grande espírito de colaboração.</p> <p>Os fatores que condicionam as aprendizagens de alguns alunos, deve-se ao pouco apoio que tem em casa.</p>
Prática pedagógica e diferenciação pedagógica	<p>Educadora A – Entende que a diferenciação pedagógica “é uma estratégia que intervém na zona de desenvolvimento proximal “intermédio” e que procura servir de andaime ao desenvolvimento de cada criança, para que esta se sinta capaz e feliz consigo mesma desejando aprender.”</p> <p>No que respeita às estratégias de diferenciação, a educadora refere que “é importante ouvir todos e não só os mais ativos”, e que o reforço positivo devia ser mais utilizado.</p> <p>“A valorização das pequenas coisas, por vezes são marcos inequívocos de superação de etapas futuras.”</p>	<p>Professora A – Entende que a diferenciação pedagógica serve para “promover a igualdade de oportunidades de sucesso dos alunos, não sendo indiferente às diferenças, de modo a permitir que cada aluno desenvolva as suas capacidades ao seu ritmo”.</p> <p>No que respeita às estratégias “um professor, atento e responsável, deverá usar materiais adequados, que permitam ao aluno relacionar, associar e reconhecer elementos novos da aprendizagem”. Deste modo, “tento que a minha prática pedagógica conduza ao sucesso da aprendizagem, tendo em conta: o nível de dificuldade das atividades propostas, deve estar</p>

	<p>Contudo, o fator tempo condiciona a implementação de estratégias de diferenciação pedagógica.</p>	<p>ao alcance de todos os alunos; garantir a resolução mínima dos exercícios por todos os alunos quando surge um novo conteúdo; as correções necessárias não devem ser feitas de forma destrutiva, mas sim em forma de sugestão, ou de incentivo ao debate”.</p> <p>Valorizando sempre o reforço positivo. Quanto aos fatores que condicionam as estratégias de diferenciação, esses podem estar relacionados com os próprios alunos (fatores internos), o tempo e a própria organização pedagógica. Contudo, a maior dificuldade é o apoio individualizado em turma numerosas, com vários níveis de ensino, que impedem o professor de ter uma maior facilidade na gestão diferenciada do tempo.</p>
	<p>Educadora B – Entende que a diferenciação pedagógica visa adequar as estratégias por ela utilizadas a cada criança. Pois, “uma estratégia que resulte com uma criança não significa que resulte com as outras.”</p> <p>No que se refere às estratégias de diferenciação, esta educadora defende o uso do “conceito de Scaffolding uma vez que, nessa faixa etária é importante que as crianças descubram o mundo que as rodeia e como interagir através de situações em que estão apoiadas por adultos e que as crianças possam testar as suas competências.”</p> <p>Referiu também que até ao momento não sentiu dificuldade nem impedimento de</p>	<p>Professora B – Entende que é um conjunto de medidas que visam adaptar o processo de ensino-aprendizagem às necessidades de cada aluno.</p> <p>No que se refere às estratégias utilizadas, destaca as fichas diferenciadas; o apoio individualizado; o tempo de estudo autónomo; materiais diferenciados e recurso a computadores.</p> <p>Quanto aos fatores que condicionam essas estratégias, referiu a extensão do programa e a heterogeneidade dos alunos. No que respeita às dificuldades sentidas ao implementar essas estratégias o fator tempo e os recursos foram os mais relevantes. Para gerir essas</p>

	implementar a diferenciação pedagógica.	dificuldades opta por fazer grupos de nível.
	<p>Educadora C - “É sem dúvida o respeito pelo ritmo e a individualidade de cada criança”. No que respeita às estratégias tenta organizar atividades paralelas e adequadas aos diferentes grupos etários, para que os grupos não se dispersem. E reserva sempre um espaço de inclusão para as crianças com NEE.</p> <p>Quanto aos fatores que condicionam essas estratégias de diferenciação, refere que a maior parte se prende com questões de origem social e cultural que condicionam as ações da sua prática. Para gerir essas dificuldades propõe um leque variado de experiências, de modo a que cada criança se consiga identificar.</p>	<p>Professora C – Entende que é a capacidade de respeitar os ritmos e interesses de cada aluno, integrando-o sempre no grupo.</p> <p>No que respeita às estratégias que utiliza, mencionou que o TEA uma hora diária permite trabalhar determinados conteúdos ou competências sejam estas trabalhadas em grupo ou individual. Ressalva ainda o facto de se poder sentar com um aluno específico para lhe explicar alguma dúvida (exemplo: cálculo mental).</p> <p>Quanto aos fatores que condicionam essas estratégias mencionou o tempo letivo que se tem de cumprir em determinadas áreas curriculares; o número de alunos para as horas de apoios semanais; os professores de apoio; tempo para dar feedback aos alunos sobre os seus trabalhos. A dificuldade que sente ao implementar a diferenciação pedagógica prende-se com o fator tempo e na qualidade dos materiais disponibilizados aos alunos, de modo, a possibilitar bons materiais que leve à realização de uma boa atividade.</p> <p>Para gerir essas dificuldades tenta ser o mais organizada possível; recorre à ajuda da professora de apoio e essencialmente cede muito do seu tempo não letivo.</p>
	Educadora D – Entende que é “responder às características individuais de cada criança, aos	Professora D – Entende que é “a adequação e medidas de ensino, às diferentes realidades de sala

	<p>seus saberes, necessidades e interesses” tendo em conta a idade, o ritmo de aprendizagem o modo como aprende.</p> <p>Como estratégias de diferenciação promove atividades em pequenos grupos com necessidades e interesses semelhantes. Adapta os conteúdos consoante o desenvolvimento e aprendizagem da criança, proporciona jogos ou outro tipo de material que considere adequados àquela criança.</p> <p>Quanto aos fatores condicionantes refere o tempo e o espaço. As dificuldades na implementação da diferenciação pedagógica prendem-se com o facto de não se conseguir repartir, para poder responder a todas as solicitações. Porém, diariamente procura aproveitar todos os momentos para as apoiar.</p>	<p>de aula, de forma a garantir que todos atingem os seus objetivos”. Como estratégias, referiu que desde de sempre utilizou um conjunto de regras que permitem um clima de trabalho adequado para desenvolver atividades diferenciadas, podendo essas ser individuais ou em grupo.</p> <p>Outra estratégia que utiliza é colocar um aluno com mais dificuldade perto de um que tenha mais facilidade, de modo a que mutuamente se apoiem.</p> <p>Quanto aos fatores que condicionam as estratégias de diferenciação prende-se com o tempo e com a extensão do programa. No que respeita às dificuldades para colocar em prática a diferenciação, liga-se novamente ao fator tempo e aos espaços e recursos materiais.</p>
Planificação	<p>Educadora A – Referiu que planifica diariamente e utiliza a diferenciação pedagógica como uma estratégia.</p>	<p>Professora A – Mencionou que para além da planificação anual e mensal planifica diariamente as atividades tendo em conta as especificidades.</p> <p>Referiu ainda que tenta adaptar a metodologia de acordo com os conteúdos a serem abordados, pois todos os alunos são diferentes.</p>
	<p>Educadora B - Mencionou que no início do ano letivo elabora uma planificação anual, mensal e semanal. E ao longo do ano letivo só realiza mais planificações caso haja alguma alteração no calendário escolar. No que respeita à integração da diferenciação pedagógica nas suas planificações, referiu que</p>	<p>Professora B – Referiu que planifica semanalmente e que integra na sua planificação a diferenciação pedagógica de acordo com os conteúdos que estão a ser abordados.</p>

	não planifica com esse intuito, porém programa tendo em conta as estratégias que possa vir a implementar.	
	Educadora C - Refere que planifica diariamente. Na sua planificação integra a diferenciação pedagógica como estratégia, além disso faz um levantamento acerca de cada família de modo a conseguir compreender os seus costumes e hábitos culturais.	Professora C – Referiu que realiza uma planificação anual e por período (organizada por semanas), sendo que nessas semanas sempre que necessário ajusta às necessidades da turma.
	Educadora D - Refere que o departamento de educação pré-escolar faz uma planificação trimestral. E individualmente planifica mensal e semanal. Na sua planificação além dos objetivos gerais e específicos, procura adaptar atividades de modo a chegar a todas as crianças.	Professora D - Mencionou que além da planificação anual, mensal e semanal, também planifica diariamente. Referiu que como trabalham em grupo de ano, apenas na planificação diária é que coloca as estratégias diferenciadas que vai utilizar.
Organização do ambiente educativo	Educadora A – Referiu que é fundamental a organização do ambiente educativo para a prática da diferenciação pedagógica, uma vez que “a gestão do tempo, do espaço e dos materiais espelha como se gere um grupo e se partilha o poder.” Por exemplo; na gestão do tempo é importante que haja momentos em grande grupo, pequeno grupo e individual. No que respeita à preparação dos materiais, tem em conta a diversidade das crianças. Por norma utiliza a metodologia do MEM; <i>High Scope</i> e <i>Regio Emilia</i> (esta última não é muito utilizada).	Professora A – Referiu que a aprendizagem cooperativa (MEM) facilita os alunos, ao mesmo tempo que promove atitudes de colaboração permitindo uma troca de experiências e saberes. No que respeita a organização do ambiente educativo, dispõe das mesas em “U” para facilitar a circulação assim como permite uma abordagem individual e coletiva. Quanto à preparação dos materiais tem em conta as diferentes atividades, logo os diferentes materiais a utilizar.
	Educadora B – Mencionou que este tem de lhe dar suporte para permitir a diferenciação, ou seja;	Professora B – Referiu que uma boa organização estrutural, permite criar um bom ambiente

	<p>“se estou a trabalhar com um grupo, tenho de ter alguém a trabalhar com o outro de modo a permitir a minha dedicação ao mesmo.”</p> <p>No que confere à preparação dos materiais, prepara sempre de acordo com o grupo, assim como adequa a gestão de tempo de acordo com o grupo.</p>	<p>educativo e relacional entre alunos-professor, professor-alunos e alunos-alunos.</p> <p>Quanto à preparação dos materiais, mencionou ter em conta a diversidade dos alunos de acordo com o tipo de atividade a desenvolver.</p> <p>No que respeita à gestão do tempo, nos momentos de Apoio ao Estudo (mais individual) cada aluno trabalha a área em que tem mais dificuldade, tendo como auxílio a preparação de materiais tais como; fichas, jogos ou outros. Nos restantes momentos, o grande grupo realiza determinadas tarefas enquanto os alunos com NEE realizam trabalho diferenciado.</p>
	<p>Educadora C – mencionou que na sua ótica, é importante promover o espaço educativo de modo a que este se torne acolhedor, ao mesmo tempo que proporciona às crianças aprendizagem, pois podem usufruir de todas as áreas sem restrição.</p> <p>Na preparação dos materiais, menciona que tem sempre em conta a diversidade das crianças até porque integra crianças com NEE, sendo que algumas delas são muito pequenas.</p> <p>Quanto à gestão do tempo, tenta organizar o tempo em períodos, nos quais valoriza o trabalho em grande grupo, pequeno e individual.</p>	<p>Professora C – Mencionou a importância de um ambiente em constante monitorização dos conhecimentos e conquistas de cada aluno, proporcionando momentos semanais de partilha de dificuldades e sugestões de apoio. Dando grande ênfase à cooperação e aceitação do erro e dificuldade. Para tal utiliza diários de turma, registo de apoio TEA semanal, listas de verificação coletivas e individuais e conselho de turma (MEM).</p> <p>No que respeita à preparação dos materiais, para o TEA tem fichas com dois ou mais níveis de dificuldade, por exemplo. E sempre que se justifique prepara materiais manipuláveis de acordo com os conteúdos a lecionar.</p> <p>Quanto à gestão do tempo tendo em conta a diversidade de alunos, conta com o auxílio da professora de apoio (uma hora</p>

		diária) e também proporciona momentos de sistematização de conteúdos, umas vezes realizados a pares, outras individual para que cada aluno tenha a noção do que consegue ou não fazer.
	<p>Educadora D – Mencionou que o ambiente educativo é muito importante, pois facilita o desenvolvimento e aprendizagem de cada criança, desde o modo como os materiais estão dispostos, à organização da sala em si.</p> <p>Quanto à seleção de materiais didáticos, procura proporcionar materiais diversificados desde que estejam aptos para a criança em questão.</p> <p>Quanto à gestão do tempo, procura criar uma rotina diária onde inclui atividades de grande grupo, pequeno, a pares e individual.</p>	<p>Professora D – Mencionou que dá grande importância à organização do ambiente educativo, e sempre que necessário altera por exemplo a disposição das mesas (no início do ano coloca as mesas em “U” e consoante a evolução das aprendizagens ou sempre que as atividades o permitam, altera a sua disposição).</p> <p>Quanto à preparação de materiais, tenta sempre adaptar os materiais de modo a que todos tenham acesso e consigam desenvolver a atividade pretendida.</p> <p>Na gestão do tempo, tendo em conta a diversidade dos alunos, se uma tarefa demora mais do que estava previsto abdica da atividade que viria a seguir, passando para outra parte do dia ou até mesma para outro dia da semana. O fundamental é que os alunos tirem o máximo partido de cada aprendizagem.</p>
Tipos de avaliação	<p>Educadora A – Privilegia a avaliação individual do dia (o que aprendeu; o que já consegue fazer; o que gostou) avaliação de grupo. Por exemplo; a apresentação dos trabalhos realizados, no tempo de recordar promove a valorização de atitudes assertivas.</p> <p>No que respeita aos domínios de avaliação, privilegia todos pois “permitem perceber aquela</p>	<p>Professora A – Privilegia a avaliação contínua que culmina com uma avaliação sumativa para verificar se os alunos atingiram ou não os objetivos.</p> <p>Quanto aos instrumentos de registo considera também importante a avaliação formativa e as grelhas de observação e registo.</p> <p>No que respeita aos domínios de avaliação, considera que todos</p>

	<p>criança e como ela está a crescer, todos eles naquele momento permitem perceber o que está aquela criança a tentar desvendar/alcançar/perceber...e como está a crescer/aprender.”</p> <p>Refere ainda que a avaliação evidencia a diferenciação pedagógica, quando “ela ilustra aquela criança em todos os domínios, nos seus esforços, nas suas conquistas e nas suas limitações.”</p>	<p>têm um peso na mesma, porém dá mais relevância ao esforço que o aluno faz, ao seu interesse, tendo em conta também o domínio cognitivo que é muito importante.</p> <p>Menciona ainda que a avaliação “fornece-nos o feedback para percebermos se a diferenciação está a resultar ou não. No entanto, não poderá haver diferenciação pedagógica sem um profundo conhecimento do aluno e do grupo”.</p>
	<p>Educadora B – Como se encontra na valência da creche utiliza a observação, os registos diários e o registo fotográfico. Nesta faixa etária, privilegia as grelhas de avaliação com instrumento principal.</p> <p>Quanto aos domínios de avaliação, refere que privilegia um pouco de cada dependendo da atividade em si.</p> <p>Para esta educadora a avaliação não evidencia a diferenciação pedagógica, todavia os resultados da avaliação serão mais satisfatórios se a aplicar.</p>	<p>Professora B – Privilegia as avaliações formativas; pequenas fichas de trabalho e as atividades realizadas diariamente.</p> <p>Quanto aos instrumentos que utiliza, mencionou as grelhas de registo de evolução semanal, e as grelhas de observação.</p> <p>No que respeita aos domínios privilegiados na avaliação, mencionou que todos os referidos na pergunta devem estar presentes. Porém, considera “que a aprendizagem está comprometida se a parte emocional também estiver. A pré-disposição dos alunos para a aprendizagem é fundamental em todo o processo”.</p> <p>Quanto à evidência da diferenciação pedagógica na avaliação, mencionou que essa evidência verifica-se nas fichas de avaliação diferenciadas e na adaptação dos critérios de avaliação.</p>
	<p>Educadora C – Na avaliação privilegia uma avaliação personalizada, com diferentes graus de dificuldade, consoante as necessidades, uma vez que</p>	<p>Professora C – Quanto à avaliação privilegia a avaliação quantitativa/sumativa uma vez por período (fichas de avaliação) e a avaliação qualitativa/diária</p>

	<p>tem crianças desde os três aos cinco anos.</p> <p>Na avaliação utiliza os mapas para as diferentes tarefas, de modo a que as crianças tenham muita autonomia, utiliza as grelhas de observação e lista de verificação para perceber em que nível de desenvolvimento a criança está.</p> <p>Quanto aos domínios que privilegia, refere que todos os referidos na questão são importantes, pois só assim é que se consegue perceber se aquela criança já domina ou não aquela aprendizagem e quais as dificuldades que sente.</p> <p>Quanto à avaliação que realiza, menciona que é importante que essa avaliação seja feita entre a escola, a família e todos os envolvidos na aprendizagem da criança, pois na sua ótica, só assim é possível evidenciar essa prática pedagógica.</p>	<p>como por exemplo; o balanço do dia; o conselho de turma e os cadernos de TEA. Referiu que os instrumentos que privilegia na avaliação dos seus alunos, passam pelo diálogo aberto (em turma ou individual), registo de listas de verificação (individuais-preenchidas por eles, e com feedback) e as coletivas.</p> <p>Quanto aos domínios “acho que cada criança precisa, em diferentes fases do seu desenvolvimento diferentes feedbacks por parte do adulto. O importante é conhecermos os nossos alunos e sermos capazes de adaptar todos esses domínios de forma a que ajudemos cada um a evoluir dentro das suas características”.</p> <p>A avaliação “tem como principal objetivo ajudar o aluno a ter consciência de si próprio, como ser em construção”. Mencionou ainda que a avaliação a seu ver deve ser contínua, como um livro aberto e de preferência construída em conjunto com a turma onde cada criança está inserida.</p>
	<p>Educadora D – Menciona a realização de uma avaliação contínua e formativa, onde avalia o que as crianças conseguem e o que ainda não conseguem. Por norma utiliza como instrumento de registo grelhas de observação, registos descritivos e registos do que as crianças dizem.</p> <p>Quanto aos domínios que privilegia, menciona os de carácter cognitivo e de interação,</p>	<p>Professora D – Refere que a estratégia que privilegia na sua prática é a avaliação formativa (observação diária), dá muito valor ao empenho, participação e esforço que o aluno faz. Quanto aos instrumentos de registo que privilegia mencionou, as listas de verificação, as grelhas de observação e os cadernos diários dos alunos.</p> <p>No que respeita aos domínios que privilegia na avaliação, refere que é importante existir</p>

	<p>por considerar que são mais individuais.</p> <p>No que respeita à evidencia da diferenciação pedagógica na avaliação, refere que se os objetivos específicos que foram propostos para uma criança ou grupo foram alcançados, então é porque as estratégias planificadas resultaram.</p>	<p>um pouco de cada domínio tendo em conta o aluno, o seu historial, por norma privilegia o que melhor se adequa a cada um. O mesmo acontece quando na avaliação evidencia a diferenciação pedagógica.</p>
--	--	--